

IV Simpósio Internacional de História: Cultura e Identidades

13 a 16 de outubro de 2009
Goiânia, Goiás, Brasil



Apresentação

Programação

Resumos dos
trabalhos apresentados

Textos completos

Expediente

Realização



associação nacional de história

Promoção

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG)

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC)

Programa de Pós-Graduação em História - UFG

Faculdade de História - UFG

Programa de Pós-Graduação em História - UCG

Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central - IPEHBC



Comissão Organizadora

ANPUHgo, Diretoria 2008/2009

Maria Amélia Garcia de Alencar, Presidente
Heloísa Selma Fernandes Capel, Vice-presidente
Fabiana de Souza Fredrigo, Primeira-secretária
Euzébio Fernandes de Carvalho, Segundo-secretário
Libertad Borges Bittencourt, Primeira-tesoureira
Diane Valdez, Segundo-tesoureiro

Criação e Produção



Autoração de Cds e Dvds
(62) 8417-5858
contato@zutto.com.br

Aviso sobre o ISSN

O ISSN - Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas (International Standard Serial Number) desta publicação foi solicitado ao IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, não tendo sido informado a tempo da fabricação deste material. Esta informação será publicada no site da ANPUH/GO tão logo a organização do evento receba o número.

Contatos

Universidade Federal de Goiás (UFG)
Faculdade de História – Associação Nacional de História, seção Goiás (ANPUH/GO)
Campus Samambaia, Caixa Postal 131 CEP 74.001-970
Goiânia – Goiás – Brasil
Fone: 62 3521-1263
www.fchf.ufg.br/historia/anpuhgo | anpuhgo@yahoo.com.br



IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

13/10 - terça-feira

A CIDADE COMO METÁFORA DO CAOS: ORDENAMENTO URBANO E CONTROLE DO COTIDIANO NO BRASIL DA BELLE ÉPOQUE

Carlos Martins Junior

cmartins@dr.com

Frente às incertezas políticas e às transformações estruturais ocorridas no Brasil na virada do século XIX para o XX, as elites dirigentes nacionais delinearam, respaldadas pelo discurso científico, um abrangente projeto social visando à submissão das camadas populares, fundamentado em dois movimentos simultâneos. De um lado, promoveu-se uma ideologia valorizadora do trabalho, articulada aos conceitos complementares de “ordem” e “progresso”. De outro lado, sob a justificativa de ordenar o “caos urbano” com o intuito de coibir a “mistura de corpos”, que punha a sociedade sob a ameaça da “doença” física e moral, da “anarquia” das raças, dos sexos e das chamadas “classes perigosas”, impunha-se um contínuo esquema de vigilância e repressão das práticas cotidianas da população urbana, sobretudo dos membros das camadas populares, com vistas a transformá-los em cidadãos “morigerados”, processo definido, no plano semântico, pelo termo “civilização”. Este artigo propõe uma reflexão sobre os aspectos que ensejaram esse projeto “civilizatório”, suas características e os impactos sobre o cotidiano dos populares.

NO PALCO DA CIDADE.

Marcos Antonio de Menezes

pitymenezes@terra.com.br

A literatura modernista que nasce no mesmo tempo das metrópoles conta parte da vida dos seus moradores. Em Baudelaire, o dilema do fim dos tempos históricos está posto. A cidade vira material poético, depende de como é vista. A cidade moderna aparece pluralista. A lírica produzida sobre as elas é em grande parte um diálogo com o eu e com o outro. Tudo parece esquizofrenia. A cidade de Baudelaire é a Roma ressurgida, flor tardia do iluminismo tem uma plasticidade rígida e é dominada pela burguesia. A Paris de Baudelaire apresenta os disfarces: suas fachadas escondem a miséria, só que as reformas de Napoleão III e a desintegração das formas sociais e a derrocada das hierarquias naturais, a mostra: mostra problemas de relações numa sociedade que oferece apenas uma explicação falsa e hipócrita para o inter-relacionamento de suas partes. Na poesia baudelaireana esta cidade é a metáfora por onde se expressam estes problemas relacionais. Para ele as massas são abstrações da mesma ordem do substantivo solidão.

RETRATO URBANO: VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE 1ª CAPITAL DE MATO GROSSO.

João Bosco da Silva

joao.silva@seduc.mt.gov.br

O ideal de cidade em que houvesse equidade e que seus habitantes fossem felizes é sonho perseguido por arquitetos, edificadores e governantes. Mas, o que é a cidade ideal? Argan (1998) argumenta que a chamada cidade ideal nada mais é do que um ponto de referência em relação ao qual se medem os problemas da cidade real. Partindo desse parâmetro, tal busca tem sido meta de todos aqueles que procuram desenvolver projetos visando à melhoria da qualidade de vida de moradores. No final do século XVII, nasce na Europa o Iluminismo. Filosofia que procurou na ciência resolver problemas sociais. Planejar ambientes saudáveis fazia parte da arte de edificar. Portugal e seu império colonial foram alcançados por essa maneira de planejar. Espalham-se pelo império luso, projetos urbanísticos concebidos sob régua e compasso. É nesse contexto que Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital da Capitania de Cuiabá e Mato Grosso, deve ser entendida e estudada. Este artigo demonstra os fatores que levaram autoridades portuguesas a pensar e edificar um ambiente urbano na região guaporeana e para lá levar todo aparato burocrático governamental

A REVITALIZAÇÃO DA AVENIDA GOIÁS: SÍMBOLOS E DINÂMICAS.

Katianne de Sousa Almeida – Mestranda em Antropologia Social – UFG
ksantropologia@gmail.com

Goiânia é uma cidade que tem várias marcas, uma delas é ser o paradigma do urbanismo moderno brasileiro. Porém, identificar-se com esta imagem não a faz escapar do caos de um rápido e desordenado crescimento urbano. O ideal e o vivido desafiam as buscas de propostas conciliadoras e viáveis para intervenções capazes de reabilitar os lugares considerados degradados morfológica e socialmente. Neste estudo de Goiânia escolheu-se esmiuçar as percepções de diversos agentes sociais (comerciantes, arquitetos, moradores, gestores) sobre a Avenida Goiás. Esta proposta de pesquisa pretende explorar as várias dimensões do campo das relações entre urbanismo e as práticas sociais, especialmente nos processos de revitalização urbana e, em particular, analisar o projeto de gestão urbana da administração de Pedro Wilson (2000–2004), ou seja, a implementação do Projeto de Requalificação da Avenida Goiás (2003) e seus desdobramentos sociais. A pesquisa se torna relevante, porque além de levantar os discursos dos diversos grupos sociais envolvidos no processo de revitalização da Avenida Goiás, procura entender de que forma essa política governamental contribuiu ou não no desenvolvimento social e urbano da cidade de Goiânia.

“DEUSA DO IGARAÇÚ”: REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DA CIDADE DE PARNAÍBA, 1910 A 1930.

Lêda Rodrigues Vieira
ledahistoria@gmail.com ou vieiraleda@yahoo.com.br

A cidade vem sendo construída sob diversos discursos, imagens e olhares, podendo comportar, de acordo com o ângulo escolhido – racional, planejado ou consumido, diferentes fazeres ou dizeres. Atualmente, as discussões sobre cidade contemplam um campo amplo de abordagens, desde o político e econômico ao material e simbólico. Quanto ao olhar simbólico são percebidos gestos, comportamentos, imaginários, sensibilidades e sociabilidades. Enfim, um conjunto de percepções do viver urbano que passou a ser alvo de estudos de historiadores partidários de uma história cultural urbana. Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é entrar no mundo das representações que definem o espaço social da cidade de Parnaíba nas três primeiras décadas do século XX, através de crônicas e poesias, tomando-as como uma das formas de acesso ao real, através do imaginário social urbano reproduzido pelos literatos do referido período.

RIO DE JANEIRO ENTRE MORROS E AVENIDAS: CONCEPÇÕES DE CIDADE(S) NAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO E OLAVO BILAC.

Radamés Vieira Nunes
radamesnunes@yahoo.com.br

Olavo Bilac e Lima Barreto, de lugares diferentes, em periódicos com propostas diferentes, com intenções quase sempre diversas, criaram concepções de cidades que queremos confrontar para entender melhor a conexão entre cidade, crônicas e cronistas. Posicionamos nossas lentes de observação nas páginas dos periódicos, para investigar as imagens do Rio de Janeiro criadas pelos cronistas cariocas, que nos dão a impressão de que a cidade se multiplicou em cidades que se interagem e se misturam. Do alto do morro, alguém observa a Avenida Central; da Avenida, outra pessoa observa o morro; do morro um sujeito assusta-se ao ver que hábitos da avenida subiam morro acima; da avenida, alguém olha e se espanta ao notar que costumes e tradições do morro passeavam pela aplainada e larga rua. Muitos se surpreenderam ao acompanhar o morro que se tornou em avenida. Desses possíveis olhares se formaram as crônicas, ou melhor, a cidade feita texto que retornou às ruas como cidades possíveis, ou quem sabe, recortes da Capital Federal. Bilac e Barreto nos oferecem suas visões literárias e/ou jornalísticas do espaço urbano do Rio de Janeiro no momento em que as ruas eram foco de atenção não só da imprensa, mas de toda a sociedade carioca.

MARCHA VAI PARA OESTE: CAMPO GRANDE ESTÁ EM SEU CAMINHO.

Carlos Alexandre Barros Trubiliano – SED/MS
trubiliano@hotmail.com

O Estado Novo (1937-1945) foi um período de significativas mudanças para o Mato Grosso. O programa de colonização intitulado Marcha para Oeste, anunciado pelo Presidente Vargas, em 1937, renovou não só as perspectivas de desenvolvimento para o Estado, mas, ao mesmo tempo, abriu a possibilidade da chegada de novos agentes sociais, representados, de um lado, por empreendedores/investidores e, de outro lado, por novos personagens urbanos, a exemplo de trabalhadores, jogadores, prostitutas, etc. Em linhas gerais, ambos poderiam significar ameaça às elites dominantes locais. Nesse sentido, o presente artigo pretende discutir, os reordenamentos, que ocorreram, à época, no interior dessas elites que, simultaneamente, se empenhavam na elaboração e/ou no reforço de imagens positivas sobre o Estado, no intuito de, definitivamente, apagar o “estigma da barbárie” que tradicionalmente o caracterizava.

LEITURAS DA CIDADE DE GOIÂNIA PELA CONTÍSTICA DOS ANOS 60 E 70.

Marilúcia Mendes Ramos – UFG
marilucia_ramos@uol.com.br

Na narrativa curta, porque breve e densa, os trabalhos da enunciação direcionam o assunto para seu desfecho com a máxima economia e expressão. O autor do conto é um ser social que captou e representou a ambiência de sua época, figurando como reflexo de seu tempo e espaço. Os sentidos e os sentimentos expressos pelo artista afastam-se das idéias dominantes, permitindo a ele voltar seu olhar para o que deseja e transformar em discurso a realidade que observa, faz, portanto, escolhas como afirma Foucault. Nas décadas de 60 e 70 Goiânia experimentou um crescimento em todas as áreas, colocando-se em sintonia com a onda de modernização que envolvia o país. No plano cultural, dentre outras conquistas, houve um “boom” da contística, associado à experimentação e renovação de técnicas narrativas e temáticas. As transformações desse tempo foram captadas pelo olhar do escritor da época e representadas em contos como “Margarida” e “Nua e azul”, de Marietta Telles, e “Débora” e “A doméstica”, de Maria Helena Cheim, ambas integrantes do GEN, e também em contos de A cidade do ócio, de José Mendonça Teles, autores que leram a urbe por suas metáforas, conforme se discutirá à luz de Calvino, Gomes e Lynch.

14/10 - quarta-feira

MODERNIDADE IMPRESSA: O INTERESSE DAS REVISTAS PELO ESPAÇO ARQUITETÔNICO E URBANO NO RIO DE JANEIRO (1902-1934).

Rafael Alves Pinto Junior
rafaeljuniorcefet@gmail.com

Este trabalho procura identificar o interesse das publicações periódicas pela arquitetura e pelo espaço urbano e seu papel enquanto construtor de um imaginário de modernidade, no Rio de Janeiro, entre 1902-1934. Interesse este que coincide com um momento importante da capital federal: a reforma urbana de Pereira Passos. Objetiva também identificar a natureza destas publicações e a imagem de espaço arquitetônico veiculado em suas páginas. Uma imagem correspondente à ascensão do estilo Neocolonial, sua afirmação e difusão.

REFLEXÕES SOBRE A CIDADE DE CHÃO VERMELHO

Clarismar Gomes de Abreu – UFG
clarismargomes@yahoo.com.br

Nossa proposta neste trabalho será promover algumas reflexões sobre a cidade de Goiânia em seus anos iniciais. Para tanto, recorreremos ao romance Chão Vermelho, escrito na década de 50 por Eli Brasiense. Acreditamos que a literatura apresenta uma cidade sob um olhar privilegiado, capaz de revelar sociabilidades e materialidades em tempos-espacos que imperceptíveis em outras fontes históricas. A narrativa do romance traz uma cidade marcada pela multiplicidade, contrapondo-se a discursos que tentam homogeneizar a cidade. Assim, percorreremos essas trilhas da multiplicidade presente nas linhas do Romance Chão Vermelho.

O LUGAR PECULIAR NA IDENTIDADE URBANA.

O CASO DO PARQUE “ENCONTRO DOS RIOS” – TERESINA – PIAUÍ

Caio Frederico e Silva – UNB
caiosilva@unb.br
Marta Adriana Bustos Romero – UNB
romero@unb.br

Na história, os espaços públicos foram essencialmente os que mais representaram lugares cheios de significados para o imaginário coletivo, podem ser classificados conforme a qualidade de seus espaços públicos, que, quando integram positivamente o construído ao natural, tornam-se imbuídos de caráter, transformando-se num forte símbolo urbano, a exemplo do Parque Encontro dos Rios, ícone da cidade de Teresina. Para esta análise, este trabalho se apóia nos conceitos de genius loci (Norberg-Schuz, 1980), espírito do lugar, e topofilia (Tuan, 1980), ao tempo em que dialoga com vários autores acerca dessa dinâmica do espaço urbano.

A CIDADE E O CRONISTA: MODERNIDADE CARIOCA E A CRÔNICA DE JOÃO DO RIO.

Amanda Danelli Costa
amandadanelli@yahoo.com.br

O Rio de Janeiro enfrentou reformas nos séculos XIX e XX que diagnosticaram seus problemas e propuseram soluções. Esta comunicação tem como objetivo salientar algumas continuidades e outras

descontinuidades na maneira de pensar e planejar a cidade. A hipótese central deste trabalho é a de que os projetos para a cidade buscaram os resultados da modernidade, mas não conseguiram traduzi-los perfeitamente de acordo com as especificidades cariocas. Este argumento é também entrecruzado com a obra do cronista João do Rio, que elaborou uma crítica sobre a tensão moderna que a cidade do Rio de Janeiro experimentou nas duas primeiras décadas do século passado.

A FEIRA LIVRE CENTRAL DE CAMPO GRANDE, MS, E A POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA CIDADE MODERNA.

Lenita Maria Rodrigues
lenitamar@bol.com.br

Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul é uma cidade que completa 110 anos em 2009, e que cresceu com vistas na modernidade. A Feira Livre Central tem uma história de 84 anos entremeadas com a história da própria cidade. A Feira Livre Central foi transformada e transformou-se em patrimônio urbano, acompanhando o movimento de “entender-se moderna” que a cidade opera, para isso foi preciso que a memória fosse construída sobre a Feira e que essa memória fornecesse embasamento para a continuidade da história. Sendo assim, o texto apresentado para comunicação discute a possibilidade da construção da memória na cidade moderna e as formas apresentadas para que se estabeleçam os lugares da memória.

BRINCANDO NA PRAÇA XV DE NOVENBRO EM PRATA/MG

Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira
ivanildaj@yahoo.com.br

As discussões estabelecidas sobre o tema das cidades são permeadas pelas práticas cotidianas cidadãs resultantes do processo de urbanização. A experiência dos sujeitos históricos transforma-se em matéria prima para o historiador. Paul Veyne ressalta que os historiadores narram tramas que são tantas quantos forem os itinerários traçados por eles, mas “um caminho deve ser escolhido e não pode passar por toda parte; nenhum desses caminhos é o verdadeiro ou é a história.” Neste sentido, o presente estudo trata dos significados e lembranças daqueles que utilizam e/ou utilizaram o ambiente da Praça XV de Novembro em Prata/MG, principalmente do universo infantil permeado por brincadeiras singulares que se desenrolavam circularmente naquelas calçadas. Uma certa magia pode ser captada nas palavras de alguns depoentes quando lembram a infância ali vivida. Tais depoimentos são fundamentais para a leitura da praça “enquanto texto”, principalmente se pensarmos que “ou a vida é significativa ou a história é bem contada” e, desse modo, o importante é compreender que algumas vezes o que importa é a beleza das histórias a serem contadas.

UM ANTROPÓFAGO FORJADO EM AÇO: A CONSTRUÇÃO DE UMA CIDADE FUTURISTA POR OSWALD DE ANDRADE E SEUS INTERLOCUTORES.

Leonardo de Carvalho Augusto
leonardodecarvalhoaugusto@hotmail.com

A preocupação inicial desta comunicação é abordar a relação de Oswald de Andrade com outros modernistas - principalmente Mário de Andrade - e com a cidade de São Paulo, como uma tentativa de entrada para a análise de sua atuação como um vanguardista. O espectador perceberá também, que dentre as proposições estéticas oswaldianas ainda não consta, neste momento, uma idéia central para sua compreensão da cultura brasileira como um composto híbrido, o primitivismo. Entre 1917 e 1923, sua crítica se direciona num outro sentido, como se os olhares de Oswald estivessem concentrados em atacar um passado que não cabia mais e em erigir uma cidade que se vestia de aço, reivindicando o

futuro para si com o intuito de alavancar o país, deixando para trás tudo o que pudesse significar atraso. Neste sentido, é interessante levantar as questões que emergem desta situação histórica, na medida em que elas fundamentam – mesmo que pelo avesso – uma guinada representativa no pensamento de Oswald em direção ao primitivismo.

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “OBRA MARGINAL”: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO URBANA

Ana Rita Vidica

anavidica@gmail.com

Este artigo apresenta as primeiras reflexões sobre transformação da paisagem urbana por meio da fotografia, a relação estabelecida com as pessoas que habitam o espaço urbano, a mudança do olhar, o processo de produção e recepção a partir do meu projeto de intervenção fotográfica na Marginal Botafogo, via rápida localizada na cidade de Goiânia-GO. Este projeto, intitulado “Obra Marginal”, teve como proposta a realização de uma exposição fotográfica utilizando meios da própria via, outdoors e os seus muros, cujas fotografias retratam também o seu espaço, expostas durante 45 dias, com o objetivo de gerar questionamentos sobre o ambiente cotidiano urbano.

15/10 – quinta-feira

PROPOSTAS DE VISUALIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS INFORMACIONAIS

Vanderlei Cassiano Lopes Junior - UFG

vanderveget@hotmail.com

A introdução das novas tecnologias da informação vem mudando nossa noção de tempo e espaço. Tendo em vista os ambientes urbanos das grandes cidades, verifica-se que os mesmos reconfiguram-se, baseados no alargamento das possibilidades comunicativas, o que foi demonstrado por Manuel Castells (1999) na análise da relação entre o já conhecido “espaço de lugares” e o novo “espaço de fluxos”. A configuração do ciberespaço e suas complexas relações com o espaço urbano, apontam para as ciberurbes e para os territórios informacionais (LEMOS, 2007), sentidos quando acessamos a internet numa praça pública qualquer, por intermédio de um computador portátil e um sistema sem fio. O objetivo deste trabalho, dentro da proposta do Seminário Temático I, seria discutir as idéias de ciberurbe e territórios informacionais propostas por André Lemos, levando-se em conta o conceito de mídia locativa, proposto pelo mesmo autor e, por fim, demonstrar, com exemplos, e discutir, as representações poéticas existentes para estes espaços e suas limitações.

MEMÓRIA E HISTÓRIA EM DOIS TEMPOS

Valmir Batista Corrêa (DHI/CPAQ/ UFMS)

valmir.correa@uol.com.br

Tendo por finalidade reconhecer o lugar da memória na história regional, o presente trabalho trata de analisar dois livros de memórias, escritos por duas irmãs nascidas e criadas em Aquidauana, região do atual estado de Mato Grosso do Sul, Aglay Trindade Nantes e Jandira Trindade. Cada uma a seu modo relata as reminiscências da suas próprias vidas e de seus parentes ancestrais, porém ultrapassam a simples tarefa de construir um álbum de família. Os livros Morro Azul e Meu Lugar É Aqui são leituras obrigatórias para o conhecimento da história dos sertões e das cidades do Pantanal e, deste ponto de vista, como relatos de um tempo vivido, singular e que se confunde com a vida de um lugar, representam também o registro de uma memória coletiva.

O MOVIMENTO IMIGRATÓRIO DE SÍRIOS E LIBANESES PARA CAMPO GRANDE -MATO GROSSO DO SUL

Márcia Regina Cassanho de Oliveira – PPGH – UFGD/ FUNDECT
cassanho@nin.ufms.br

O presente trabalho visa discutir a vinda e fixação de sírios e libaneses para Campo Grande a partir de 1914, e o processo de aculturação da etnia árabe estudada a partir da documentação cartorial, da Junta Comercial e do Clube Libanês de Campo Grande, no antigo Estado de Mato Grosso, bem como de entrevistas com imigrantes e seus descendentes. Preliminarmente podemos concluir que a referida colônia mascateava pelo interior do Estado, vendendo todo tipo de produtos de primeira necessidade, fixando-se posteriormente em pontos de venda em Campo Grande, formando centros comerciais como os da Rua 14 de Julho e da Avenida Calógeras. Ramificadas, as famílias libanesas prosperaram em atividades diversas. Ao se depararem com uma sociedade em vias de se urbanizar, é natural que pendessem a tais atividades, aproveitando-se do comércio como um novo espaço de inserção profissional. De igual forma em relação ao Clube, podemos concluir que o mesmo teve por funções: a) agregar a grande colônia libanesa na cidade e, b) se projetar socialmente, tornando os imigrantes conhecidos e respeitados pela comunidade local, uma vez que eram eles os maiores comerciantes das mercadorias que abasteciam a cidade e todo o sul do antigo estado de Mato Grosso.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Simpósio Temático 2: Brasília e suas preexistências

Coordenadores: Lenora de Castro Barbo (UnB); Wilson Carlos Jardim Vieira Júnior (UnB); Andrey Rosenthal Schlee (UnB); Sylvia Ficher (UnB)

Terça-feira, 13 de outubro

14:00 h às 16:00 h

A ARQUITETURA RURAL DAS ESTRADAS COLONIAIS DO PLANALTO CENTRAL

Lenora de Castro Barbo

A pesquisa tem como objetivo investigar a arquitetura rural das estradas coloniais do Planalto Central, nos atuais limites do Distrito Federal/DF, com base na cartografia histórica e no relato de cronistas e viajantes, dos sécs. XVIII e XIX. A grande distância que separa Goiás do litoral resultou no estabelecimento de uma rede de antigas estradas coloniais e no desenvolvimento, especialmente nas casas rurais, de um modo de vida particular, com a adoção de soluções para os problemas que lhes eram próprios. Está sendo realizado o inventário de dez moradias rurais, localizadas em diversas cidades do atual DF, que foram antigas fazendas cujas terras foram desapropriadas para a construção de Brasília. Entretanto, conservam suas características tradicionais e deixam patente o contraste entre este patrimônio vernacular e as manifestações arquitetônicas modernistas de Brasília, demonstrando que o acervo patrimonial do DF extrapola os limites do Plano Piloto. É necessário resgatar a devida dimensão patrimonial e cultural que esse conjunto de fazendas antigas – preexistentes à inauguração da Capital – tem no registro da história do território do DF. A redescoberta dos caminhos reais no Planalto Central permitirá uma série de ações voltadas para a proteção do seu patrimônio cultural e a reafirmação da sua importância histórica.

CONIC: LUGAR-COMUM

Ana Vitória Sampaio Castanheira Rocha

Rosecleide Neves Branco

Este trabalho visa destacar as inúmeras facetas do Conic, o considerando como patrimônio. Esse local no centro de Brasília é ofuscado pela grandeza da Esplanada e a majestuosidade de seus monumentos. O Conic recebe milhares de transeuntes diariamente, porém poucos não concebem a idéia do lugar como patrimônio histórico da capital. Se o Conic encontra-se em verdadeiro abandono físico, a diversidade sócio-cultural pode ser facilmente valorizada. Ponto de encontro de diversas tribos e crenças o Conic se

transforma em um lugar comum. Tanto a garota de programa quanto o pastor evangélico encontram o seu espaço. Esta pesquisa faz parte do Projeto Sujeitos, Cultura, História e Meio Ambiente nos 50 anos de Brasília, que visa identificar a atuação dos sujeitos na construção da cidade; cultura e meio ambiente são referenciais para pensar a cidade nestes 50 anos.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE BRASÍLIA: ASPECTOS SUBJETIVOS DE UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA

Francisco Neylon de Souza Rodrigues

Os aspectos ideológicos pensados e que motivaram a mudança da capital federal para a região Centro-Oeste estavam amparados, de certa forma, por duas questões: o sonho pessoal e institucional da política de Juscelino Kubitschek e o contexto econômico desenvolvimentista que o Brasil vivia. Isso se expandia para todos os espaços sociais da nova Capital: o urbano, a arquitetura, a escola, entre outros. Essa pesquisa consiste em estudar os aspectos subjetivos configurados pelos agentes escolares em relação à complexa e multifacetada ideologia contida no Plano de Construções Escolares de Brasília, desenvolvido por Anísio Teixeira, que propusera um novo caminho para a educação, sendo Brasília um modelo a ser seguido. Que rumo tomou as idéias de Anísio Teixeira nas escolas-modelos de Brasília? A Teoria da Subjetividade desenvolvida por Gonzalez Rey que trata os processos subjetivos como individuais e sociais e como os sujeitos configuram em suas experiências os processos emocionais e simbólicos dos espaços sociais que transita de forma que agrega todas as outras experiências dos indivíduos, como um tecido complexo, serve como escopo teórico dessa pesquisa e para a construção da história da educação de Brasília pelo estudo da singularidade.

PARA SAIR DO LABIRINTO DO SERTÃO: GOIÂNIA E BRASÍLIA EM PEIXOTO DA SILVEIRA (DÉCADAS de 40 a 60)

Wilton de Araujo Medeiros

Neste trabalho pretendo analisar a relação entre Goiânia e Brasília a partir do livro *A nova capital: porque, para onde e como mudar a Capital Federal*, publicado por Peixoto da Silveira em 1957 e que reúne diversos textos do autor, datados desde 1940. Esses textos expressam as múltiplas ações de Silveira, que atuou como médico, político e escritor, fundamentam a construção de Brasília enquanto solução geral para os problemas tanto do litoral quanto do sertão. Compõe uma retórica e um estilo pessoal que mescla realidades e representações. Apresenta dados reais, sejam eles da economia por meio de estatísticas, sejam advindos do processo de urbanização por meio do exemplo da construção de Goiânia. Uma representação marcante é a dos problemas como labirintos. Entre a realidade e a representação, a construção de Brasília é apresentada como uma panacéia, um “fio de Ariadne” (SILVEIRA, 1957: 83). O próprio Silveira perseguiu Brasília como se fosse um guia em toda a sua carreira. Sempre mescla realidade e representação, em muitas outras publicações além destas que analiso. Porém, em todos os textos, o espaço concreto a partir de onde articula suas ações e ponderações é sempre Goiânia.

16:00 h às 18:00 h

CO-RELAÇÃO ENTRE O PATRIMÔNIO NATURAL E O CARÁTER DO LUGAR

Marta Adriana Bustos Romero

Lucio Costa fez uma acertada leitura do sítio, acomodando seu projeto à forma daquele, estabeleceu um vínculo com o espaço ao escolher para a localização da capital o triângulo contido entre os braços do lago. As chapadas constituem, ao mesmo tempo, um horizonte e um fechamento, esta dupla função é o elemento definidor da relação entre o céu e a terra no sítio de Brasília revela sua ordem cósmica e assim o que dá ao “homem de Brasília” a sensação de segurança é o domínio visual sobre a paisagem e a compreensão através de relações espaciais claras entre os seus elementos, ou seja, sua legibilidade.

AS CASAS QUE SAINT-HILAIRE VIU. E UM POUCO DE GOIÁS TAMBÉM

Indira Vanessa Pereira Rehem

Auguste de Saint-Hilaire, botânico Francês, percorreu diversas províncias brasileiras e sul-americanas no período de 1816 a 1822. Sua narrativa aborda aspectos da sociedade brasileira de modo abrangente descritos nas palavras do próprio viajante da maneira mais fiel. Durante seis anos percorreu no Brasil, cerca de 15.000 Km, em cinco roteiros. Dentre os aspectos abordados na obra publicada por Saint-Hilaire destacam-se as questões políticas, econômicas e sociais do Brasil Imperial e a descrição das técnicas construtivas locais. Em sua quarta viagem, com período de duração de dois anos e meio, percorreu as províncias de Minas Gerais e Goiás, onde descreveu em detalhes a sede da fazenda Babilônia, a igreja de N. Sra. do Rosário, em Pirenópolis, e alguns arraiais. Este artigo tem por escopo apresentar, por meio do olhar do viajante, as técnicas construtivas empregadas na época dentro do contexto sócio-político. Para tanto, o trabalho tem como fonte bibliográfica principal as obras do botânico francês, a cartografia atual e da época, além da iconografia existente identificando-se assim percursos, localidades e as referidas técnicas construtivas como forma de reconstruir um retrato, mesmo que incompleto, da região no entorno da área destinada à construção da futura capital do país.

A METODOLOGIA DE LEVANTAMENTO DE PATOLOGIAS APLICADA NO ESTUDO DAS ANTIGAS FAZENDAS DO DISTRITO FEDERAL

Oscar Luís Ferreira

Em 2002 foi criada no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília a disciplina Projeto de Arquitetura e Urbanismo VIII. Seu conteúdo é dividido em três áreas: a primeira, Teórica, trata dos conceitos de intervenção no patrimônio cultural; a segunda, Técnica, aborda os aspectos materiais da intervenção, e; a terceira, Projeto, exige a elaboração do projeto de intervenção fruto da síntese dos módulos anteriores e de todo o conjunto de conhecimentos construídos ao longo do curso. Durante a etapa técnica os alunos são instados a aplicar metodologia de levantamento de patologias como forma de levantamento de subsídios para o projeto de intervenção, bem como, para o pleno conhecimento do bem e de suas características espaciais e construtivas. No segundo semestre de 2008, realizamos o levantamento de dez sedes de fazendas, datadas dos séculos XVIII e XIX, na região que posteriormente conformaria o Distrito Federal. Este artigo pretende apresentar, de modo breve, a metodologia utilizada no módulo técnico e seus resultados e tem por objetivo registrar as importantes preexistências à construção de Brasília como forma de superar a idéia de que a capital federal ‘surgiu quase de um nada.

VERA CRUZ, UMA BRASÍLIA ANTERIOR?

Andrey Rosenthal Schlee

Sylvia Ficher

O trabalho descreve e analisa o projeto da cidade de Vera Cruz, de autoria dos arquitetos Raul Penna Firme e Roberto Lacombe e do engenheiro civil José de Oliveira Reis. Trata-se de um estudo preliminar para a capital do Brasil, elaborado pela Subcomissão de Planejamento Urbanístico da Comissão de Localização da Nova Capital Federal, então presidida pelo marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Tal estudo foi desenvolvido para o “sítio castanho” onde, de fato, foi implantada Brasília. Projetado em 1955, é anterior a “contratação” de Oscar Niemeyer (56) e ao próprio Concurso do Plano Piloto (57), no entanto, assume e desenvolve a idéia da criação do lago Paranoá e apresenta uma série de características de endereço conhecido, como a idéia de uma cidade funcional, organizada como um grande parque, marcada pela rígida hierarquização de vias de tráfego e pela construção das “unidades de vizinhança”. Dito isto, é possível imaginar – ou afirmar – que Vera Cruz não constitui apenas mais um projeto para a nova capital federal. Ao contrário, por ter sido elaborado antes do concurso do plano, constitui peça fundamental para o conhecimento e o entendimento do pensamento urbanístico de então, e inclusive do próprio plano elaborado por Lucio Costa.

Quarta-feira, 14 de outubro

14:00 h às 16:00 h

DEVASTAÇÃO E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL NOS 50 ANOS DE BRASÍLIA

Regina Coelly Fernandes Saraiva

Os 50 anos de Brasília permitem que a cidade seja vista e revista sob muitos olhares. Um olhar sobre as modificações que sofreu o espaço ocupado pela cidade parte da perspectiva de que o ato inicial da sua construção foi marcado pela devastação da natureza para, ao longo de sua história, ir incorporando uma visão de preservação que permeia a concepção de "cidade-parque" preconizada por Lucio Costa; perpassa a compreensão e necessidade de recuperação da natureza nativa do cerrado por meio da criação de parques ecológicos; até a concepção atual de "bairros sustentáveis". Permeada por visões de natureza que foram sendo incorporadas à sua performance urbana, Brasília comemora seus 50 anos (re)dimensionando seu projeto inicial e (re)pensando o cerrado, sua natureza nativa, com um olhar focado na “Capital da Esperança” não apenas com 50, mas com, 100, 200, 500 anos.

BRASÍLIA, A CIDADE INVISÍVEL: DISCURSOS SOBRE UMA IDENTIDADE DESCONHECIDA NA HISTÓRIA

Patrícia Cabral de Arruda

Esse trabalho discutirá os vários discursos produzidos sobre Brasília à época de sua construção e anos subsequentes. A partir de publicações (revistas, jornais, livros e periódicos) desse período, a idéia é mapear, nas entrelinhas, as posições favoráveis e desfavoráveis à sua construção e, conseqüentemente, a consolidação da transferência. Assim, utilizando-se “os conceitos e categorias de cidade” sugeridos por Max Weber percorre-se os caminhos (e as raízes) da ocupação do DF, observa-se de que maneira a migração e os discursos produzidos por ela contribuíram para a formação da identidade brasiliense. Utiliza-

se também a idéia de Sérgio Buarque de Holanda sobre a ocupação do território por “semeadores” e “ladrilhadores” para se pensar as fases diferentes que se sucedem e se sobrepõem sob o nome de uma mesma cidade. Assim, com este trabalho é possível encontrar alguns elementos de origem e continuidade que a cidade perpetuou ao longo de sua história. Elementos identitários que a distingue de todas as outras cidades/capitais e que lhe deram vários sentidos. Esse “plano-piloto”, investigado em sua fundação, pode ser uma pista para se pensar a identidade – esse conceito tão complexo para Brasília – nos dias de hoje.

TRANSCRIÇÃO PALEOGRÁFICA DE DOCUMENTOS GOIANOS

Deusedith Alves Rocha Junior

Esta pesquisa tem por objetivo a elaboração de um acervo de documentos da história goiana no Laboratório de História do UniCEUB, utilizando-se das técnicas da leitura e da transcrição paleográficas. É sabido que o acesso à documentação antiga esbarra nas dificuldades de leitura e interpretação desta e que a disponibilização de fontes primárias para a pesquisa histórica é de muita importância para a formação acadêmica e o desenvolvimento do conhecimento histórico. Pretende-se, portanto, ler, transcrever, contextualizar e arquivar os primeiros documentos da história goiana depositados no Arquivo Histórico Ultramarino, formando um acervo de consulta para o pesquisador de história. Os documentos tratam do processo da colonização portuguesa no Centro Oeste, região da qual faz parte o Distrito Federal, cujos vestígios são constantemente encontrados por pesquisadores que se dedicam ao passado que antecede a construção da capital federal. Coordenador: Deusedith A. R. Junior / Integrantes: Rosecleide Neves Branco, Mateus Guedes Bochese, Natcha Martins de Souza, João Guilherme Alves Bastos, Bruna Santana Fernandes, Isabel Escobar Crescencio, Andressa Gontijo.

VIAGEM PELA ESTRADA REAL DOS GOYAZES

Wilson Carlos Jardim Vieira Júnior

Trata-se de um histórico da mineração no Brasil do século XVIII, considerando o contexto sócio-político de Minas Gerais e Goiás na primeira metade do século XVIII que se revela através de um relato de viagem depositado no Arquivo Histórico Ultramarino. José da Costa Diogo, tropeiro que se aventura na Estrada Real que leva para as minas de Goiás, narra a sua viagem indicando nomes de lugares que revelam uma significativa permanência dos topônimos do Brasil Central, mesmo na região em que a intervenção moderna ressignificou a paisagem. Homens empenhados em empreitadas comerciais dedicaram-se à escrita de um relato do percurso de uma aventura mineradora cujos resultados não surtiram grandes efeitos, mas trouxe à luz a complexa e rápida ocupação do Planalto Central, com uma toponímia e um percurso de trajetos cujos usos fizeram permanecer e possibilitar a sua identificação no presente. Esta pesquisa realizada por Wilson Vieira Júnior, Deusedith A. Rocha Junior e Rafael Cirqueira Cardoso, revela o mais antigo documento conhecido que relata uma passagem pelo território do Distrito Federal.

16:00 h às 18:00 h

O CAMINHO DO ANHANGUERA – UM OLHAR INTERDISCIPLINAR SOBRE A HISTÓRIA AMBIENTAL DO DF

Gustavo Guilherme Leon Chauvet,

José Luiz de Andrade Franco,

O Caminho do Anhanguera – um olhar sobre a História Ambiental do Distrito Federal visa produzir conhecimento sistematizado sobre as transformações espaciais, sociais, econômicas, ecossistêmicas e culturais sobre o território do DF e Entorno, a partir de uma abordagem interdisciplinar, notadamente nas áreas de História, Geografia, Artes, Literatura e Turismo. Ao analisar as principais mudanças nas relações entre os distintos grupos humanos e sua relação com essa região, aponta alternativas para uma ocupação mais sustentável, a partir de uma política pública integrada.

BRASÍLIA: SÍMBOLO E MEMÓRIA

Renato Barbieri

Bismarque Villa Real

Brasília: Símbolo e Memória é um documentário turístico-educativo, trilingue (português, inglês e espanhol), sobre a memorável história de interiorização da capital do Brasil. Uma idéia que teve início com os Inconfidentes, em Minas Gerais, e se concretizou 160 anos depois, pela liderança do Presidente Juscelino Kubitschek, passando pelas diversas missões que para o Planalto Central acorreram para definir a localização e a dimensão do novo Distrito Federal. Cem mil trabalhadores, vindos de todas as regiões do Brasil, participaram da saga da construção de Brasília, uma gigantesca obra realizada no curto período de três anos e nove meses. Passados 50 anos, Brasília tem mais de dois milhões e meio de habitantes e cumpriu com os objetivos estratégicos e geopolíticos de sua criação. Brasília é uma expressão-síntese das diversas manifestações culturais do Brasil. Direção de Renato Barbieri; produção de Bismarque Villa Real; pesquisa e roteiro de Víctor Leonardi e realização do Instituto Paidéia.

BRASÍLIA PARA ALÉM DO MITO FUNDADOR: W3 SUL MEMÓRIA COLETIVA

Marcelo Emanuel dos Santos

O presente artigo propõe-se a realizar uma breve discussão sobre a importância de uma historiografia de Brasília na perspectiva de outras fontes históricas que não sejam exclusivamente relacionadas a Juscelino Kubitschek e a inauguração da cidade. O espaço desse debate se dará a partir da interpretação da Avenida W3 Sul sob a ótica de vinte entrevistados. Com base na fala dessas pessoas, percebe-se que no imaginário a Avenida W3 Sul tem três momentos distintos: O início, o auge e a decadência. Os depoimentos foram colhidos entre 2005 e 2006.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Simpósio Temático 3: Cartografias da História Ensinada: o campo do ensino de história em discussão

Coordenadores: Andréa Ferreira Delgado (UFSC); Mônica Martins da Silva (UFG)

Terça-feira, 13 de outubro

14:00 h às 16:00 h

ENSINO DE HISTÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO DO CURSO DE HISTÓRIA DA UFMT

Ana Maria Marques (UFMT)

Como professora titular da Prática de Ensino de História há um ano na UFMT, proponho-me a refletir um pouco com os(as) participantes desse Simpósio Temático sobre os caminhos e angústias que atravessam os momentos finais de um curso de licenciatura que se pretende formar para a docência. Apresento uma amostra do diálogo possível com algumas grandes escolas da capital do nosso estado, as confluências com o trabalho do professor que passa a ser também supervisor e co-ator nesse processo formativo. Analiso os embates historiográficos presentes no material e na prática didática, bem como os direcionamentos desses. Discuto os saberes docentes reveladores de práticas diferenciadas, mesmo que convergentes de matrizes. Aponto para encaminhamentos de reformas curriculares e perspectivas esperadas.

PESQUISAR PARA INTERVIR. A HISTÓRIA LOCAL E O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Cristina de Cássia Pereira Moraes (UFG)

Esta comunicação tem como objetivo discutir possibilidades de utilização da história local e dos arquivos históricos para a elaboração de um projeto de pesquisa no Estágio Curricular Supervisionado do Ensino de História. Ao reconhecermos os desafios da formação e ação do professor em sala de aula desenvolvemos uma proposta de intervenção com fundamentos teórico-metodológicos que abrangem a concepção, uso e tratamento de documentos sobre a história local em sala de aula, bem como, discutirmos os conceitos de memória e representação, para além da própria finalidade do ensino de História. Ademais, entendemos que temas de pesquisas sobre a história local podem contribuir significativamente para o Ensino de História, por sua acessibilidade, diversidade e tipos de informações, mais próximas, compreensíveis e potencialmente mais significativas e interessantes para os alunos; e por sua utilização implicar na possibilidade de articulação entre ensino, pesquisa e extensão na escola, ao favorecer a reflexão sobre como se dá o processo de ensinar e aprender, aprender a aprender e aprender a ensinar, para além de favorecer novas experiências da realidade escolar na sociedade.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: CAMPO DE CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA NA UFRPE

Juliana Alves de Andrade (UFRPE)

Este trabalho tem como objetivo discutir o papel das disciplinas de Prática de Ensino de História no campo da História ensinada e sua importância na formação do professor de história do ensino Fundamental e Médio a partir da experiência dos trabalhos desenvolvidos na Universidade Federal Rural de Pernambuco. A intenção é analisar como a disciplina de prática de ensino pode ser um espaço de reflexão epistemológica do processo de ensino-aprendizagem para os alunos nos cursos de história licenciatura, ao problematizar os limites e possibilidades da disciplina. Nesse sentido, problematizaremos a composição da matriz curricular da disciplina, a metodologia utilizada pelos professores e alunos e as avaliações deste espaço de socialização de temas relacionados à história ensinada: os saberes docentes, currículos escolares, transposição/ mediação didática.

O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DA ESCOLA ORGANIZADA POR CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA EM MATO GROSSO

Valéria Lucas Figueiras (CEFAPRO)

Em 1997, Mato Grosso registrou “elevados índices de repetência (19,5%) e evasão (14,9%) alcançando um total de 34,4% de fracasso escolar”. Esses índices mostraram a necessidade de mudanças e inovações nas propostas curriculares e na organização de novos tempos e espaços para as aprendizagens, rompendo com os paradigmas tecnicistas até então predominantes no sistema seriado. Em 1999 foi implantado “A escola Ciclada de Mato Grosso” na busca de superação do sistema seriado. Contudo, as resistências à implantação desta política foram imediatas. Diante de todas estas mudanças, muitas foram, e são, as questões postas pelos professores de história. Como fica o ensino de história na proposta da escola organizada por ciclos de formação humana? Nesse sentido, procuramos apresentar quais as mudanças e os desafios no ensino de história na rede pública estadual de Mato Grosso, como também o papel da formação continuada na implementação do ensino de história que atenda às necessidades da educação brasileira atual, sem perder de foco as próprias mudanças na produção historiográfica contemporânea.

16:00 h às 18: 00 h

DIDÁTICA DA HISTÓRIA NO CONTEXTO ESCOLAR DE GOIÂNIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A FUNÇÃO DA HISTÓRIA E DO HISTORIADOR.

Luciana Leite da Silva (UFG)

Este foi o tema de minha pesquisa no curso de especialização em História Cultural e pretendo nesta comunicação apresentar os resultados obtidos. Partindo das análises de Jörn Rüsen sobre a constituição da matriz disciplinar da ciência da história e dos significados da teoria da história para a formação e o estudo da história, realizei uma pesquisa com alunos do ensino fundamental e médio. A mesma objetivou compreender o processo evolutivo da consciência histórica nos adolescentes, para que a partir dessa compreensão possamos pensar em regras de procedimento de comunicação que possibilite a formação intencional da consciência histórica. Proponho que por meio desta compreensão o professor de história possa pensar sua profissão como uma aplicação prática do saber.

A SEPARAÇÃO ENTRE ENSINO E PESQUISA DENTRO DAS UNIVERSIDADES

Joana Ribeiro dos Santos (UFF)

O presente artigo almeja tratar da separação entre ensino e pesquisa dentro dos cursos de Licenciatura em História. Tal separação, observamos, é em parte consequência da divisão entre o próprio espaço em que se realizam as disciplinas chamadas “de conteúdo” e as pedagógicas e a falta de diálogo entre os docentes que ministram tais disciplinas. Acreditamos que esta separação entre ensino e pesquisa, e uma consequente depreciação do magistério no ensino fundamental e médio, é agravada pelo fato de muitos docentes que atuam nos cursos de Licenciatura não terem tido, em nenhum momento de sua carreira, contato com a docência em educação básica. Esta falta de experiência nas séries de ensino fundamental e médio contribui para que o professor de graduação não se veja como formador de um futuro professor-pesquisador ou pesquisador-professor. Desta forma, buscamos, neste texto, levantar uma estimativa de quantos docentes que ministram as chamadas “disciplinas de conteúdo” possuem experiência de trabalho no ensino fundamental e médio e como esta provável separação entre ensino e pesquisa dentro da Licenciatura, prejudica a formação do futuro professor. Esta pesquisa, ainda em andamento, deu-se através da observação dos currículos Lattes dos docentes dos cursos de graduação em História disponibilizados na Internet.

LA CRISIS DE LA ESCUELA MODERNA Y SUS RITUALES: ¿HAY LUGAR PARA LA MEMORIA DEL PASADO RECIENTE ARGENTINO?

Diego M. Higuera Rubio (Universidad Nacional de Colombia)

El autor analiza qué ocurre en las escuelas argentinas con la implementación de los actos escolares sobre la última dictadura y cuál es su papel en el proceso de construcción de la memoria de los jóvenes. Con base en material de campo recolectado en dos secundarias públicas de la Ciudad de Buenos Aires, el autor muestra que gran parte de los actos sobre la dictadura reproducen viejas premisas de la cultura escolar, lo cual limita la transmisión creativa de la memoria pero no impide que deje “marcas” en las nuevas generaciones. El documento inicia con una síntesis teórica, luego presenta el análisis de un acto junto con entrevistas a docentes y alumnos. Finalmente, el autor subraya los dilemas que genera la articulación entre la transmisión de la memoria y el cuestionamiento que enfrentan las prácticas escolares en el mundo contemporáneo.

AUTORES E EDITORES DE LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA NO SÉCULO XIX

Kênia Hilda Moreira (Unesp)

O presente trabalho expõe um mapeamento da produção de livros didáticos de História do Brasil e Universal produzidos no Brasil no século XIX em busca de uma visão da cultura escolar no campo do ensino de História no século XIX com ênfase para a percepção de quem eram os sujeitos autores de obras didáticas de História e como era a produção editorial de didáticos nesse período. O levantamento de 58 autores permitiu-nos observar, dentre outros fatores, a pequena, mas significativa presença feminina, a existência de autores estrangeiros, especialmente antes da construção do Instituto Histórico e Geográfico e do Colégio Pedro II (1837) e posteriormente, a quantidade de autores vinculados a estas instituições. No que diz respeito à edição, as empresas editoriais disponíveis nos permitiu evidenciar de imediato a constante editoração de obras fora do país nesse período. De modo geral, podemos adiantar que as obras didáticas nesse período não são obras originais e sim compilações de textos de autores reconhecidos que foram reelaborados para se adequarem ao contexto escolar de ensino e que há fases distintas de produção e elaboração do livro didático de história nesses cem anos de existência.

CONFIGURAÇÕES DA HISTÓRIA ESCOLAR DA ESCRAVIDÃO NAS COLEÇÕES DE UM AUTOR DE LIVROS DIDÁTICOS

Andréa Ferreira Delgado (UFSC)

A investigação das coleções de livros didáticos de história escritas por Gilberto Cotrim, autor que responde por parte significativa das vendas da editora Saraiva desde os anos 1980, permite discutir o livro didático a partir de diferentes aspectos: como artefato da indústria cultural; como instrumento de políticas públicas; como texto curricular; como lugar de produção do saber histórico escolar. Para delinear as configurações da história ensinada privilegia-se o tratamento da temática escravidão nas coleções, observando-se: a indissociabilidade entre texto e iconografia; os usos dos documentos históricos; a incorporação da renovação historiográfica; as relações passado-presente e a proposta de ensino de História exposta pelo autor no Manual do Professor. Compreende-se que a trajetória dessas coleções é determinada pelas complexas relações entre o mercado editorial e o Programa Nacional do Livro Didático. Portanto, coteja-se a análise dos livros com a das resenhas das coleções nos Guias de Livros do PNLD de 1999; 2002; 2005 e 2008, atentando tanto para as modificações nos critérios de avaliação quanto para as alterações evidenciadas nas sucessivas revisões das coleções.

Quarta-feira, 14 de outubro

14:00 h às 16:00 h

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ'S): POSSIBILIDADES E PRÁTICAS DE PROBLEMATIZAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA.

José Luís de Oliveira e Silva (IFCT-PI)

Essa comunicação é fruto de minha experiência em turmas de Nível Médio e Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí e da Universidade Estadual do Piauí e trata do uso de novas linguagens, em especial a dos Quadrinhos, para a compreensão das realidades históricas que as produziram. Em sala de aula, o trabalho junto aos alunos parte da seguinte “questão problema”: como as personagens de HQ's podem auxiliar à compreensão do tenso período entre as décadas de 1930 e 1960 e como obras “ficcionalis” dialogam com o contexto histórico e as subjetividades de uma época? Para pensar essa problemática, os alunos são instigados a refletir sobre duas questões: 1) O que é uma “fonte histórica” e como as HQ's podem se transformar em fonte para o ofício do historiador? 2) Como as personagens Batman, Pato Donald, Capitão América, Super Homem e Homem Aranha podem nos auxiliar na compreensão da crise de 1929, do nazi-fascismo, da Segunda Guerra e da Guerra Fria? Desse modo, essa comunicação busca, além da socialização de minha experiência em sala de aula, refletir sobre as possibilidades de problematizar e significar o ensino de história a partir de questões e linguagens que envolvem o cotidiano dos educandos.

IMAGEM, PODER E ENSINO: A ANÁLISE ICONOLÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Anna Maria Dias Vreeswijk (UnB)

O presente trabalho busca levantar algumas discussões acerca do uso de fontes visuais no ensino de história. Questiona-se o uso de imagens como mera ilustração do texto, ainda muito comum em grande parte dos livros didáticos. Refletindo acerca do processo de construção de imagens que instituem como heróis determinados personagens históricos brasileiros, como imagens que representam os

bandeirantes, Tiradentes e Dom Pedro II, são analisados os nexos entre as imagens e as relações de poder que circundam a sua produção. Ao mesmo tempo, são discutidos os principais equívocos relacionados à análise iconológica no ensino de história, como o anacronismo, a canonização de certas imagens e a ausência de problematização.

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Cristina Helou Gomide (UFG)

O patrimônio tem sido um tema recorrente em várias áreas do conhecimento. Na educação, temos refletido bastante sobre o assunto e com base nelas temos cogitado uma série de possibilidades que, se aplicadas às ciências humanas, podem nos ajudar nas reflexões das categorias básicas do ensino desta disciplina. Acreditamos que a problematização desta temática pode contribuir para a abordagem das noções de política, tempo histórico, espaço e cultura, tão recorrentes no nosso cotidiano e muitas vezes pouco abordadas com a importância devida. Deste modo, essa exposição tem como proposta, trazer uma discussão das possibilidades percebidas nesse sentido, para o ensino de ciências humanas, tendo como base, várias fontes, dentre elas, as narrativas orais, imagéticas, literatura e fontes impressas.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO MÉDIO: A EXPERIÊNCIA DA DISCIPLINA “TEMAS DA HISTÓRIA DE GOIÁS”

Mônica Martins da Silva (UFG)

Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência de incorporação da Educação Patrimonial na disciplina “Temas da História de Goiás”, ministrada para alunos do Ensino Médio do Cepae/UFG. O diálogo com a história cultural possibilitou a construção de uma problematização que articulou noções de História, Memória e Patrimônio, necessárias para o desenvolvimento de três eixos da disciplina: Bandeirantes e o Bandeirantismo, a Cidade de Goiás e o Patrimônio Histórico e Goiânia e a invenção do Art Déco. Propõe-se, também, a discutir como a construção da disciplina dialogou com a Proposta de Ensino da Subárea de História do Cepae e as diferentes estratégias metodológicas utilizadas na sua elaboração.

16:00 h às 18: 00 h

RETRATANDO O CERRADO: O LUGAR DA HISTÓRIA NUM PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Eliane Martins de Freitas (UFG)

A presente comunicação visa relatar a experiência do projeto de extensão universitária intitulado Retratando o Cerrado: Uma Proposta Interdisciplinar de Educação Ambiental. O projeto tem por objetivo compreender o papel da disciplina História dentro do contexto escolar, particularmente, como parte de um projeto escolar voltado para educação ambiental. Como estudo de caso, utilizamos o projeto interdisciplinar de educação ambiental Retratando o Cerrado, desenvolvido desde 2004, no Colégio Estadual Adelino Antônio Gomide, no município de Anhanguera – GO. Este projeto é resultado de uma série de ações e projetos desenvolvidos ao longo de mais de vinte anos, e que foram norteados pela preocupação com os cuidados relacionados à saúde e ao meio ambiente, focando principalmente os problemas locais.

O PROJETO DE ENSINO DE HISTÓRIA DO CEPAE NA PRIMEIRA FASE DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Segismunda Sampaio da Silva Neta (UFG)

O objetivo dessa comunicação é apresentar os eixos fundamentais que deram origem ao Projeto de Ensino da Subárea de História do Cepae demonstrando como foi possível a construção de uma proposta de ensino de história que unifica teórica e metodologicamente o trabalho pedagógico, desde as séries iniciais da escolarização básica, até o Ensino Médio. Nesse processo, destaca-se a experiência de professores pedagogos na elaboração de um projeto de ensino de história, comprometido com a construção de um conhecimento escolar que é específico porque resulta tanto do processo de construção da história como disciplina escolar, quanto da dinâmica do cotidiano da sala de aula. Em virtude disso, é possível estabelecer o diálogo entre saber pedagógico e o saber disciplinar que tem possibilitado um trabalho de construção do saber escolar no qual a transposição/mediação didática dos conteúdos e procedimentos históricos é colocada em prática, contribuindo dessa forma para o processo ensino/aprendizagem no contexto escolar.

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS: O CASO DA COLEÇÃO HISTORIAR

Cyntia Aparecida de Araújo Bernardes (UFG)

Nesta comunicação pretende-se apresentar a experiência de ensino de história com a coleção didática Trocando Idéias: Historiar da autora Maria Auxiliadora SCHMIDT, adotada durante vários anos nas séries iniciais da escolarização básica do Cepae (UFG), destacando o trabalho com o 2º e o 3º ano do ensino fundamental. Destacam-se as relações entre a proposta pedagógica da coleção didática e os eixos da Proposta de Ensino de História do Cepae que possibilitaram inúmeras experiências significativas de abordagem da história nessa fase do ensino, caracterizada por várias peculiaridades.

A DIVERSIDADE CULTURAL E O ENSINO DE HISTÓRIA: A EXPERIÊNCIA COM A COLEÇÃO HISTORIAR

Leandro Carvalho Damacena Neto (UFG)

Essa comunicação tem como objetivo apresentar alguns elementos do trabalho desenvolvido no Ensino de História da primeira fase da escolarização básica do Cepae/UFG, a partir da relação construída entre os eixos da Proposta de Ensino de História do Cepae e a coleção didática Trocando Idéias: Historiar, da autora Maria Auxiliadora SCHMIDT. Destaca-se a experiência de trabalho com o tema Diversidade Cultural desenvolvido nos quartos e quintos anos e a construção de uma proposta pedagógica que articulou a abordagem da história temática vinculada aos pressupostos da história cultural.

ENSINO DE HISTÓRIA E O DIÁLOGO COM A DIVERSIDADE ÉTNICO-CULTURAL

Oswaldo Mariotto Cerezer (Unemat)

Inserida no contexto das relações sociais e culturais distintas, a escola pode proporcionar a exclusão dos grupos e culturas não pertencentes à sociedade considerada "ideal". Fundamentada em bibliografias sobre a temática e tendo como foco um estudo realizado em escolas públicas da cidade de Cáceres/MT, o presente estudo apresenta alguns dados importantes para pensar a questão da diversidade étnico-cultural a partir da ênfase dada às imagens construídas pelos alunos sobre o negro e o índio na atualidade. A existência do racismo e do preconceito sobre o negro e o índio, em particular nas escolas, certamente encontra respostas na trajetória histórica de construção da sociedade

brasileira. Nesse contexto, o ensino de História possui condições concretas para uma abordagem que possibilite aos alunos condições para compreender o processo histórico de construção de um discurso pautado pela pretensa superioridade de uns sobre os outros. Os dados apontam uma postura crescente de aceitação e reconhecimento dos negros e indígenas por uma parcela significativa dos pesquisados mas, aponta também a presença atuante do racismo e do preconceito, demonstrando a necessidade de um ensino de História que não perpetue estereótipos e preconceitos.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Simpósio Temático 4: Cultura e identidades no Mundo Antigo

Coordenadores: Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)

Luciane Munhoz de Omena (UFG)

Terça-feira, 13 de outubro

14:00 h às 16:00 h

A RECONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE AUGUSTO NO PERÍODO SEVERIANO: RELENDO DION CÁSSIO

Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)

Nesta comunicação, pretendemos analisar como Dion Cássio, senador nascido na cidade de Nicéia, na Bitínia, na sua obra intitulada História Romana, composta no terceiro século d.C., apresenta a figura de Otávio Augusto. Na obra diônea, Otávio, vindo de um período conturbado, chamado comumente de segundo triunvirato, organiza uma nova forma de governo, na qual um único magistrado aparece como detentor dos poderes máximos até então fragmentados em vários cargos públicos. Defendemos que Dion analisa o governo de Augusto a partir de sua vivência senatorial sob os governos severianos. Assim, o relato diôneo se constitui numa versão bastante instigante do governo de Otávio, pois este é relido pela ótica dos efeitos que essa conjugação de poderes nas mãos de um só soberano gerou na sociedade romana, a partir de uma releitura dos conceitos de autoridade e legitimidade que esse príncipe passou a produzir enquanto mandatário único.

O SENATUS CONSULTUM ULTIMUM: UM LEITMOTIV CONSERVADOR PARA A ATUALIDADE?

Shirley Mariano da Costa Sanchez (UNIRIO)

O presente estudo se pauta no exame de um decreto criado durante a República romana tardia - que designava uma função outorgada pelo Senado de Roma, e que justificava uma atuação “excepcional” dos magistrados em nome da salvação da res publica - o senatus consultum ultimum. Nesse sentido, a proposta do nosso trabalho acaba trazendo à luz um conceito, que na senda do seu debate, repercute um vigor polêmico. Trata-se do Estado de Exceção, um conceito que tentaremos resgatar na Antiguidade, e que servirá de chave para a interpretação de uma normativa constitucional utilizada na República romana tardia - e evocada nos discursos que justificaram medidas “extraordinárias”, e

mesmo violentas, por parte do senado romano -, revelando uma forma muitas vezes controversa ao declarar o estado de tumultus, a emergência de uma guerra civil, e ao proclamar o iustitium, a suspensão do direito. A partir da reflexão sobre esse decreto, delinearemos um plano da miragem romana, que acreditamos fazer parte das fundações do pensamento político moderno, ou seja, o senatus consultum ultimum como uma via de acesso à compreensão do conceito moderno de “Estado de Exceção”.

A RELAÇÃO ENTRE CAIO GRACO E A ORDEM EQUESTRE SEGUNDO O RELATO DE APIANO DE ALEXANDRIA

Alice Maria de Souza (UFG)

Nesta oportunidade construiremos uma breve análise do relato de Apiano de Alexandria sobre a relação estabelecida entre o Tribuno Caio Graco e a Ordem Equestre no fim do século II a.C.. Apiano de Alexandria viveu no fim do século II d.C e escreveu em grego uma história de Roma desde a sua origem até o fim do segundo Triunvirato. Seu discurso sobre Caio Graco apresenta um interessante exame das consequências da Lex Repetundarum, lei que indiretamente aumentou o prestígio político dos membros da Ordem Equestre.

DEUSA ÍSIS, UM FESTEJO DE METAMORFOSES

Luciane Munhoz de Omena (UFG)

Nessa comunicação viso a discussão acerca de uma procissão religiosa dedicada a deusa Ísis, a qual é representada no romance Metamorfoses, de Lúcio Apuleio, para compreender duas questões pontuais: a relevância da procissão como ponto de equilíbrio individual e social, porque, neste mundo há uma preeminência do sagrado, por isso, parafraseando Guimarães Rosa, tudo se resolve com a existência dos deuses; e, em segundo, irei enfocar as participações sociais nesta comemoração festiva, pois interpreto a festa como um fenômeno social e não simplesmente por particularidades de cunho individual; a compreendo por meio de uma ação coletiva que implica, necessariamente, na ênfase dos sentimentos e emoções experimentadas pelos participantes.

16:00 h às 18: 00 h

UM ESTUDO ACERCA DOS BANQUETES EM ATENAS DURANTE O PERÍODO CLÁSSICO.

Luana Neres de Sousa (UFG)

Os banquetes eram festividades freqüentes nas cidades gregas, especialmente em Atenas. Praticados exclusivamente por homens, poderiam servir para celebrar uma festa religiosa, comemorar a vitória em algum concurso, homenagear um amigo, converter-se em um ambiente que proporcionasse os mais variados tipos de prazer e até mesmo ser um espaço favorável à paidéia. Platão e Xenofonte apresentam-nos, em suas obras homônimas O Banquete, um pouco desse universo deste festim atenienses. Nosso objetivo nesse trabalho é analisar a importância dos banquetes na sociedade

ateniense enquanto uma prática festiva ritualizada, que proporcionava o estreitamento dos laços de amizade entre os indivíduos e se constituía em espaço de encontro entre grupos políticos.

O MÚLTIPLO TECIDO SOCIAL FEMININO NA ATENAS CLÁSSICA

Keila Maria de Faria (UFG)

A mélixa constituía no imaginário coletivo dos gregos o tipo ideal de mulher. A mélixa ou mulher-abelha era a esposa bem-nascida do cidadão ateniense pertencente ao segmento social *kaloí kagathói*. A construção desse modelo idealizado resultou da analogia entre a mulher e diversos animais, feita pelo poeta grego Semônides de Amorgos, em seu poema *lambos*. Todavia, a mulher-abelha não constituía o único tipo feminino existente na pólis, o tecido social feminino da cidade era múltiplo, composto por diferentes fios e variadas texturas: *pornai*, *pallakai*, *hetairai*, escravas, estrangeiras domiciliadas, além do modelo idealizado, pois a projeção do modelo mélixa não seria possível sem a existência dos demais tipos de femininos. Destarte, a proposta desta comunicação é refletir sobre a variedade de texturas deste tecido social e as funções específicas de cada uma destas categorias de feminino no seio da sociedade ateniense.

LUCIANO DE SAMÓSATA E O IMPÉRIO ROMANO: NOTAS SOBRE OS USOS DA MITOLOGIA NA SEGUNDA SOFÍSTICA

Edson Arantes Junior (UEG)

Luciano de Samósata, autor sírio do segundo século da era cristã, notabilizou-se na literatura grega do período imperial por sua profunda crítica aos valores estabelecidos. Nesta comunicação propomos analisar a presença de algumas narrativas míticas em seus escritos, principalmente aquelas que representam atitudes sociais comuns. Por meio deste expediente propomos pensar como Luciano se relacionou com o poder estabelecido e com a partilha do sensível. Este trabalho tem, como pano de fundo, duas questões: 1) a religião de Luciano e 2) as possíveis formas de oposição políticas presentes em seus escritos. Assim buscamos entender outras maneiras de compreender a História Política do Império Romano, questionando a literatura e a representação dos mitos, entendidos como passado comum.

O BEM, A VERDADE E A FELICIDADE: INTERPRETAÇÕES NO NEOPLATONISMO TARDO-ANTIGO

Ivan Vieira Neto (UFG)

Os filósofos Plotino de Licópolis e Jâmblico de Cálcis dedicaram algumas linhas à felicidade em seus respectivos Tratado das Enéadas e Sobre os Mistérios Egípcios. Segundo estes neoplatônicos, a felicidade estava estritamente associada ao conhecimento da Verdade e do Bem, que eram os princípios sobre os quais estava dedicada esta filosofia. Pretendemos demonstrar na apresentação deste artigo, através de uma análise comparativa, as singularidades no tratamento que estes dois sábios conferiram ao neoplatonismo e que acabaram por distanciar as concepções de Jâmblico do pensamento neoplatônico proposto por seus antecessores Plotino e Porfírio.

Quarta-feira, 14 de outubro

14:00 h às 16:00 h

VITA CONSTANTINI: A IMAGEM IMPERIAL DE CONSTANTINO NA PERSPECTIVA DE EUSÉBIO DE CESARÉIA

Rosane Dias de Alencar (UFG)

Eusébio de Cesaréia foi um bispo cristão e um homem de corte. Sua proximidade com o poder se dera, em grande medida, pelo fato de ser membro do clero cristão em um período politicamente favorável à nova fé. Foi um estudioso da fé cristã e escreveu várias obras, dentre elas, Vita Constantini. Dito encômio data do ano 337d.C, uma obra inacabada e publicada após a morte de seu autor. Dentre as várias perspectivas possíveis para análise, nos deteremos no processo de construção da imagem do príncipe homenageado considerando, para este fim, o lugar da escrita e os elementos elencados para este fim.

A RELAÇÃO ENTRE CAIO GRACO E A ORDEM EQUESTRE SEGUNDO O RELATO DE APIANO DE ALEXANDRIA

Alice Maria de Souza (UFG)

Nesta oportunidade construiremos uma breve análise do relato de Apiano de Alexandria sobre a relação estabelecida entre o Tribuno Caio Graco e a Ordem Equestre no final do século II a.C.. Apiano de Alexandria viveu no fim do século II d.C e escreveu em grego uma história de Roma desde a sua origem até o fim do segundo Triunvirato. Seu discurso sobre Caio Graco apresenta um interessante exame das conseqüências da Lex Repetundarum, lei que indiretamente contribuiu para o aumento da importância política dos membros da Ordem Equestre no cenário dominado até então pelos Senadores.

O HINO HOMÉRICO A DIONISO E A PROBLEMÁTICA DA DOCUMENTAÇÃO

Leandro Mendonça Barbosa (UFG)

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca de uma fonte pouco trabalhada quando do estudo da religiosidade grega: trata-se do Hino Homérico a Dioniso. Estes hinos – há hinos escritos de quase todas as divindades e, embora não tenham sido redigidos por Homero levam o nome do aedo por seguirem a mesma tradição oral – mostram vários aspectos do imaginário acerca do panteão grego e de acordo com alguns especialistas podem colaborar para traçar um panorama das representações divinas. Todavia não se sabe com precisão os autores destes hinos nem o local e data quando foram escritos. A reflexão parte da discussão se é válido utilizar fontes que não sabemos a data de sua escrita muito menos quem a escreveu, e se este tipo de documentação pode tornar mais tortuoso os caminhos da pesquisa, ao invés de facilitá-los.

A REFORMA MILITAR CARTAGINESA (255 A.C.) E SEUS ANTECEDENTES SICILIANOS

Henrique Modanez de Sant'Anna (UnB)

O objetivo desta comunicação é a análise da reforma militar cartaginesa (255 a.C.) a partir de seus antecedentes históricos sicilianos. Como desdobramento da pesquisa doutoral em curso, tal abordagem permite não somente a crítica à historiografia mais otimista em relação ao caráter inovador da reorganização tática liderada por Xantipo, mas também o estabelecimento de aspectos comuns à tradição militar helenística por meio da análise de evidências cruzadas. O mercenarismo grego retorna, então, ao cenário da investigação historiográfica, especialmente no estudo da guerra como fenômeno social e da disposição das tropas em campo de batalha como local privilegiado para o entendimento da interação cultural siciliana, crucial na reconstrução da história cartaginesa do séc. III a.C.

O BÁRBARO EM ESTRATAGEMAS DE POLIENO

Raul Vitor Rodrigues Peixoto (UFG)

Poliemo foi um autor macedônio que viveu na cidade de Roma por volta da segunda metade do século II d.C. Ele exerceu a função de advogado por grande parte de sua vida e só na velhice, como ele mesmo declarou, decidiu escrever compêndios que tratavam de assuntos militares. À série de oito compêndios que escreveu Poliemo, deu o nome de “Estratagemas”, e os dedicou todos, primeiramente aos então Imperadores Lucio Vero e Marco Aurélio e em segundo lugar a todos aqueles que possuísem um cargo de comando na guerra. Essa comunicação tem como objetivo analisar a caracterização do bárbaro na obra Estratagemas de Poliemo, visando compreender como este exemplo de alteridade para as civilizações clássicas aparece no compendio militar deste autor macedônio. Dentro dessa perspectiva utilizaremos as teses de François Hartog e Catherine Peschansky como base para análise do par dicotômico grego-bárbaro.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Simpósio Temático 5: CULTURA E MARXISMO

Coordenadores: João Alberto da Costa Pinto (UFG)

Fábio Maza (UFS)

Terça-feira, 13 de outubro

14:00 h às 16:00 h

ENGENHEIROS E TEORIA POLÍTICA.

Fábio Maza (UFS)

O objetivo desta comunicação é tentar articular a ação política de um grupo profissional específico (os engenheiros) e o pensamento tecnocrático. A composição social deste fenômeno político – a tecnocracia – inscrita na história contemporânea a partir de autores como Saint-Simon e Thorstein Veblen, aponta para os engenheiros como grupo social de fundamental importância na constituição de uma visão de governo baseado na cultura técnica e científica. Apesar de não haver uma relação exclusiva entre engenheiros e pensamento tecnocrático, uma vez que economistas, administradores, educadores e urbanistas também compartilharam uma visão tecnocrática de governar, optamos em estudar os engenheiros uma vez que se trata de uma categoria profissional eminentemente técnica e, portanto sintomática para entender o exercício do poder com base na autoridade conquistada pelo conhecimento científico. Nosso escopo é acompanhar as experiências paulista, carioca e gaúcha, nas primeiras décadas do século XX, tendo como foco instituições que contavam com a ativa participação de engenheiros, tais como a Escola Politécnica de São Paulo, o Instituto de Engenharia, a Escola Politécnica do Rio de Janeiro e Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul.

O ESTADO NACIONAL EM OLIVEIRA VIANNA.

Thiago Oliveira Martins (UFG)

A presente comunicação tem por objetivo discutir o papel institucional de Francisco de Oliveira Vianna, na chamada Era Vargas (1930-1945). Oliveira Vianna como ficou conhecido, teve grande importância tanto pela sua atuação como produtor de teoria através de suas obras, como pelos cargos exercidos na burocracia estatal. O período histórico conhecido como Era Vargas é tradicionalmente dividido pela

historiografia brasileira em três momentos chave. O primeiro seria o do Governo Provisório de 1930 a 1934, o segundo o Governo constitucional de 1934 a 1937 e o terceiro a ditadura do Estado Novo de 1937 a 1945. A possibilidade que se tem de abordar o período em sua totalidade requer a consideração de alguns aspectos chave como, por exemplo, o modelo de Estado. E é na proposição do modelo de Estado presente na obra de Oliveira Vianna que é centrada a presente discussão.

AZEVEDO AMARAL E A DEMOCRACIA AUTORITÁRIA DO ESTADO NOVO (1937 – 1945).

Sinthia Santos Mayer (UFRGS)

A presente comunicação procura desenvolver uma breve introdução sobre a obra de Azevedo Amaral, um dos principais ideólogos do chamado pensamento autoritário nas décadas de 1930 e 1940. O Brasil da década de 1930 foi marcado por um intenso debate intelectual e político que se caracterizou pela ruptura de paradigmas explicativos da realidade nacional oriundos da República Velha. Expressão síntese do chamado pensamento autoritário é o conjunto da obra de Azevedo Amaral. Minha proposta nesta oportunidade é a de expor algumas das principais estruturas significativas do pensamento azevediano, especialmente a noção de democracia autoritária desenvolvida em 1938 como expressão síntese do projeto estadonovista (1937 – 1945).

A TRAJETÓRIA DE SEVERINO SOMBRA E O ESTADO NOVO (1937 – 1945).

Marcia Maria de Oliveira Sousa (UFG)

Nesta comunicação apresentarei o sentido geral do projeto de pesquisa que proponho ao Mestrado em História da UFG, centrado na trajetória do intelectual cearense Severino Sombra que além de ser um dos organizadores da Legião Cearense do Trabalho na década de 1930 – uma instituição de tintas fascistas foi também um fecundo colaborador nas duas revistas mais emblemáticas do Estado Novo: Diretrizes e Cultura Política. Analisando a sua produção intelectual pretendo contribuir aos estudos historiográficos do pensamento conservador brasileiro nas décadas de 1930 e 1940.

16:00 h às 18: 00 h

IGNÁCIO RANGEL: UM INTELECTUAL A SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTISMO BRASILEIRO.

Arissane Dâmaso Fernandes (UFG)

No Brasil, e na América Latina de maneira geral, os anos 1950 e 1960 foram marcados pela busca insistente de uma produção teórica nacional que viabilizasse ações efetivas nas denominadas economias subdesenvolvidas. O grande desafio, enfatizado, aliás, por uma das mais destacadas instituições da época (a Cepal), que se apresentava aos intelectuais era a construção de um quadro teórico mais condizente com as “realidades periféricas” e não uma mera importação de análises e programas estrangeiros. Dentre os intelectuais de destaque naquele período, sobressai-se Ignácio Rangel que, ao lado de Jesus Soares Pereira e Rômulo de Almeida, constituiu o núcleo fundamental da ação desenvolvimentista no Brasil. A intenção desta comunicação, portanto é a de retomar a atuação desse grande intelectual, Ignácio Rangel, frente ao seu referido contexto.

O CONCEITO DE DUALIDADE BÁSICA EM IGNÁCIO RANGEL.

Antônio Gonçalves Rocha Júnior (UFG)

Ignácio Rangel foi um pensador original, que procurou descobrir a lei essencial do desenvolvimento econômico brasileiro. Caracterizou essa lei como dualidade básica da economia brasileira. Acreditou que essa lei estaria presente em todos os “institutos” (instituições como o latifúndio, a indústria, etc.), assim como na superestrutura (Estado e Direito). Rangel considerava o entendimento dessa lei como o ponto fundamental para a cognoscibilidade e avanço da ciência econômica nacional. Dessa forma ele é considerado, com Caio Prado e Celso Furtado, um dos clássicos da economia brasileira.

ÁLVARO VIEIRA PINTO E O NACIONALISMO ISEBIANO (1956 – 1964).

Diego Moraes (UFG)

Apresento nesta comunicação alguns resultados da pesquisa que desenvolvo no mestrado em História da UFG sobre a obra e a trajetória política do médico e filósofo Álvaro Vieira Pinto quando da sua participação como professor e diretor (1962) do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), instituição essa vinculada ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), organizada em 1956 e destruída pela Ditadura Militar ainda em 1964. Vieira Pinto formulou com a sua trajetória isebiana um dos mais expressivos modelos teóricos de explicação das realidades terceiro-mundistas frente à lógica do capitalismo monopolista. Apresentarei as bases gerais do seu projeto teórico e a relação do mesmo com a cultura intelectual interna ao ISEB e àquela envolvida pela esquerda brasileira nas lutas nacionalistas das décadas de 1950 e 1960.

MARXISMO E ARTE NA TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE MÁRIO PEDROSA.

Lorena Nunes de Souza (UFG)

Nesta comunicação farei uma breve explanação da trajetória política e intelectual do marxista brasileiro Mário Pedrosa que se notabilizou como uma das expressões internacionais no campo do marxismo trotskista e um dos maiores intérpretes das artes plásticas contemporâneas. Para esta comunicação concentrarei meus esforços de exposição na apresentação de um roteiro – síntese dessa trajetória (com o propósito de apresentar o meu projeto de mestrado) e ainda algumas considerações sobre os livros – Opção Brasileira e Opção Imperialista, ambos publicados em 1966.

Quarta-feira, 14 de outubro

14:00 h às 16:00 h

PÓS-COLONIALISMO: PONTO DE MUTAÇÃO TEÓRICA NO INTERIOR DO MARXISMO EM TEMPO GLOBALIZADO.

Edimilson Rosa Bezerra (UCG)

Este artigo analisa algumas concepções de história em relação à verdade da teoria e do ofício dos historiadores, Homi K. Bhabha e Arif Dirlik. Tomando como base do primeiro autor, o texto: “o compromisso com a teoria”, do livro *O local da cultura e do segundo, “A aura pós-colonial: a crítica terceiro-mundista na era do capitalismo global”*. Os dois historiadores se relevam por serem ambos intelectuais do Terceiro Mundo presentes na vida acadêmica do Primeiro Mundo e cujos referenciais teóricos são de inspiração marxista, porém com concepção de verdade distinta no presente momento histórico.

OS GESTORES COMO CLASSE DOMINANTE NA FORMAÇÃO HISTÓRICA DO CAPITALISMO BRASILEIRO (1930 – 1990).

João Alberto da Costa Pinto (UFG)

Proponho nesta comunicação uma exposição sintética sobre a pesquisa que venho desenvolvendo referente a alguns dos vértices institucionais das classes sociais frente ao processo global de definição histórica da “revolução capitalista brasileira” no recorte 1930 – 1990. Pesquisa essa que dialoga com algumas das principais referências explicativas da formação histórica do capitalismo brasileiro (entre outras: Bosi, 1992; Carvalho Franco, 1997; Diniz, 1978; Draibe, 2004; Covre, 1983; Pedrosa, 1966; Weinstein, 2000; Werneck Vianna, 1999) e que está balizada nas matrizes do marxismo de João Bernardo (1978, 1991, 2003 e 2008). Se as práticas de exploração da força de trabalho são o termo fundacional das instituições que caracterizam a historicidade das formações sociais capitalistas, é nessas instituições que se encontra a realidade fundamental a ser aferida pelo historiador. Do ponto de vista dos trabalhadores, todas as instituições capitalistas (fundamentalmente o Estado, as Empresas e os Sindicatos) demarcam-se como espaços de organização da exploração. Os Gestores definem-se como classe nas práticas históricas da organização da exploração consolidando para tanto, na reprodutibilidade das instituições, os princípios de sua auto-organização (junto com a burguesia) como classe dominante capitalista já que impõem através dessas instituições a hetero-organização (a fragmentação política) das classes trabalhadoras.

O JORNAL COMBATE E A ORGANIZAÇÃO AUTÔNOMA DOS/AS TRABALHADORES/AS PORTUGUESES/AS NO PROCESSO DA REVOLUÇÃO PORTUGUESA DO 25 DE ABRIL – A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS.

Danúbia Mendes Abadia (UFG)

Os elementos que trago para essa apresentação fazem parte de uma pesquisa de mestrado onde tento compreender como as lutas autônomas dos/as trabalhadores/as portugueses/as desencadearam relações sociais de produção de novo tipo em meio a Revolução dos Cravos (1974-1978), isto é, através das páginas do jornal *Combate* é possível acompanhar o processo de auto-organização dos/as trabalhadores/as portugueses/as. Assim, abre-se a problemática sobre o sentido geral da existência do jornal como expressão de contra-revolução dentro da própria revolução, baseando-se nas lutas autonomistas em contraposição à consolidação das formas burocráticas de organização que a esquerda portuguesa apresentava na condução formal dos aparelhos de Estado. Ao perceber como a sociedade portuguesa se auto-organizava produtivamente, o objetivo fundamental será o de captar como esse movimento determinava a própria configuração organizatória do jornal.

ESTUDANTES, OPERÁRIOS E A QUEDA DO REGIME MILITAR (1977-1985).

Daniel Cantinelli Sevillano (USP)

Nesta comunicação irei tratar de dois grupos que tiveram importante papel para a queda do regime militar que se instalara no Brasil com o golpe civil-militar de 1964, os estudantes e o movimento operário da região do ABC paulista. Pretendo analisar a trajetória do movimento estudantil, especialmente no estado de São Paulo, a partir das passeatas de rua de 1977 e da refundação da UNE no mesmo ano, analisando também a refundação de outros órgãos estudantis, como as entidades representativas dos estudantes secundaristas como a UMES-SP (União Metropolitanas dos Estudantes Secundaristas) e a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas); e a trajetória do novo movimento sindical surgido na região do ABC no final da década de 70 enquanto movimento de resistência à ditadura comandada pelos militares. Minha intenção com a análise desses dois tipos de movimentos é mostrar de que modo ambos contribuíram de maneira decisiva para o fim do regime civil-militar, além de mostrar pontos de congruência e divergência entre eles no que diz respeito à forma de combate à ditadura.

16:00 h às 18: 00 h

DA SUSTENTABILIDADE À ESPECULAÇÃO: A EXPANSÃO DO CAPITAL NA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO NA DÉCADA DE 1970 E A TERRA COMO VALOR ESPECULATIVO.

Moisés Pereira da Silva (UFG)

O presente estudo discute como o avanço do capitalismo na região do Bico do Papagaio que, orientado por uma pretensa necessidade de modernização, transforma as relações entre o homem e a terra dando a esta última uma nova significação. Parte-se do pressuposto da sustentabilidade como característica fundamental das relações entre o camponês e a terra, de um lado, e a transformação desse sentido, imposta pela expansão capitalista fundamentada num projeto de modernização da Amazônia, em terra como reserva de valor. A agroecologia (GUZMÁN e MOLINA 2005), traduzida no uso da terra como meio de sobrevivência (BECKER 2001) vai ser, no contexto da década de 1970, embora o início desse processo seja bem anterior, substituída, de forma mais acelerada a partir da segunda metade da década de 1970, pela acumulação da posse como reserva de valor (MARTINS, 1991; 1997) transformado o valor que têm a terra como meio de sobrevivência em valor especulativo (IPEA/INPES, 1972).

A VOZ DO MORRO NO SAMBA DE BEZERRA DA SILVA.

Adriana Evaristo Borges (UFG)

O final dos anos de 1970 significou um momento de abertura política e redemocratização do país. A produção cultural ia (re) encontrando seu espaço, vislumbrando novas possibilidades, ao passo que a mão austera da censura sobre os meios de comunicação, gradativamente, tornavam-se mais brandas. É nesse cenário que surge José Bezerra da Silva, um sambista bem ao estilo “bom malandro” de Noel, mas que encontrou um estilo particular de cantar a realidade das favelas cariocas. Um homem que utilizou seu lugar de fala para dar voz ao morro. Desta forma, o objetivo deste trabalho é pensar como a música de Bezerra da Silva, com seu estilo realista e irreverente (que muitas vezes parecia deixá-lo no

limiar da marginalidade) encontrou não apenas público, mas espaço junto à indústria cultural num momento ainda delicado por qual passava o Brasil.

EDUCAÇÃO E CULTURA NA CONTEMPORANEIDADE: A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA.

Rosivaldo Pereira de Almeida (UFG)

A escola é filha de seu tempo. Em cada modo de produção foi construído um tipo de instituição escolar com base nos princípios e valores socioculturais daquela sociedade. Em cada época, em cada modelo de sociedade, atribuíram-se sentidos e significados à escola naquele contexto específico. Com as transformações econômicas, sociais e políticas do final do século XVIII na Europa, desencadeadas especialmente pelas duas Revoluções: a Francesa e a Industrial Inglesa, a escola e o campo da educação escolar não ficaram alheios às suas interferências. Os ideais revolucionários passaram a fazer parte dos princípios educativos dessa nova escola que se estruturou, entre eles, o da compreensão do homem na sua universalidade e conseqüentemente da educação pública universal. Mesmo com as determinações históricas da função de reprodução das desigualdades sociais muitos pensadores que se dizem marxistas acreditam e defende ser possível uma escola revolucionária na cultura do modo de produção capitalista. O que se pretende é discutir a função social da escola na cultura contemporânea a partir da exposição de uma análise de pesquisa.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Simpósio Temático 6: CULTURA E PODER NA SOCIEDADE MODERNA

Coordenadores: Nildo Viana (UFG)

Veralúcia Pinheiro (UEG)

Quinta-feira, 15 de Outubro

14:00 h às 16:00 h

A INVISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM UMA CIDADE DO INTERIOR DE GOIÁS

Veralúcia Pinheiro (UEG)

Lúcia Gonçalves de Freitas (UEG)

A utilização da violência como mecanismo de solução dos conflitos nas relações de gênero, assim como em outras modalidades de relacionamentos interpessoais, tem se tornado mais visível no Brasil. Desde a década de 1970 o movimento feminista já nos mostrava que a violência contra as mulheres não somente era de grandes proporções como também era invisível. Nas décadas seguintes muitas pesquisas foram publicados sobre este tema, garantindo maior visibilidade à condição de violência que ainda hoje marca a vida das mulheres. Permanece, todavia, uma lacuna no que se refere às mulheres do interior que raramente são contempladas por estudos que se propõem a desvendar processos de continuidade ou ruptura com valores, visões de mundo que conduzem quase sempre à violência. Considerando tais demandas, a presente pesquisa está mapeando e discutindo a relação entre gênero e violência no discurso dos agentes públicos de Jaraguá/GO. Dessa forma, estamos analisando os boletins da Delegacia de Polícia de Jaraguá; os autos criminais do Fórum de sua comarca e em seguida, entrevistaremos os agentes públicos que relataram no exercício de suas atividades profissionais violências contra as mulheres.

Literatura Brasileira e Violência Criminal

Maria Angélica Peixoto (UNIP-Goiânia)

A literatura brasileira dos anos 1980 e 1990 tematizará cada vez mais a questão da violência. Surge todo um filão de obras literárias que tematizam a violência, expresso nas obras de José Louzeiro,

Inácio Loyola, Rubem Fonseca, Sérgio Santana, Bernardo Carvalho, Patrícia Melo, entre outros. O problema de pesquisa questiona por qual motivo a literatura brasileira contemporânea vem abordando de forma ampliada a temática da violência criminal. A criação artística possui fonte social, sendo que as mudanças sociais e na esfera artística são fundamentais para explicar a mutação temática, tal como colocam Duvignaud, Viana e Bourdieu. A metodologia utilizada foi a análise bibliográfica, sendo a fonte de dados a bibliografia existente sobre a sociedade brasileira contemporânea, a literatura brasileira contemporânea, bem como acessar os dados estatísticos disponíveis sobre os índices de criminalidade. Os resultados apontaram para a percepção de que o fenômeno da violência em sua manifestação social concreta é explica sua expressão literária.

CULTURA E PODER NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOS SEM-TERRA EM ANDRADINA-SP: CONTRIBUIÇÕES DO IAJES COMO AGENTE MEDIADOR

Maria Celma Borges (UFMS)

Falar em saberes dos sem-terra na história da questão agrária brasileira implica pensar a cultura e o poder expressos nas relações de trabalho e de vida dos pobres da terra. Bem por isto, objetiva-se discutir a forma como foram se desenhando as práticas de luta pela “terra de trabalho” dos camponeses da fazenda Primavera, em Andradina-SP, com enfoque para a documentação do Instituto Administrativo Jesus Bom Pastor “João Carlos Oliveri”, (IAJES), entidade que contribuiu, desde fins da década de 1960 até o início dos anos 90, como agente mediadora das ações e, ao mesmo tempo, como lugar de construção da história e possibilidade de fazer-se da memória dos diversos sujeitos, especialmente por ser fomentadora e aglutinadora de atividades voltadas aos movimentos sociais na região do Alto Paraná. Para esta discussão, serão utilizados os jornais que constam no acervo relacionado, tal como as fontes orais, produzidas a partir da experiência dos mediadores.

PARTIDOS POLÍTICOS, INTELECTUAIS E PODER

Erisvaldo Souza (UEG)

A sociedade moderna e suas complexas relações sociais possibilitam o surgimento de diversas instituições sociais, dentre elas os partidos políticos que estão ligados ao Estado capitalista enquanto instituição que regula e organiza a vida social. Os intelectuais atuam no Estado e conseqüentemente no partido, sua atuação é possível através da organização burocrática do próprio partido a partir da relação entre dirigentes e dirigidos. Podemos dizer que dentro do partido político, os intelectuais dirigentes ou não atuam no sentido de legitimar a ideologia partidária, para tanto estes estabelecem relações de poder no interior desse mesmo partido, é neste sentido que buscaremos entender estas relações. A luta política dos intelectuais, não está restrita aos partidos políticos, mas a diversas outras instituições. O nosso trabalho busca entender esta luta a partir da atuação destes no partido. O modelo de partido e a atuação dos intelectuais que o nosso trabalho se propõe a analisar é o partido Russo Bolchevique que se consolidou na Rússia após a revolução de 1917, ao mesmo tempo apresentaremos outra perspectiva de análise sobre os partidos políticos e dos intelectuais.

O BRASIL CENTRAL NO PROJETO DE IMPERIO ATLANTICO PORTUGUÊS DE 1750 A 1801

Mauro guimarães de oliveira junior (UFG/ SEE-GO)

EDUARDO JOSÉ REINATO (UCG)

Este trabalho analisa a questão da consolidação da fronteira do império português na América e a relação do Brasil-central com um projeto de Império Atlântico “um poderoso império português”. Um tema de pesquisa importante para se explicar a formação das fronteiras desse império, pois, tanto Portugal e Espanha estavam em decadência em relação às novas potências emergentes, principalmente Inglaterra, França e Holanda. A expansão territorial na América feita pelos portugueses foi uma atividade importante, apoiada por uma política mercantilista expansionista, que invadia e anexava territórios antes pertencentes à Espanha. O Brasil Central que no século XVIII correspondia às capitanias de Goiás e Mato Grosso - que hoje corresponde os Estado de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Rondônia - se inseriu nesse contexto por ser uma região considerada distante do litoral e muito importante devido às ricas minas de ouro existente, sendo uma região de fronteira. Para tanto Portugal usou de vários meios para defender e anexar essa importante região no seu projeto de Império Atlântico.

16:00 h às 18: 00 h

PARA A PESQUISA DAS REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NAS RELAÇÕES SOCIAIS DA EDUCAÇÃO

Hugo Leonnardo Cassimiro (UCG)

As relações sociais da educação possuem estreita relação com as relações de produção no capitalismo conforme demonstrou Mariano F. Enguita em *A face oculta da escola*. Essas relações de produção têm, como um importante fundamento, a divisão social do trabalho. Na escola crianças, adolescentes e jovens socializam-se para tal divisão. Inclui-se nessa, a divisão sexual do trabalho, que para Helena Hirata interfere diretamente na produção das desigualdades, da dominação e da violência entre os sexos. Nesse trabalho proponho a utilização do conceito de representações cotidianas de Nildo Viana para a pesquisa dessas relações. As representações cotidianas são formas de consciência. Seu núcleo, as convicções, inclui sentimentos, crenças e valores. Partindo do referencial materialista histórico, para o qual a socialização na escola produz uma determinada consciência, torna-se relevante compreender o processo de produção dessas representações com foco nas referentes à divisão sexual do trabalho.

Esperanto, Linguagem e Poder

Nildo Viana (UFG)

O esperanto, um idioma produzido “artificialmente”, possui inúmeras vantagens sociais e também um conjunto de defensores organizados em todo o mundo. Apesar disso, o esperanto nunca foi implantado como segunda língua oficial em nenhum país. Isto remete ao problema do motivo pelo qual, apesar de suas vantagens, o esperanto não seja adotado como “segunda língua”. Para responder a esta questão é necessário compreender a relação entre linguagem e poder e como isto se reproduz na estrutura de um idioma e na sua reprodução social, principalmente na esfera estatal. O esperanto rompe com o sexismo e a coisificação da língua, além de sua implantação ser vantajosa no sentido de facilitar a comunicação humana a nível mundial, já que bastaria a um indivíduo dominar apenas dois idiomas, o

nativo e o esperanto, para se comunicar com qualquer outro indivíduo no mundo. No entanto, os interesses da classe dominantes e suas classes auxiliares apontam para a recusa do esperanto e, portanto, a não implantação do esperanto pode ser explicada pelas relações de poder.

AS PRÁTICAS DA EXCLUSÃO SOCIAL DA LOUCURA EM CUIABÁ: DE CASO DE POLÍCIA A SAÚDE PÚBLICA

Simone Cordeiro Costa Guedes (UnB)

O presente artigo apresenta pesquisa em andamento, a qual busca conhecer as práticas e a institucionalização da loucura em Cuiabá. Consideradas as especificidades históricas, no ano de 1931, foi estabelecido um espaço para a exclusão social dos portadores da loucura. Pretende-se analisar os contextos político, cultural, médico e institucional que determinaram que ora a Força Pública do Estado, ora a Saúde Pública prestassem assistência e atendimento aos loucos. Em 1936, foi alterado o Regulamento Sanitário de Mato Grosso, vigente desde 1893. No ano de 1938, os serviços de Saúde Pública foram reorganizados. O novo Departamento de Saúde do Estado foi regulamentado e conjugado os serviços ao Departamento do Ministério da Educação e Saúde Federal.

Risco e Consumo - A construção da identidade a partir do lixo

Marina Roriz Rizzo Lousa da Cunha (UFG/UCG)

Na transição do século XX para o XXI, ricos, pobres, incluídos, excluídos são afetados por transformações, que minam e revisam as características do modelo social anterior, industrial, e que abrem o projeto humano para novas contingências, complexidades e incertezas, a modernidade tardia. Este é um período repleto de mudanças no jeito de viver das pessoas e que acaba, em muitos casos, reestruturando os processos de formação identitários a partir de referências móveis, frágeis e velozes. Dentre estas referências, o consumo estabelece-se como matéria-prima contínua e obsessiva para dar forma às identidades. E faz isso de duas formas. Primeiro porque consumir mais do que tratar do consumo de signos, passa a funcionar como um elemento que avalia e julga as pessoas e segundo, porque os bens de consumo passam a configurar uma situação original: pela primeira vez na história da humanidade, livrar-se das coisas, substituí-las, renová-las, se torna tão ou mais importante do que a mera posse/uso. E o descarte tem sentido próprio: é o receio de ser “jogado no lixo”. O lixo, portanto, tem papel especial nesse contexto. É dele que deriva o bem-estar da sociedade. Por ser o produto principal e mais abundante desse tempo, produto final de toda e qualquer ação de consumo, descartar tudo o que se tornou obsoleto é medida de satisfação, é garantia de estar fora do lugar onde ninguém quer estar. Sendo assim, o lixo é considerado, na sociedade contemporânea, o local dos excluídos e rejeitados, dos que possuem uma identidade social deteriorada. E por ser assim considerado, é o ambiente em que apenas uns poucos escolheriam estar por vontade própria. Porém, em alguns casos, é a opção que resta. Dentre os que estão nesta condição, encontramos os catadores de materiais recicláveis, um grupo que tenta, apesar do contato diário com o lixo, ressignificar os sentidos originais que lhe são conferidos pelos padrões dominantes do consumismo e das identidades estabelecidas. Fazem isso, entre outras formas, se unido em organizações que lutam pela mudança de sua condição social no interesse de promover sua distinção como grupo social legítimo. Essa pesquisa descreve como este processo se estabelece, como grupos excluídos, que ganham visibilidade, a partir do contexto esboçado, configuram sua identidade, numa luta diária para alterar sua condição social estigmatizada e promover sua distinção como grupo social legítimo.

“GLÓRIA E TRADIÇÃO DOS ESTADOS DO BRASIL”: O DESFILE VENCEDOR DA ESCOLA ESTUDANTES DE SÃO JOSÉ NO CARNAVAL DO RECIFE EM HOMENAGEM AO PRESIDENTE MÉDICI (1972)

Diogo Barreto Melo (UFRPE)

A presente comunicação se propõe a analisar o desfile carnavalesco da agremiação recifense Estudantes de São José no ano de 1972 quando a mesma trouxe o tema “Glória e Tradição dos Estados do Brasil”, uma clara referência ao Governo do então Presidente Emílio Garrastazu Médici. Todo enredo estava centrado numa exaltação ao lema “Pra Frente Brasil”. A partir disso, buscamos analisar a influência Militar nos aspectos culturais voltados a um ciclo que, segundo alguns autores, tem como característica a subversão, o escracho, o riso e a não estetização a partir de regras ou legislações, embora, o Carnaval do Recife estivesse amparado por uma rigorosa lei orgânica, numa tentativa de normatização dos rumos da brincadeira e sobretudo do segmento popular.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

PROPOSTAS APRESENTADAS AO SIMPÓSIO TEMÁTICO

“HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA, MÍDIA E ICONOGRAFIA”

TRABALHO 1

1 - TÍTULO DA COMUNICAÇÃO:

“passageiros entre palavras fugazes”: Pensar o tempo presente entre a história e a mídia

2 - NOME COMPLETO DO/A PROPONENTE:

Sônia Maria de Meneses Silva

Doutoranda: Universidade Federal Fluminense/UFF, Docente: Universidade Regional do Cariri/URCA

sonia.meneses@gmail.com

3 - RESUMO DA COMUNICAÇÃO:

O presente trabalho problematiza as relações entre história e mídia na sociedade contemporânea. Nesses termos, tem como ponto central a reflexão sobre os usos do passado e a interferência dos recursos mediáticos na produção de acontecimentos e sentidos em nossos dias uma vez que, consideramos ser fundamental pensar a influência de tais recursos na própria produção histórica do tempo presente. Segundo Rousso, deparamo-nos como a ordenação de novos sistemas de representação sociais sobre o passado que têm como principal característica um forte investimento na cena pública, tornamo-nos participantes de eventos traumáticos, efetivados em diversas partes do mundo, na medida em que a simultaneidade da informação nos leva à condição de testemunhas; experiência que já havia se tornado evidente episódios emblemáticos no século XX como a queda do Muro de Berlim ou, espetacularmente, em 2001 na queda do World Trade Center. Nesse tenso cenário, um elemento situa-se como ponto fulcral: os usos e as disputas em torno da constituição da memória e da história. Na interseção dessas duas dimensões, os meios de comunicação assumiram, notadamente a partir das últimas décadas do século XX, um papel capital.

TRABALHO 2

1 - TÍTULO DA COMUNICAÇÃO:

Devaneios de Mafalda: os discursos de uma história em quadrinhos sobre mulheres

2 - NOME COMPLETO DO/A PROPONENTE:

Katianne de Sousa Almeida

Mestranda em Antropologia Social – UFG

ksantropologia@gmail.com

3 - RESUMO DA COMUNICAÇÃO:

As histórias em quadrinhos são produções textuais que visam atingir uma grande parte da população, já que muitas vezes estão disponibilizadas em veículos de comunicação de massa, como jornais, revistas, etc., tendo tanto o sentido de informar como de entreter. Neste artigo, a História em Quadrinho (HQ) escolhida foi de Mafalda criada pelo desenhista argentino Joaquín Salvador Lavado (Quino) na década de sessenta. Essa HQ foi escolhida para análise, pois acredita-se que a personagem principal – Mafalda tem o caráter contestador e tem uma capacidade “singular” de analisar os costumes da sociedade latina urbana, questionando-os, mesmo sendo uma criança. Contudo, ao me debruçar sobre todos os quadrinhos reunidos na obra Toda Mafalda, observei que quanto a questão de gênero, sexualidade e poder ainda havia algumas vinculações quanto a postura natural da mulher, ou seja, vinculada a atividades domésticas e a sua subordinação a uma dominação masculina. A dúvida encontrada na análise desta HQ é quais são os momentos que há crítica e quais são os momentos em que há o reforço da dicotomia nas relações entre homens e mulheres.

TRABALHO 3

1 - TÍTULO DA COMUNICAÇÃO:

CINEMA ARGENTINO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PÓS-DITADURA MILITAR.

2 - NOME COMPLETO DO/A PROPONENTE:

Euller Gontijo de Oliveira

Pós-Graduando Lato-Sensu em História Cultural pela UFG

eullergontijo@gmail.com

3. RESUMO DA COMUNICAÇÃO:

A presente comunicação objetiva estabelecer algumas reflexões do cenário político-cultural argentino da década de 80; a partir do diálogo entre Cinema-História, analisaremos o Filme: A História Oficial de Luis Puenzo, idealizado e produzido logo após o fim da ditadura militar, considerado uma das mais representativas obras cinematográficas argentina, ganhadora do Oscar na categoria melhor filme estrangeiro de 1985; o longa-metragem apresenta um dos dramas centrais que envolveram o respectivo período, a saber: seqüestros e apropriações de crianças, fenômeno conhecido como “botim de guerra”. Pensando o filme como documento que possibilita a reflexão sobre uma época e seu estatuto como objeto da cultura que não só encena o passado, como também é documento de sua

época, veiculando valores, projetos e ideologias, servindo portanto como fonte histórica, nosso objetivo é buscar uma reflexão de como o cinema argentino dialogou com um dos períodos mais traumáticos de sua história, que deixaram marcas profundas em sua sociedade, e que podem ser observadas em sua filmografia. Percorrer tais marcas, compreendendo suas tensões, crises e fragmentações é o objetivo deste trabalho.

TRABALHO 4

1 - TÍTULO DA COMUNICAÇÃO:

A colônia pela metrópole: O Estado Novo português e a emissão de selos postais moçambicanos (1933 - 1950).

2 - NOME COMPLETO DO/A PROPONENTE:

Rafaela Alves da Silva Balsinhas

Mestranda em História Social do PPGHIS/UFRJ

rafaelabalsinhas@hotmail.com

3. RESUMO DA COMUNICAÇÃO:

Os selos postais fazem parte do rol dos símbolos nacionais, expressando das efemérides as suas imagens, certa idéia de nação. Neste trabalho, buscarei analisar as séries postais moçambicanas emitidas pelo Estado Novo português, desde a sua institucionalização, em 1933, ao ano de 1950, quando Portugal inicia uma nova fase da política colonial, no plano jurídico, institucional e econômico. Através da análise das efemérides, dos fatos, lugares e personagens impressos nas estampilhas produzidas para esta colônia, pretendo investigar de que forma o Estado Novo português inseria o Moçambique na memória oficial do país. Este trabalho enfatiza, pois, a importância dos selos como fontes, tão imprescindíveis como quaisquer outras utilizadas pelos historiadores.

TRABALHO 5

1 - TÍTULO DA COMUNICAÇÃO:

Cor e Política: um entendimento histórico a partir de "A Vila"

2 - NOME COMPLETO DO/A PROPONENTE:

Daniel de Oliveira Figueiredo

Graduando em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas (UEL/PR). Bolsista CNPq/Pibic de Iniciação Científica

daniel.of.uel@gmail.com

3. RESUMO DA COMUNICAÇÃO:

O período histórico da Guerra Fria compreende situações que tensionaram o ambiente político internacional, favorecendo a bipolarização do desenvolvimento mundial e colocando em destaque um embate de ideologias. Tais anos foram marcados pela visão parcial da “invasão do socialismo soviético no ocidente”. A partir de uma compreensão semiótica em que o caráter ideológico do signo é fundamental para dar luz sobre o entendimento de peças midiáticas, tendo como base um estilo de crítica cinematográfica que valoriza o espaço do cinema como uma possibilidade de visualização e apreensão da realidade, o artigo propõe uma análise da utilização das cores no longa-metragem “A Vila” (2004), do diretor indiano M. Night Shyamalan, que deflagra uma visão anti-estadunidense da presença socialista no ocidente.

TRABALHO 6

1 - TÍTULO DA COMUNICAÇÃO:

Fotojornalismo, ideologia e história contemporânea: os limites da representação imagética no mundo pós-11 de setembro.

2 - NOME COMPLETO DO/A PROPONENTE:

Alberto Carlos Augusto Klein

Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina

betoklein@yahoo.com.br

3. RESUMO DA COMUNICAÇÃO:

O objetivo deste trabalho é analisar o uso estratégico e ideológico de imagens que buscam representar ou reconstruir a alteridade tendo como recorte temporal os eventos em torno de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. O objeto de estudo são fotografias do universo islâmico árabe, publicadas entre os meses de setembro e dezembro daquele ano no jornal Folha de S. Paulo, cujas principais fontes são agências internacionais. O alinhamento ideológico do universo fotográfico pesquisado é analisado a partir das contribuições teóricas de W. J. T. Mitchell.

TRABALHO 7

1 - TÍTULO DA COMUNICAÇÃO:

A REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DA “NOVA REPÚBLICA” ATRAVÉS DA CHARGE NA IMPRENSA SINDICAL

2 - NOME COMPLETO DO/A PROPONENTE:

Rozinaldo Antonio Miani

Doutor em História pela UNESP/Campus Assis. Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina

ramiani@uol.com.br

Daniel de Oliveira Figueiredo

Graduando em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas (UEL/PR). Bolsista CNPq/Pibic de Iniciação Científica

daniel.of.uel@gmail.com

3. RESUMO DA COMUNICAÇÃO:

A presente comunicação tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre os principais fatos econômicos, políticos e sociais da “Nova República” através da charge na imprensa sindical dos trabalhadores. A “Nova República” é um período da história brasileira recente marcada pela perspectiva da redemocratização da sociedade após mais de duas décadas de ditadura militar e a construção de uma representação iconográfica se apresenta pertinente para a compreensão dos conflitos e tensões que marcaram a época. A compreensão histórica do referido período, bem como uma discussão sobre a natureza da charge e sua potencialidade enquanto fonte histórica, também se fazem necessárias para o cumprimento de nossos objetivos.

TÍTULOS DOS RESUMOS APRESENTADOS E AUTORES

“passageiros entre palavras fugazes”: Pensar o tempo presente entre a história e a mídia

Sônia Maria de Meneses Silva

Devaneios de Mafalda: os discursos de uma história em quadrinhos sobre mulheres

Katianne de Sousa Almeida

CINEMA ARGENTINO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PÓS-DITADURA MILITAR

Euller Gontijo de Oliveira

A colônia pela metrópole: O Estado Novo português e a emissão de selos postais moçambicanos (1933 - 1950)

Rafaela Alves da Silva Balsinhas

Cor e Política: um entendimento histórico a partir de “A Vila”

Daniel de Oliveira Figueiredo

FOTOJORNALISMO, IDEOLOGIA E HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA: OS LIMITES DA REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA NO MUNDO PÓS-11 DE SETEMBRO.

Alberto Carlos Augusto Klein

A REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DA “NOVA REPÚBLICA” ATRAVÉS DA CHARGE NA IMPRENSA SINDICAL

Rozinaldo Antonio Miani / Daniel de Oliveira Figueiredo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E
IDENTIDADES
ST 9 - HISTÓRIA DAS IDÉIAS, DOS SABERES E DA HISTORIOGRAFIA
TRABALHOS SELECIONADOS

Terça-feira 13.10.2009

1.
O ORGANICISMO E O TRIBUNAL DA HISTÓRIA EM MANOEL BOMFIM:
NOTAS SOBRE O "MAL DE ORIGEM" BRASILEIRO.

Marçal de Menezes Paredes - UFRGS
Doutor em História
E-mail: marcalparedes@hotmail.com

Resumo:

O presente trabalho aborda a obra *América Latina: males e origem*, publicada em 1905 por Manoel Bomfim. Tendo especial atenção à forma como a história é mobilizada, perscruta-se o gerenciamento teórico e historiográfico da idéia de “mal de origem” de nossa nacionalidade. Nesse sentido, daremos atenção à construção de sua interpretação da identidade nacional brasileira e da relação desta com certa compreensão da lusitanidade. Assim sendo, dar-se-á maior ênfase à forma como o repertório teórico do final do século XIX foi utilizado pelo autor, bem como às referências que contribuíram para a construção desta obra matricial.

2.
ESTADO CONSTITUCIONAL, TRÁFICO E ESCRAVIDÃO NO SÉCULO XIX:
DEBATES SOBRE OS CONCEITOS DE LIBERAL E LIBERALISMO

Andréia Firmino Alves – CNPq
Doutora em História
E-mail: affirmino@hotmail.com

Resumo:

A pesquisa trata dos debates parlamentares sobre a compatibilização entre a implantação de um governo constitucional e a continuidade do tráfico e da escravidão entre 1823 e 1826. Ressalta-se que, para parte da historiografia brasileira, o liberalismo, compreendido como ideário que defendia ampla participação política da população, não poderia ter coexistido com a realidade da escravidão, haveria uma inadequação dos ideais liberais à ordem escravocrata. Discute-se os significados específicos dos conceitos de liberal e liberalismo no período, enfatizando que, na perspectiva das elites da época, não constituía contradição a adoção do regime constitucional com a existência da escravidão, uma vez que a representação política estava circunscrita aos proprietários e os direitos civis aos cidadãos.

3.
FRANCISCO DE PAULA SANTANDER E A EXPOSIÇÃO DE SEUS PROJETOS
PARA A AMÉRICA INDEPENDENTE: ENTRE A HISTORIOGRAFIA, A
MEMÓRIA E A AUTOBIOGRAFIA

Fabiana de Souza Fredrigo - UFG
Doutora em História
E-mail: fabianafredrido@gmail.com

Resumo:

Conforme a correspondência entre ambos permite inferir, entre os anos de 1818 e 1826, Francisco de Paula Santander foi o interlocutor preferido de Simón Bolívar. O estudo dos documentos deixados pelos generais da independência permite captar, ao mesmo tempo, seus projetos para a América e as tentativas de efetivação de um projeto de memória (em torno de si e do grupo). Nesse sentido, revisitar criticamente as narrativas produzidas pela geração das independências, sem deslumbrar-se com o apelo identitário que delas exalam e nem promover a possibilidade de uma história universal alheia à compreensão das armadilhas da “construção nacional”, afigura-se como um recurso metodológico fundamental para recompor as teias entre a (auto) biografia, o arquivamento, o fio historiográfico e as disputas cotidianas promovidas pelos atores históricos. Orientada por esse pressuposto, esta comunicação pretende discutir um dos textos escritos por Santander, publicado em 1869, em Paris, e reeditado em 1973, na Colômbia. No texto em questão, o general deixa o testemunho de sua trajetória, inserindo, ainda, como tema as razões de seu desentendimento com Simón Bolívar.

4.

PENSAMENTO FILOSÓFICO E IDENTIDADE: O PROJETO DE HISTÓRIA DAS IDEIAS DE LEOPOLDO ZEA

Luciano dos Santos – IFG

Mestre em História

E-mail: professorlucianosantos@yahoo.com.br

Resumo:

As perspectivas de produção do conhecimento histórico que tem por objeto as “ideias”, indubitavelmente, não se configuram como um todo monolítico. Pelo contrário, tivemos e temos numerosas diferenças de nomenclatura com também de corte epistemológico. Na América Latina, a exemplo, a História das Ideias apresentam elementos peculiares que a faz ser diferente de outras vertentes classificadas por Robert Darnton, Roger Chartier e Falcon. Aqui, as reflexões e produção de conhecimento sobre as das idéias estiveram pautadas principalmente por uma preocupação de refletir sobre o próprio pensamento latino-americano e sobre seus esforços por compreender e interpretar sua própria realidade histórico-social, com vistas a definir e reivindicar determinados projetos de identidade cultural de forma a demarcar os elementos de continuidade e originalidade frente à tradição da cultura européia. E é na busca de compreender esta vertente que este trabalho busca analisar o projeto de história das idéias do filósofo mexicano Leopoldo Zea (1912-2004).

5.

UM HISTORIADOR EM NEGATIVO: JOÃO CAPISTRANO DE ABREU E O LUGAR DE VARNHAGEN DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Raquel Machado Gonçalves Campos – UFG

Mestre em História

E-mail: raquelmcampos@uol.com.br

Resumo:

Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) e João Capistrano de Abreu (1853-1927) são tidos como os dois maiores historiadores brasileiros do século XIX, os dois grandes representantes das concepções de história então vigentes. Associado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Varnhagen é considerado adepto de um conceito tradicional de história; Capistrano, por sua vez, seria a encarnação do ideal moderno da disciplina. O objetivo desta comunicação é acompanhar a história da

afirmação dessas imagens, demonstrando como o próprio Capistrano desempenhou aí um papel preponderante. O autor dos *Capítulos de História Colonial* definiu-se como um praticante moderno do ofício ao afirmar a existência de uma modernidade incompleta em Varnhagen; consagrou-se como aquele que realizou o que o autor da *História Geral do Brasil* não quis ou não pôde realizar: a modernização da escrita da história no Brasil.

6.

A HISTÓRIA MILITAR NA HISTORIOGRAFIA DE GUSTAVO BARROSO:
REPRESENTAÇÕES DA GUERRA DO PARAGUAI (1920-1940)

Erika Moraes Cerqueira - UFOP

Graduada em História

E-mail: erika_mcqueira@hotmail.com

Resumo:

Nesta comunicação objetivamos analisar a importância que a história militar possui na obra historiográfica de Gustavo Barroso. Propõe-se que a Guerra do Paraguai foi um momento crucial para a história brasileira, e pode-se depreender na narrativa barrosiana uma construção mais ampla: a de uma história nacional identificada à história militar. Procura-se demonstrar que a produção historiográfica de Gustavo Barroso aponta para uma concepção pedagógica da História, na qual exemplos são retirados do passado com o objetivo de ensinar, transmitir ou afirmar valores do presente. Para a realização desta pesquisa é fundamental recorrer à bibliografia referente aos nacionalismos e a manipulação dos imaginários sociais, neste caso é dada especial atenção aos trabalhos de Gopal Balakrishnan e Bronislaw Backzo. Sobre a historiografia referente à história militar, os trabalhos de Celso Castro, Vitor Izecksohn, Hendrik Kraay, Francisco Doratioto e José Murilo de Carvalho são especialmente esclarecedores.

Quarta-Feira - 14.10.2009

1.
A DANAÇÃO DO ARQUIVO

Marlon Salomon – UFG
Doutor em História
E-mail: marlonsolomon@gmail.com

Resumo:

Os arquivos não são os espaços institucionais da papelada velha da história. Os arquivos são a *matéria* da história. Produzir um saber em história significa construir um plano. Esta construção depende dessa matéria. Ela depende também de outra matéria, uma *matéria de expressão*, a escrita. A produção do saber da história está ligada ao agenciamento dessas duas matérias, à construção desse plano. Ocorre que a nossa época, a do dever da memória, do elogio da conservação e da preservação, é também a época do desprezo do arquivo. De um duplo desprezo: o interesse conceitual pelo arquivo é teoricamente marginal e o desinteresse político pelo arquivo é institucionalmente dominante. Na época das políticas culturais e de seus sábios gestores, poderíamos falar em danação do arquivo? A danação do arquivo é a transformação da história em delírio (pessoal, social e teórico).

2.
FILOSOFIA DA HISTÓRIA E TEORIA DA FRONTEIRA NO ENSAIO LATINO-AMERICANO: INTERCULTURALIDADE

Luiz Sérgio Duarte – UFG
Doutor em História
E-mail: duarte@fchf.ufg.br

Resumo

Há uma filosofia da história - crítica e especulativa - no ensaio latino-americano do século vinte. O gênero misto é importante como registro de esforços de produção de discursos identitários e orientadores, como marco do pensamento histórico no Novo Mundo e como experimento interpretativo inovador. Sobretudo, nele foi produzida uma teoria da fronteira de caráter historicista necessária ao projeto de atualização que coordena o trabalho intelectual das elites letradas do extremo-Ocidente. Interessados em comunicação cultural e em história das idéias podem muito aprender com essa forma do humanismo.

3.
ESPECTRO IMAGÉTICO ENTRE HISTÓRIA E PÓS-HISTÓRIA: IMAGENS SUBJETIVAS (HISTÓRIA CULTURAL) E IMAGEM OBJETIVA EM VILÉM FLUSSER

Wilton Medeiros – UFG
Mestre em Gestão do Patrimônio
E-mail: wilton_68@hotmail.com

Resumo:

Este texto objetiva expor a centralidade do pensamento de Vilém Flusser, que reside na categoria “imagem técnica”. Para isso, esta categoria será explicitada comparativamente às imagens subjetivas, muito frequentes na História Cultural, tanto no que se refere aos estudos do imaginário, quanto na base da semiótica. Além disso, é possível também fazer uma comparação desta categoria tal como ela aparece em Flusser, com a imagem

que se utiliza na *Pictural Turner* (no Brasil, Cultura Visual). Apesar de a idéia de pós-história ser empregada apenas como contexto em Flusser, a categoria “imagem técnica”, esta sim central em seu pensamento, ao contrário da conotação que muitos estudiosos da imagem dão, mais reforça do que contradiz a materialidade dos documentos, bem como a importância de sua diversidade para que a história não seja repetida como um mero clichê. Para isso, porém, sequer tangenciaremos o vocabulário por muitos considerado hermético, criado por este filósofo polonês e utilizado em sua obra, a qual teve isto sim, o intuito de depreender ao mundo contemporâneo, sem ter que lançar mão de categorias clássicas como espaço e tempo. Deste modo, é perfeitamente possível compreendermos a relevância da categoria imagem simplesmente colocando-a como um dos pontos do espectro imagético que vai das imagens subjetivas às imagens objetivas.

4.

O USO DA CÂMERA NA PERSPECTIVA DO PENSAMENTO AMERÍNDIO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA.

Vandimar Marques Damas - UFG
Graduado em Ciências Sociais
E-mail: vandimarmarques@gmail.com

Resumo:

Neste artigo pretendo apresentar um relato do meu trabalho etnográfico realizado com os alunos e alunas da Licenciatura Intercultural Indígena da Faculdade de Letras da UFG. No mês de julho de 2009 participei como monitor da Licenciatura e acompanhei as aulas de alguns professores. Durante esse período realizei pequenos exercícios de uso de câmeras fotográficas e filmadoras. E ao final da etapa juntamente com a minha orientadora Rosa Berardo ministramos oficinas de uso de câmeras filmadoras e fotográficas. O objetivo deste trabalho foi exercer juntamente com eles a prática da auto-representação através das imagens e fazer uma crítica ao discurso eurocentrico que coloca os povos indígenas como incapazes de operar equipamentos tecnológicos e ao mesmo tempo fazer uma reflexão sobre a importância do uso desses equipamentos.

5.

UMA HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA SOBRE ARTE EM GOIÁS PARA A CONFIGURAÇÃO DE UMA HERMENÊUTICA DA EXPERIÊNCIA MODERNA NAS ARTES PLÁSTICAS NESSE CENÁRIO: OBRAS, ARTISTAS E PROCESSOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO (1942-1975).

Marcela Aguiar Borela - UFG
Graduada em história
E-mail: marcelaborela@gmail.com

Resumo:

Este trabalho busca, aliado ao conhecimento de uma história da historiografia da arte e da cultura em Goiás, e, pensando o processo de modernização da região, relacionar as teorias da modernidade em Benjamin e Weber e a reflexão epistemológica em Gadamer com o escopo da documentação reunida na pesquisa historiográfica (pinturas, gravuras, esculturas, murais, impressos, audiovisuais e fotografias). O esforço é no sentido de escrever uma historiografia sobre arte moderna em Goiás, direcionando o tratamento de problemas históricos a partir das noções de identidade e fronteira, produzidas pelos artistas modernistas. Em resumo, este trabalho procura configurar a hermenêutica de um acontecimento histórico, a saber, experiência do modernismo nas artes plásticas em Goiás, cujo recorte temporal se dá a partir do Batismo Cultural de Goiânia em 1942, quando se iniciam as primeiras manifestações culturais na cidade “moderna”, se

encerrando em 1975 quando o artista plástico Siron Franco ganha o prêmio de pintura na Bienal de Internacional de São Paulo e já há em Goiânia um ambiente artístico cristalizado, tanto de produção quanto de consumo. Nesta comunicação trataremos especificamente do processo de pesquisa até o momento, enfatizando a exposição de escolhas teórico-conceituais e da história da historiografia sobre assuntos relacionados.

6.

CAUSALIDADE RETROSPECTIVA NA OBRA DE MAX WEBER

Ulisses do Valle – UFG

E-mail: ulisses_valle@hotmail.com

Resumo:

O trabalho tem por intuito apresentar um aspecto essencial da causalidade histórica em função de ela ter que necessariamente expressar-se na composição de um sentido para a perspectiva histórica, composição esta que se dá sempre de maneira retrospectiva, isto é, parte de um presente em devir em direção a um passado "intensivamente infinito", de complexa e problemática delimitação. Paralelamente a este objetivo central, desenvolver-se-á um outro: apresentar a obra de Weber despida dos rótulos que o colocam como um racionalista puro, de modo a evidenciar como este autor já havia sido influenciado e tomado consciência das críticas feitas pelas tendências irracionaisistas da filosofia em geral. Assim, o programa do trabalho compara as idéias de Weber com outros dois representantes: um tipicamente racionalista e outro tipicamente irracionalista.

Quinta-feira – 15.10.2009.

1.
TEORIA, ESCRITA E POÉTICA DA HISTÓRIA NO “FUNDAMENTOS DE
TEORIA DA HISTÓRIA” DE G. G. GERVINUS.

Julio Bentivoglio – UFES
Doutor em História
e-mail: juliobentivoglio@gmail.com

Resumo:

Não resta dúvida que o século XIX foi, de fato, o século da história, notável pelo surgimento de historiadores seminais como Ranke, Droysen e Gervinus, responsáveis por terem formulado, de maneira sistemática e rigorosa o *discurso do método* para os estudos históricos. Enquanto Ranke dedicou-se mais às questões analíticas, refletindo sobre o método – a crítica histórica documental – e Droysen à formulação epistemológica da operação historiográfica – metódica, sistemática e tópica – coube a Gervinus a tarefa de ter formalizado a teoria da história (*Historik*) como um campo específico deste novo saber, ao mesmo tempo em que colocou em discussão o problema da escrita da história constituindo uma primeira topologia das narrativas históricas.

2.
NARRATIVA E REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA: LIMITES E POSSIBILIDADES

José Antonio Vasconcelos – USP
Doutor em História
E-mail: vasconcelos@usp.br

Resumo:

A questão da narrativa na escrita da História esteve presente nas discussões de filósofos e historiadores ao longo de praticamente todo o século XX, mas no final dos anos 1970 ela ganhou impulso com a publicação de um conhecido artigo de Lawrence Stone, *The Revival of Narrative: Reflections on a New Old History*. Na mesma época já eram bastante difundidos nos círculos acadêmicos as contribuições de teóricos como Roland Barthes, A. J. Greimas, Vladimir Propp, entre outros, para os estudos de análise estrutural da narrativa. Desde então diversos autores trataram do assunto, desenvolvendo um entrecruzamento entre Historiografia e Teoria Literária e procurando entender a escrita da História a partir de conceitos da narratologia. Nessa comunicação apresento um breve balanço das discussões sobre narrativa e representação histórica com ênfase em alguns textos de quatro autores influentes nas últimas décadas: Hayden White, Paul Ricoeur, Allan Megill e Roger Chartier. Neste percurso pretendo desfazer alguns equívocos sobre o conceito de narrativa, avaliar os limites e possibilidades da análise estrutural da narrativa para a compreensão da escrita historiográfica e propor sugestões com relação à incorporação de *insights* da Teoria Literária na composição de textos de História.

3.
PARA UMA TEORIA DA HISTÓRIA EM FREDRIC JAMESON: ALGUMAS
CONTRIBUIÇÕES

Ana Beatriz Carvalho Baiocchi – UFG
Graduada em História
E-mail: biabaiocchi@msn.com

Resumo:

Esta comunicação trata sobre o debate teórico e epistemológico da ciência histórica, a partir da perspectiva pós-modernista de Fredric Jameson. A princípio identifica-se o discurso científico que moldou o conhecimento da disciplina histórica enquanto prática especializada, o historicismo, em contraposição a uma filosofia da história, que delimitava o âmbito da experiência histórica possível aos limites de um esquema da evolução histórica determinado por critérios racionais universais. A crise dos pressupostos epistemológicos da ciência histórica, na qual divergem posições a favor ou não de uma ruptura com os seus axiomas modernos, se refere às discussões do pós-modernismo a respeito da ciência histórica e de sua crítica imanente das categorias narrativas, ou “metanarrativa”, identificada e determinada por essas filosofias da história, de pretensões universalistas. Fredric Jameson nos propõe uma análise diferenciada sobre a questão da própria metanarrativa, enquanto modelo teórico-metodológico da história, sem pretender ser universalmente escatológico em sua teoria. Uma forma de pensar a narrativa e seu modelo de interpretação, dentro de uma crítica literária que compõem a própria crítica do historicismo em sua contemporaneidade.

4.

FILOSOFIA DA HISTÓRIA E TEORIA DA HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DO PAPEL DA FILOSOFIA ANALÍTICA DA HISTÓRIA NA CONSTITUIÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO.

Carlos Oiti Berbert Júnior – UFG

Doutor em História

E-mail: oitijr@terra.com.br

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo analisar alguns aspectos da chamada "Filosofia Analítica da História" e sua influência no que se refere aos problemas epistemológicos que a História enfrenta enquanto saber. Neste sentido, a análise terá como pano de fundo a relação entre História e as chamadas "Ciências da Natureza".

5.

FILOSOFIA ANALÍTICA DA HISTÓRIA, A HETEROGENEIDADE DE UMA DEFINIÇÃO.

Cristiano Alencar Arrais – UFG

Doutor em História

E-mail: alencar_arrais@yahoo.com.br

Resumo:

Este trabalho pretende indicar a heterogeneidade de reflexões produzidas pelo grupo de autores que comumente são associados à filosofia analítica da história. A leitura desse grupo de autores (M. White, W. G. Walsh, P. Gardiner, E. Nagel, M. Murphey, W. B. Gallie, C. Frankel, W. Dray, A. Donagan, F. Olafson etc.) indica que sua associação à dicotomia entre explicação e compreensão e ao texto de K. Hempel, *A função das leis gerais na história*, como seu marco fundador, cobrem apenas parcialmente os temas e as tendências dos mesmos. Utilizo como exemplo dessa dispersão, entre outros, *Analytical philosophy of history*, de A. Danto, que, nas palavras de F. R. Ankersmith, localiza a noção de historicidade na agenda da filosofia da história ao tornar clara a radical assimetria entre o passado e o presente.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Simpósio Temático 10: ARTES VISUAIS, ARQUITETURA, BIOGRAFIAS, AUTOBIOGRAFIAS, PERFORMANCE, RELAÇÕES INTERARTÍSTICAS, MEMÓRIA E HISTÓRIA

Coordenadores: Márcio Pizarro Noronha (UFG); Rosemary Fritsch Brum (UFRGS)

Terça-feira, 13 de outubro

14:00 h às 16:00 h

ENTRE-LUGARES: O MITO BANDEIRANTE NA OBRA DO HISTORIADOR-ARTISTA BENEDITO CALIXTO.

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (Unb)

O presente trabalho procurou lançar questionamentos sobre o ambiente cultural de produção da pintura O mestre de campo Domingos Jorge Velho e seu lugar-tenente Antônio Fernandes de Abreu, obra executada pelo artista Benedito Calixto em 1903 e que, a seu modo, antecipou todo um repertório visual de enaltecimento do mito bandeirante a serviço da elite paulista nas primeiras décadas da República. Influências confessas da carreira do artista nesse ambiente, duas instituições são cruciais para a compreensão da obra: IGHSP e o Museu Paulista. Igualmente importantes em nossa abordagem são as relações entre o trabalho historiográfico e artístico de Calixto. Além de características estéticas importantes de sua trajetória. Nessa análise escolhemos Capitánias Paulistas, trabalho publicado pelo artista em 1924 e que revela algumas das tensões e dos dilemas vividos pelo historiador-artista.

Arquiteturas performáticas: a construção do lugar moderno em Goiânia.

Eline Maria Moura Pereira Caixeta (UFG)

José Artur Dáló Frota (UFG)

A atuação do arquiteto contemporâneo tem se aproximado de outras áreas de investigação que tem por base a experiência visual, buscando estratégias de projeto onde o dado “plástico” é parte expressiva do processo criativo. No âmbito do edifício, este se define como uma “paisagem operativa”, performática, que se manifesta simultaneamente como condição natural e artificial. A arquitetura não só incorpora-se como paisagem, mas também é paisagem e não objeto. Dentro deste contexto os conceitos de arquitetura e paisagem mesclam-se, referem-se à translação entre escalas, e surge o conceito de edifício paisagem, aquele que estabelece uma nova ordem formal na construção do lugar. Por outro lado, a idéia de mudança e renovação traz consigo a idéia de construção de uma história. Neste sentido a arquitetura é um dos meios mais diretos de estabelecer referências que permitam as

leituras desta história, pois ela cria marcos visuais que podem ser compartilhados publicamente. O Jóquei Clube de Goiás (1962) e o Estádio Serra Dourada (1973), obras do arquiteto paulista Paulo Mendes da Rocha, em Goiânia, podem ser lidas sob este olhar. Construídas em um período importante na definição de um novo estágio do desenvolvimento urbano da cidade, configuram-se como projetos referenciais da imagem de modernidade e da criação de uma nova espacialidade urbana.

TEMPOS NARRATIVOS E MIMESE EM ALVARO SIZA

Valquíria Guimarães Duarte (UFG)

Este texto tem o propósito de realizar um cruzamento do “processo de projeção” de Alvaro Siza, um arquiteto-teórico e historiador-artista da própria arquitetura, com a abordagem desenvolvida por Paul Ricoeur, nosso historiador-artista, entrelaçando a dimensão ficcional no campo da produção de uma narrativa histórica. Seguindo o planejamento de Ricoeur, a pesquisa pretende investigar a dimensão da tripla mimese no plano arquitetural, nas ordens da prefiguração, configuração e refiguração, que serão tratadas sob as formas da intertextualidade e da intermedialidade, avançando a leitura hermenêutica em suas relações com uma hermenêutica do tipo desconstrucionista. Nestes termos, a figura de Alvaro Siza aparece como sendo emblemática do projeto artístico-arquitetônico contemporâneo, entendendo que suas obras enquanto obras do mundo da cultura transformam nossa visão de mundo, criando novas centralidades e novas percepções e sensibilidades do urbano. e no caso particular do estudo, pensar e edificação do museu - Fundação Iberê Camargo (RS).

DELINEANDO PENSAMENTOS OBRAS E VIDA.

Cíntia Guimarães Santos Sousa (UFG)

Márcio Pizarro Noronha (UFG)

Este artigo faz parte do projeto de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da UFG, orientado pelo Professor Doutor Márcio Pizarro. É um estudo que envolve a Teoria Interartes e o campo da nova história biográfica. O texto tem a pretensão de responder várias questões: como escrever uma história de vida, mas que não seja num modelo tradicional de biografia, uma vez que o referido artista, Paulo Bruscky é um artista-midiografado e a pesquisa insere-se campo acadêmico? Quais os caminhos? Qual o método? Como escrever uma história de vida? O que é uma midiografia e uma biografia fractal? Portanto, este texto é uma revisão crítica de métodos biográficos trabalhado por diferentes autores, sobre várias personalidades importantes e fundamentais para esta pesquisa. Divide-se em dois momentos: o primeiro é uma reflexão que envolve o campo da história biográfica, tempo e espaço, o seu desenvolvimento e de como eram escritas as primeiras biografias de artistas; e no segundo momento um levantamento e análise de biografias de diferentes campos do conhecimento: das artes, da literatura, da história, e da comunicação social.

16:00 h às 18: 00 h

INSTITUIÇÕES E INSTUCIONALIZAÇÃO: A OBRA CONTEMPORÂNEA E SEU PROCESSO RESIDUAL.

Suely Lima de Assis Pinto (UFG)

Marcio Pizarro Noronha (UFG)

A institucionalização da obra de arte nos museus de arte não se constitui num simples processo de musealização envolvendo o agrupamento de documentos e obras, mas sim, um complexo que abrange o seu processo de criação, ou a sua capacidade de gerar arquivos/documentos a partir de sua exponibilidade, produzindo sempre novos fantasmas. Trata-se de pensar, historicamente, o procedimento de institucionalização regido por regras rígidas, tradicionais, em contraponto a uma produção que carrega o esteriótipo residual e fantasmagórico de se caracterizar como arte a partir de “ser” arquivo (ser ou não arte). Que discursos ou práticas museológicas reconhecem como arte o processo de documentação e arquivo gerados pela produção da arte imaterial, transitória, conceitual, que exige um repensar sobre esta produção e seu resíduo abjetal.

A POÉTICA & ICONOGRAFIA DE JULIO GHIORZI NA PRODUÇÃO PICTORICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: O CORPO E O LUGAR DA MATERIALIZAÇÃO E SUAS REPRESENTAÇÕES NA PERSPECTIVA DA ESTÉTICA NEOBARROCA

Camila Rodrigues Viana Ferreira (UFG)

Este trabalho tem como foco de pesquisa a representação e a apresentação do corpo na perspectiva da estética neobarroca, no âmbito da pintura contemporânea. Trata-se de um trabalho de História dentro da especificidade da História da Arte, nos moldes tradicionais da produção artística, que é a pintura. O corpo será apresentado como objeto principal, para refletir a respeito da estética neobarroca. A forma de compreensão dessa estética, dar-se-á através da Arte Visual, mais especificadamente a pintura, pelo viés formalista. A poética e a iconografia de Julio Ghorzi refletirão a construção de objetos pictóricos que possam ser designados, como pintura, dentro dos moldes de tecnologias tradicionais da produção artística; bem como, o seu relacionamento com outras tecnologias aplicáveis a pintura, na contemporaneidade. Essa composição pictórica formal será articulada teoricamente ao conceito de barroco para refletir a construção do conceito de neobarroco no ambiente contemporâneo.

IMAGENS PODEM SER IMPORTANTES: UMA EXPERIÊNCIA COM GRAFITE

Vânia Olária Pereira (UFG)

O texto apresenta uma experiência em torno da concepção de imagens na pesquisa, deflagrada pelo trabalho de campo de mestrado, sob a orientação da professora Dr^a Leda Guimarães. Meu projeto, ora intitulado “Arte / vida / trabalho: Produção de sentidos de Hip Hoppers da Vila Pedroso-Goiânia”, gira em torno de significados do Hip Hop e linguagens relacionadas a este movimento, como o grafite, muito comum em contextos urbanos. Necessita de registros imagéticos que vão desde fotografias dos artistas, de seus contextos cotidianos, de suas roupas, suas produções visuais, etc. Procurando aproximações com a noção de que imagens podem deflagrar processos investigativos no lugar de apenas ilustrarem dados e fatos da pesquisa, busco refletir sobre relacionamento entre o discurso visual e o discurso verbal, em discussões e textos. A experiência que apresento mostra como minha compreensão a respeito desses registros imagéticos vai mudando a partir de deslocamentos provocados pela imersão nos estudos sobre cultura visual. A comunicação se faz por meio do relato de

uma experiência vivenciada por mim no processo de construção da pesquisa de mestrado, resultando no reforço das idéias de agência e heterogeneidade para imagens.

LITERATURA E PINTURA, UMA ANÁLISE DO LIVRO “LITERATURA E PINTURA FRANCESA DE CELINA MARIA MOREIRA DE MELLO

Mario Mendes Cavalcante (UFG)

Pretendo discutir nesse trabalho as relações existentes entre arte e literatura, mais precisamente, entre literatura e pintura e, para isso, farei uma análise do livro “A Literatura Francesa e a Pintura, Ensaios críticos” de Celina Maria Moreira de Mello através do estudo e análise das obras de três artistas do período que compreende os séculos XVII ao século XIX: Jean Antoine Watteau, Jaques-Louis David e Eugène Delacroix. Investigarei as obras: Peregrinação a Ilha de Citera, O Rapto das Sabinas e A Morte de Sardanapalo; a luz das reflexões que a autora propõe a partir do estudo que faz acerca da produção literária e plástica na França nesses séculos mencionados. O que o trabalho tentará estabelecer será uma análise dessas obras, a luz das inter-relações que são possíveis entre pintura e literatura, tentando criar conexões históricas e sociais, na relação que se estabelece dentro da história da arte entre arte e literatura.

Quarta-feira, 14 de outubro

14:00 h às 16:00 h

AÇÃO E ACONTECIMENTO

Rosemary Fritsch Brum (UFRGS)

A presente proposta pretende discutir pela fenomenologia hermenêutica ação e acontecimento de modo a encaminhar pesquisa histórica sobre a arte da performance. Tem-se dois objetivos em mente: iluminar a cena espetacular dessa manifestação (a performance) com vistas a elucidar para o pesquisador-historiador-artista a ligação entre o trabalho historiográfico e o trabalho filosófico, bem como dispor como a constituição de arquivo (registro imagético,etc) que viabiliza uma história da performance, pode abrir para uma nova série de questões sobre a própria sustentação dela mesma.

PERFORMANCE E INTERFACE TESTEMUNHAL-DOCUMENTAL E POÉTICO-POLITOLÓGICA.

Marcio Pizarro Noronha (UFG)

Trata de uma reconcepção e um trajeto da performance e seus fundamentos para uma pesquisa no campo da História e Teoria da Arte. A performance é percebida em seus trajetos de ação (ligada ao mundo das artes intervencionistas, da body art e do happening), nas relações entre campo visual (com o embodiment das artes visuais) e campo cênico (as tensões entre performance e espetacularização) e, mais atualmente, nos enfrentamentos entre presença e documentação. Neste texto a temática e as passagens entre o testemunhal e a formação de um conjunto documental (e a composição de séries

documentais e arquivos) incidem diretamente na preocupação de uma ético-estética ou, em outros termos, da injunção do poético no político e vice-versa.

O NÚCLEO UHUU DE PESQUISA DA PERFORMANCE: INTER-LOCUS-AÇÕES

Rosa Maria Araújo Simões (Unesp/Bauru)

O Núcleo UHUU é uma possibilidade, entre as inúmeras tentativas de romper o distanciamento entre o espetáculo e a platéia imposto pela dramaturgia clássica. Em busca de restabelecer o diálogo da energia vital entre o artista e seu público, debruça-se, sobretudo, na arte da performance que, em contraposição às concepções ortodoxas do teatro (as quais pressupõem um lugar de destaque para o emissor em relação ao receptor) coloca o público no lugar de interlocutor e, até mesmo, como co-autor da mensagem. Em seus processos-ações, o Núcleo UHUU utiliza elementos da linguagem da performance, apropriando-se de aspectos da Body Art, irrealidade, assemblages e, do surrealismo, futurismo e dadaísmo. Constrói o environment propondo colocar o público dentro do “espetáculo” de maneira lúdica e interativa. O objetivo deste trabalho é apontar os trajetos do Núcleo UHUU que vão desde as pesquisas e produções em parceria com Marcio Pimentel até os processos-pesquisa-ações em parceria com o Grupo de Pesquisa CNPq INTERARTES: PROCESSOS E SISTEMAS INTERARTÍSTICOS E ESTUDOS DE PERFORMANCE).

EXPLOSÕES ESTÉTICAS DE DANÇA NA DÉCADA DE 1980 EM GOIÂNIA

Luciana Gomes Ribeiro (UFG)

Este trabalho busca identificar possibilidades teórico-metodológicas que abarquem a especificidade do campo da arte, particularmente, da dança, para a constituição de uma história artística da dança em Goiânia. A partir dos arquivos-memória de três criadores e dois intérpretes da dança da década de 1980, investiga-se a organização deste conjunto documental e a produção de sentidos para a explicitação de pensamentos artísticos. Os sentidos históricos constituídos de e nos fatos estéticos, de e nas obras de dança realizadas para enfatizar, especificamente, os processos criativos e o funcionamento artístico destes criadores e intérpretes. A história buscada é da efervescência e de como estas personalidades produziram dança e captaram o instante, o momento estético-histórico que ocorria em outras localidades e que definiu uma época e posições artísticas relevantes de dança. Uma história estética a partir do olhar afectual e estético de cinco pessoas que viveram este momento. É possível escrever uma história das explosões estéticas? Dos afectos e perceptos e, portanto, destas experiências? Dialogando principalmente com Ricoeur e Deleuze, encontra-se estofo teórico-metodológico para tal intento.

16:00 h às 18: 00 h

ENTRE MEMÓRIA, HISTÓRIA E CENA: REFLEXÕES À FLOR DA PELE

Mara Lucia Leal (UFBA)

Nesta comunicação pretendo relatar o processo de criação da performance “Qual é a minha cor?”, construída a partir da memória-lembrança da autora sobre relações raciais em sua família. Para tanto,

foi utilizado como fonte, além das reminiscências pessoais, fotos familiares, objetos ligados ao ambiente familiar e músicas populares que refletem sobre o tema. O objetivo é analisar o trânsito entre as performances cotidianas e as artísticas, entre história, memória e imaginação. Para tanto, utilizo o arcabouço teórico dos Estudos da Performance (Phelan, Schechner, Taylor) e de autores que trabalharam com o tema da memória como Bergson, Proust e Ricoeur.

CANTOCHÃO: TEATRO E ENGAJAMENTO SOCIAL NO NORDESTE

Francisco de Assis de Sousa Nascimento (UFPI/UFF)

O texto propõe uma análise do espetáculo Cantochão que foi montado pelo grupo Construção em Recife (PE), em 1969 sob a direção do dramaturgo e crítico de teatro Benjamim Santos e sua relação com a influência estética do show Opinião, apresentado no Rio de Janeiro. As vivências coletivas, os olhares sobre a cidade, as histórias entrecruzadas e as sociabilidades articulam-se no exercício da análise comparada das performances teatrais dos atores-cantores, como agentes e protagonistas do processo de interação com as platéias. Na montagem teatral é abordada de forma reflexiva e crítica a conjuntura política, social e cultural no período de vigência da Ditadura Militar no Brasil, sendo considerado por alguns críticos como teatro engajado. As fontes históricas consultadas foram os jornais do Commercio de Pernambuco, fotografias de ensaios do grupo Construção, livros de memória e depoimentos orais do dramaturgo Benjamim Santos. A fundação teórica da pesquisa filia-se à abordagem denominada na atualidade como Nova História Cultural.

A MÍMESIS NO BODYPAINTING COMO INSTRUMENTO DE INTER/INTRA PERCEPÇÃO DO PERFORMER

Patricia Helena Soso (Geperformance)

A experiência metafísica do bodypainting mimético. Performances realizadas no Brasil (Porto Alegre/RS) e na Itália (Pietrasanta, Pontedera, Prato e Firenze). A questão do espaço. O significado do locus. O performer enquanto sujeito/objeto inserido no espaço mimetizado. As relações provenientes desta interação. A paragem como ação e resistência, relacionados com os conceitos de “Stillness”, “Still Act” e “Historical Dust”. Qualidades passivas e ativas da paragem. Efemeridade e eternidade da experiência artística. Máscara total. O movimento não cotidiano e o movimento cotidiano deslocado. A máscara como paradoxo da experiência mimética. A consciência do performer enquanto mídia semiótica. O universo da cor. A questão do som. A apresentação de obras abertas. A emersão do homem re-significado.

Quinta-feira, 15 de outubro

14:00 h às 16:00 h

MEMÓRIA E PERFORMANCE: A EXPRESSÃO DAS EXPERIÊNCIAS PASSADAS ENQUANTO ATO REVELADOR DO “EU” REMEMORANTE

Saulo Germano Sales Dallago (UFG)

A presente comunicação tem por objetivo investigar as relações estabelecidas entre a performance enquanto manifestação artística e entrevistas memorialísticas entendidas enquanto performances audiovisuais (corpo e voz). Tentando compreender a memória além de seu viés tradicional, ou seja, um mecanismo psíquico que busca e resgata lembranças, detém-se na memória enquanto sua expressão, sua concretude, sua manifestação no momento de uma entrevista e, portanto, as possibilidades de análise que este prisma pode proporcionar ao historiador. Este trabalho vincula-se ao projeto de doutorado intitulado “Performance e Fotografia: a narrativa audiovisual das memórias do grupo Teatro Exercício”, sob orientação do prof. Dr. Márcio Pizarro Noronha, dentro do Programa de Pós Graduação em História da UFG.

QUANDO A VIDA VALE UM FILME (?): IDENTIDADE, MEMÓRIA, HISTÓRIA E ESQUECIMENTO

Júlio César dos Santos (IFG)

A Identidade, e seus processos perlaborativos, solubiliza quase que a totalidade de conceitos constitutivos do pensamento e do discurso. Pode ser apreendida ou inferida tanto a partir de objetos quanto de sujeitos, mas sempre como parte de um diálogo “inter” e entre elementos, categorias, classes, sujeitos, instituições múltiplas e diversas. Esta comunicação aborda e se ancora nos conceitos e mecanismos da memória, história e esquecimento e se sustenta num suporte (objeto) cultural: o audiovisual, mais propriamente o documentário, mas é um relato auto-bio-etno-biográfico, buscando analisar a forma como determinado indivíduo se constitui como uma identidade (subjéctiva e histórico-cultural), e quais os “adjetivos” que se decalcam nos seus modos de ser e de viver. A proposição é produzir um documentário a partir de relatos de memória (e esquecimento), e históricos do indivíduo reconhecido como personalidade artística e cultural que se destaca, nos (e dos) coletivos (territórios). Apesar do recorte, infere-se, através deste estudo, que a identidade (ou identidades) é perlaborativa, se produz sempre “in process”, em territórios “interartes”, constituindo este indivíduo-sujeito como artista-historiador e historiador-artista, que se escreve enquanto se inscreve, e vice-versa, como sujeito, mas também como seu próprio objeto de criação artística.

O ATO DE ESCREVER PARA SI E PARA OS OUTROS: NUANCES E PERSPECTIVAS

Iolene Mesquita Lobato (UFG)

O presente trabalho tem como objetivo discutir a prática da escrita de si, sobretudo a autobiografia, que ganhou uma “nova” roupagem na modernidade, ao traçar relações, exprimir ou revelar dimensões íntimas dos indivíduos. O que se propõe é refletir sobre tal prática e chamar atenção dos diferentes recursos utilizados (fotografia, documentos, carta, imagens, etc.) que ampliam a consistência da pesquisa autobiográfica e acima de tudo constitui uma dimensão da vida social. Em vista disso, torna-se fundamental considerar, neste contexto, questões como memória, sujeito e narrativa, de forma que estes possam ser associadas à prática de escrever para si e para os outros.

16:00 h às 18: 00 h

GRACE JONES E O DESLOCAMENTO DAS FRONTEIRAS DE GÊNERO E RAÇA NO APOGEU DA ERA DISCO (1977-1979).

Danilo Rabelo (UFG)

Nascida em Kingston, Jamaica (19/05/1948), Grace Jones migrou para os EUA em 1965. No início dos anos 1970 trabalhou esporadicamente como atriz e alcançou fama como modelo em Paris. De volta a Nova York, no final dos anos setenta, ela tornou-se um ícone gay ao gravar três discos clássicos de música disco: *Portfolio* (1977), *Fame* (1978) e *Muse* (1979). Entretanto, no meio acadêmico, Jones é muito mais lembrada por suas performances ao vivo e pela persona voluntariosa e narcisista que criou. Sua obra desde o princípio transpõe e desloca as fronteiras de raça e gênero e as representações colonialistas sobre a mulher negra e caribenha em meio à perplexidade e ambigüidades trazidas pela Revolução Sexual e pela cultura do simulacro. Esta comunicação analisa os discursos, as referências, os significados e os sentidos possíveis das canções e performances de Grace Jones para repensar as relações e tensões entre grupos étnicos, sexuais e sociais.

BIOGRAFIA E HISTÓRIA DE ARTISTA: A MEMÓRIA REVIVIDA DE ESTÉRCIO MARQUEZ CUNHA

Eduardo Barbaresco Filho (UnB)

A relação entre memória e biografia é fundamental para a construção e narração historiográfica. Trabalharemos nessa perspectiva com um projeto sobre o compositor Goiano Estércio Marquez Cunha, sua importância de vida e obra no cenário nacional musical/artístico contemporâneo. Num enfoque metodológico prévio estudaremos temas como, o hábito, a lembrança, temporalidades múltiplas e suas relações com a memória; a rememoração e sua referência ao passado que se torna atual e presente. Ricouer (2007) enfatiza justamente essa questão: a de dar vida ao passado, de devolver o futuro ao que se passou num processo de elaboração com base na psicanálise e na hermenêutica. Assim, têm-se duas vias de pesquisa: história oral - com entrevistas com o compositor, conversas com ex-alunos, professores, amigos, músicos que conhecem o trabalho de Estércio; e por outro lado, fontes documentais escritas, jornais e revistas, dissertações. O intuito é destacar a narrativa histórica diferenciada de um historiador tradicional, em contrapartida, um historiador artista/músico; é um músico dizendo de outro músico compondo traços de sua própria história e arte.

UMA BIOGRAFIA FÍLMICA DE RICHARD WAGNER

Sylmara Cintra Pereira (SEE-GO)

Márcio Pizarro Noronha (UFG)

A perspectiva adotada nesta pesquisa observou o campo mais geral das relações interartísticas através de produções fílmicas. Para isso, tratamos da biografia histórica ficcionalizada (a biografia em filme) permitindo o acompanhamento de certos clichês e de correlações entre som e imagem. Em seguida, a cinematografia que oferece outras potencialidades, no pensamento do filme como criação de um mundo, numa ruptura decisiva com a articulação tradicional música-imagem, traçados agora como alvo de uma conjugação-intervalo denominável de audiovisual. A partir desta biografia, investigou-se a concepção de arte que circula na obra de Wagner e, mais especialmente, tratou-se de uma revisão bibliográfica do tema da obra de arte total [Gesamtkunstwerk]. Neste domínio coube, portanto, uma aproximação-compreensão das raízes românticas bem como da reintegração do pensamento acerca do clássico – a idéia de heranças da Grécia no XIX. Buscou-se assim demonstrar a importância e representatividade de Richard Wagner no Romantismo Alemão e a presente relação interartística entre o som e a imagem na obra wagneriana.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Mini simpósio História Religiosa: temas, problemas e perspectivas

Coordenadores: Dr. Haroldo Reimer (UCG) e Dr. Eduardo Quadros (UEG/UCG)

Resumo: A investigação histórica acerca das manifestações religiosas teve grandes avanços nas últimas décadas. O diálogo interdisciplinar é o principal responsável pelo refinamento das pesquisas, renovando intensamente as formas de interpretar o fato religioso. Neste mini-simpósio, sem fechar temas, queremos proporcionar uma plataforma para a avaliação destes avanços, incentivando o cruzamento da perspectiva histórica com as demais ciências que abordam a experiência com o sagrado. Entendemos que de modo pluridisciplinar, o específico do religioso ganha destaque, sendo percebido de forma mais dinâmica nas interações com as demais esferas das configurações espaço-temporais.

Comunicações 13/08

PENTECOSTALISMO, URBANIZAÇÃO E MODERNIDADE: O CRESCIMENTO DA ASSEMBLEIA DE DEUS NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA (1952-2009)

Bertone de Oliveira Sousa - UFG

A presente proposta de comunicação objetiva analisar o processo de crescimento da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Imperatriz (IEADI), na cidade de Imperatriz, segunda maior do Estado do Maranhão. Analisa-se os aspectos históricos de sua urbanização e modernização, sobretudo a partir da década de 1950, o crescimento dessa instituição religiosa paralelo ao da própria cidade, bem como a formação de uma identidade religiosa pentecostal, através de uma atuação fortemente proselitista e que ofereceu uma alternativa cultural a muitas pessoas que ficaram desamparadas pela urbanização e modernização operadas nesta cidade. Investiga-se também as peculiaridades da modernização latino-americana que propiciaram a expansão pentecostal nas últimas décadas neste continente, enfocando sua repercussão na cidade de Imperatriz.

RELATOS DE UMA GUERRA RELIGIOSA: O “EPISÓDIO VACA BRAVA” EM GOIÂNIA (2003)

Léo Carrer Nogueira - UEG

Os conflitos entre diferentes denominações religiosas têm sido cada vez mais comum nos grandes centros urbanos. Não é raro encontrarmos, por exemplo, notícias sobre verdadeiras “guerras religiosas” ou simplesmente “confrontos” entre grupos religiosos que se consideram rivais e até mesmo inimigos. É o caso, por exemplo, dos conflitos entre algumas igrejas de denominações neo-pentecostais e membros das religiões afro-brasileiras. Nos jornais, revistas e noticiários sempre encontramos resultados desta guerra particular, como casos de propagandas em que as religiões afro são mostradas como demoníacas. Neste trabalho analisaremos um destes casos, que ficou conhecido como “Episódio Vaca-Brava”, quando milhares de evangélicos foram a um parque na capital goiana protestar contra a exposição de algumas estátuas que representavam os Orixás africanos cultuados nas religiões afro-brasileiras, caso largamente divulgado e noticiado na imprensa goiana

REAFRICANIZANDO: A PERSPECTIVA IDENTITÁRIA CANDOMBLECISTA APÓS A DÉCADA DE 1960

Natália do Carmo Louzada - UFG

O presente trabalho se propõe a refletir acerca do processo de afirmação do candomblé no Brasil, transcorrido durante a década 60 do século XX. Procurando analisar a retomada da herança cultural africana por parte desta religião como processo de invenção da tradição que permitiu, no referido contexto, mediante a perspectiva do movimento de contracultura nacional e sua busca pelo exótico, relativa posituação e inserção social às religiões afro-brasileiras e seus adeptos. Processo que, todavia, ao legitimar a nova perspectiva identitária candomblecista fundamentada na idéia de manutenção da “pureza” ritual africana, institui hierarquização desvalorizadora das demais religiões híbridas existentes no país, tendo em vista uma super valorização da herança cultural africana frente ao “sincretismo” e às contribuições culturais indígena e européia.

O PIETISMO INDIANO: O VAISHNAVISMO COMO REFORMA DE UM HINDUÍSMO CLÁSSICO

ARILSON SILVA DE OLIVEIRA - USP

Buscamos compreender o contexto sócio-histórico (ética e visão de mundo) do vaishnavismo, bem como o seu imaginário religioso, seus espaços, sua origem, seus precursores, suas divindades, suas práticas e, por fim, sua gama literária inserida na tradição indiana (ou parte integrante do que hoje se conhece como hinduísmo) e de forma latente nos ancestrais textos védicos. Unido a tudo isso, observar como se desenvolveu historicamente a centralidade de sua religiosidade em um sentimento devocional ímpar na Índia.

Chegamos à compreensão de que esta tradição religiosa além de voltar-se para a devoção de um único deus multifacetado, possuindo raízes históricas envoltas na ortodoxia brahmânica, ou seja, na milenar concepção de que os brahmanas (mestres intelectuais) são os únicos agentes sociais capazes de orientar toda a sociedade para o além-mundo; tudo voltara-se para uma prática místico-sentimental que rompera com inúmeros tabus tradicionais: tal como o determinismo do nascimento que era a principal prerrogativa para se ter, poder obter ou se eleger como apto aos ensinamentos religiosos tradicionais.

YOGA EM GOIÁS: ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES ORIENTAIS EM GOIÂNIA

EULLER GONTIJO DE OLIVEIRA - UFG

Discutir a História do Yoga em Goiás é pensar nas relações Oriente/Ocidente, sobretudo em suas representações culturais e religiosas, buscando uma melhor compreensão da história da religiosidade oriental e sua inserção na cultura ocidental. O presente trabalho se insere na abordagem da História Cultural numa perspectiva micro-histórica, a partir do Instituto Goiano de Yoga, fundado em 1971, pelo Professor Nestor Mota, buscamos compreender como a prática do Yoga se insere na contemporaneidade. Sob as bases teóricas de Edward Said e Hobsbawm abordamos o debate sobre a relação Oriente/ Ocidente, não numa perspectiva dicotômica, mas dialogando com estas duas vertentes de compreensão acerca do Oriente. Nesse sentido, o presente trabalho traz para o centro do debate as relações e inter-relações entre oriente e ocidente e como a partir desse encontro novas adesões religiosas surgem na contemporaneidade.

IDENTIDADES E HETERODOXIAS CLERICAIS NA DIOCESE DE GOIÁS (1824-1907)

Wellington Coelho Moreira – UCG

A prática do concubinato clerical é fato notório e atinge o exercício do sacerdócio nas várias localidades da Diocese de Goiás. O período a ser analisado limita-se em identificar e compreender a identidade e a formação de famílias compostas por sacerdotes católicos, dando ênfase à atuação dos governos episcopais situados no período de 1824 até 1907. Os bispos desta época tentaram combater e normatizar a quebra do celibato em Goiás, no entanto, não obtiveram o êxito desejado. Testamentos de clérigos e de seus filhos, cartas pastorais de bispos, jornais, crônicas e correspondências entre poderes instituídos, dentre outros documentos civis e eclesiásticos revelam a formação de sacrílegas famílias aceitas e reconhecidas como legítimas pela sociedade local, embora houvesse por parte das autoridades eclesiásticas a negação desta forma de constituição familiar. O clero goiano não esteve imune ao *modus vivendis* da população local, ao contrário, o seu modo de vida é em grande parte similar e correlato ao dos leigos.

ENTRE A BATINA E A ALIANÇA: O MOVIMENTO DE PADRES CASADOS NO BRASIL

Edlene Oliveira Silva - UnB

O trabalho trata do processo de formação do Movimento de Padres Casados-MPC, institucionalizado no Brasil em 1979. O celibato obrigatório para todo o clero latino tem sua origem 1123 durante a Reforma Gregoriana. Consolidado no princípio da Idade Moderna pelos cânones do Concílio de Trento (1537-1563), o celibato eclesiástico tornou-se o principal símbolo identitário do clero latino ao santificar e fortalecer a hierarquia eclesiástica, justificando sua superioridade em relação aos leigos e aos demais sacerdotes de outras denominações religiosas. Questionado publicamente pela primeira vez durante o Concílio Vaticano II (1962-1965), o celibato clerical foi mantido e assegurado pela Encíclica *Sacerdotalis Caelibatus* (1967), gerando um considerável fluxo migratório de sacerdotes que resolvem abandonar o ministério eclesiástico para casar-se. Ocupando um “entre-lugar”, entre a batina e aliança, padres casados de todo o mundo se organizaram e travaram uma luta histórica contra o celibato obrigatório. Esta pesquisa procurou entrever de que forma os egressos brasileiros construíram suas representações, articuladas por várias vertentes, mas sempre interpeladas pela força simbólica do imaginário religioso.

AS SENHORAS DA FESTA: REFLEXÕES SOBRE O CAMPO RELIGIOSO NO SAGRADO FEMININO DA CIDADE DE GOIÁS

Raquel Miranda Barbosa - UEG

A presente discussão preocupa-se em descortinar as representações do sagrado feminino na cidade de Goiás como uma forte tendência religiosa popular. As várias faces de Maria e outras santidades femininas norteiam, quase em sua totalidade, as festas e as igrejas erigidas em Goiás ainda no século XVIII. O calendário religioso oficial católico corrobora esta tendência que aguça o ato investigativo desta pesquisa. Entre uma cultura patriarcal, sobressai no catolicismo popular local uma característica bastante peculiar ao campo religioso: o feminino se avoluma tanto entre as práticas religiosas quanto

nas credenciais que legitimam a inserção da mulher em um espaço religioso e cultural permeado por valores institucionais masculinos.

O APÓSTOLO DE GOIÁS, PADRE PELÁGIO

Valmor da Silva- UCG

Analisa a periodização da vida e milagres do Padre Pelágio Sauter, cognominado apóstolo de Goiás, de acordo com o livro de Padre Clóvis Bovo, O jeito do Padre Pelágio; com o Processo de beatificação e canonização do Padre Pelágio; e com o filme de Débora Torres, O Servo de Deus Pe. Pelágio. O primeiro período compreende do primeiro ano de vida ao primeiro ano de sacerdócio, 30 anos de formação na Alemanha. O segundo período engloba os 52 anos de atuação sacerdotal no Brasil, dos quais 47 em Goiás, com destaque aos 5 últimos em Campinas-GO. O terceiro período é o do reconhecimento popular de sua santidade, os 47 anos após sua morte. A análise passa pelos diversos símbolos que o Padre Pelágio representa, tais como o menino de família humilde e trabalhadora, o sacerdote religioso redentorista, o missionário estrangeiro alemão, o pastor popular dedicado aos sacramentos, o agente da bênção às crianças e aos enfermos, o santo popular dos milagres pitorescos, o servo de Deus com fama de virtude e santidade.

A MODERNIZAÇÃO DO CATOLICISMO EM GOIÁS: HIPÓTESES DE UMA PESQUISA

Eduardo Gusmão de Quadros – UEG/UCG

O processo de modernização em Goiás tem sido estudando privilegiando a construção de Goiânia e a, conseguinte, transferência da capital do Estado. Ele ocorreu em múltiplas dimensões – econômicas, políticas, sociais, tecnológicas, culturais – mas esse marco não é válido quando tratamos do catolicismo. O município de Campinas, sede da Ordem Redentorista, é que foi chave para que a modernidade atingisse, de alguma forma, o campo religioso. Isso se deve, especialmente, à atuação missionária desenvolvida por aqueles padres.

As falas femininas: atuação das goianas entre o final do século XIX e início do século XX

Javã Isvi Pinheiro Marcondes – UFG

Como foi possível que a fala feminina se fizesse “audivel” a todos, pública, lançada aos quatro cantos da cidade? Como pode ser efetivado um regime de enunciação que autorizasse a presença da fala estranha? A análise de artigos de jornal, periódicos literários femininos (O Lar e A Rosa) e processos criminais de delitos cometidos por/contra elas permite constatar e explorar a diversidade de manifestações da fala feminina. Entre a intelectual e a meliante interrogada haveria o fio de uma “consciência feminista” a garantir a unidade da experiência feminista? Os muitos casos públicos ou mesmo as ocasiões especiais em que a subserviência dá lugar à ira declarada não estão ligados entre si por motivações únicas, nem compõem um único quadro, mas põem em jogo diferentes formas de ação e de pensamento. Tomado dessa forma, o feminismo passa a ser pensado como um fenômeno múltiplo, disperso, que se manifesta sempre de forma diferenciada, segundo as regras de enunciação de cada situação declarada. Longe da execução regular de um programa de ações, trata-se, antes, de movimentos cujas manifestações encontram sempre campos de lutas particulares.

DOS DISCURSOS RELIGIOSOS NA CONSTITUIÇÃO DE UMA “NOVA MORAL SEXUAL” – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950.

CRISTIANE LIMA SANTOS – UNEB

A proposta de comunicação busca realizar uma análise, sob uma perspectiva de gênero, das tensões que permeavam o cotidiano feirense, vislumbrando os discursos religiosos presentes na redefinição dos tipos e/ou entendimentos de honra e moralidade sexual para os jovens dos anos 40 e 50. Neste momento, as discussões em torno das novas sociabilidades urbanas em Feira de Santana apontariam para a necessidade de um código em que seria ditado tanto o comportamento sexual feminino quanto o masculino, nesse ínterim o “despreparo da juventude” passava a ser considerado um problema social na medida em que vinha sendo definida como protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações, essencialmente situado na esfera dos comportamentos morais.

O PAPEL DA MULHER NO LAR E A SUA AÇÃO NA FORMAÇÃO CRISTÃ DOS FILHOS EM ARAGUARI DE 1940 A 1950.

Gilma Maria Rios - Professora da Universidade Presidente Antonio Carlos – campus Araguari/MG

A temática de gênero, identidade e práticas religiosas marcam uma virada na produção do saber, sobretudo, nas ciências humanas que enriqueceram com a incorporação dessas categorias de análise. Nesse sentido, esta comunicação tem como objetivo refletir sobre as relações estabelecidas entre gênero e constituições identitárias presentes no cotidiano das mulheres araguarinas, principalmente àquelas que se referem aos discursos religiosos que circularam pelo espaço social local nos anos 40 a 50. Esse estudo tem como base as pesquisas desenvolvidas sobre as mulheres araguarinas pelo Grupo de Pesquisa “História, Gênero e Cotidiano”. Utiliza-se como fontes documentais a Revista Ave Maria, publicada pela Igreja Católica e o Gazeta do Triangulo, jornal local, que circulava em Araguari/MG na data do recorte de estudo e a historiografia em geral que aborda o assunto em discussão. Observa-se que apesar do pensamento hegemônico traduzido pela imprensa/mídia católica, as pessoas resistem e reescrevem novos juízos de valores, possibilitando a ampliação do saber histórico e a descoberta de novas abordagens.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Simpósio Temático 12: História, ESPAÇOS E NARRATIVAS

Coordenadores: Adriana Mara Vaz de Oliveira (UCG)

Elane Ribeiro Peixoto (UCG)

Márcia Metran de Mello (UCG)

Terça-feira, 13 de outubro

14:00 h às 16:00 h

De Terras entremeyas a ponto de ligação: formas de percepção DO ESPAÇO NAS REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS DO OESTE DE MINAS GERAIS

Gilberto Cezar de Noronha (UFU)

O texto apresenta algumas possibilidades da análise de representações cartográficas do oeste de Minas Gerais produzidas em diferentes temporalidades como estratégia para a apreensão das formas diversas de percepção desse espaço. As diversas representações cartográficas analisadas interessam ao historiador tanto como artefato cultural – como registros materiais de ações humanas circunscritas no tempo e no espaço – quanto pela sua condição mesma de registro-mediação da relação que os homens mantêm com o espaço. Desse modo, o mapa pode ser compreendido tanto como a materialização de uma idéia sobre o espaço quanto (produto da) configuração social que lhe tornou possível. Poderia nos informar sobre as relações, digamos, sócio-espaciais de que fizeram parte seus produtores, das tramas sociais de que participavam, das relações com um mesmo lugar inscrevendo-o de diversas formas tais como, por exemplo, pensado como espaço exterior à civilização (no século XVIII) ou como Centro Oeste de Minas Gerais (XX), compreendido ora como espaço fora de si, região fronteira, intermediária ou mesmo como “a região mais interiorizada, mais central”: a gema de Minas, conforme narrativas identitárias atuais de Minas Gerais –

REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO NA NARRATIVA JESUÍTICA: CAPITANIA DO RIO GRANDE, SÉCULOS XVII-XVIII.

Maria Emília Monteiro Porto (UFRN)

O devir histórico da Capitania do Rio Grande se desenvolveu nos episódios de revoltas indígenas, nas missões estratégicas e no projeto central de conquista da costa, delineando formas de construção do espaço e identidade regional que poderiam aproximar-nos o mais possível de uma elaboração posterior na memória nacional ou local desses dados. Entendemos que a Companhia de Jesus expressa nas cartas e relações sobre a Capitania do Rio Grande uma escritura de si e do espaço em que atuam e que seu discurso poderia ser tomado como parte do processo de invenção de uma "retórica da novidade". A observação operada sobre um determinado espaço tinha na figura do evangelizador não um olhar disperso lançado sobre a diversidade que se apresentava, e sim observação concentrada e dirigida para a comparação e classificação; uma arte dedicada a conhecer e controlar a diversidade cultural e as adversidades e a atender aos interesses materiais e espirituais do projeto. Na perspectiva da análise discursiva eles reúnem elementos de exploração e peregrinação. Experimentaram um destino desconhecido e a invenção desse espaço.

O TERRITÓRIO GOIANO NO SÉCULO XVIII: ENTRE A BUSCA INDÍGENA E A FORMAÇÃO DOS ALDEAMENTOS.

Deusa Maria Rodrigues Boaventura (UCG)

O presente trabalho visa discutir a formação do território goiano setecentista a partir de dois momentos: o primeiro considera as formas de captura indígena da época, pois foram estas práticas que permitiram os avanços iniciais em direção ao território. O segundo mostra o período da implantação da política indigenista nessa região, assinalando os conflitos entre nativos e colonos ocorridos ao longo de todo o processo de ocupação de um território que prometia ouro. A garantia da posse desse metal, bem como a do próprio território, levou a Coroa portuguesa, na primeira metade do século XVIII, a incentivar a construção dos primeiros aldeamentos e a missão de São Francisco de Xavier, localizando-os ao norte, e outros ao sul, na região do caminho que alcançava as minas. Mas somente no período de D. José e de D. Maria I foram erguidos os mais importantes aldeamentos de Goiás (São José de Mossâmedes e Aldeia Maria I), a partir de um conjunto de novas ações de intervenção na colônia, orientadas pela gestão pombalina e que envolveram desde questões relativas ao povoamento de áreas incultas e ao desenvolvimento comercial do Brasil até a expulsão de jesuítas e a implantação de diretórios e vigárias subjugadas pelo Estado.

MEMÓRIAS DO ESPAÇO SAGRADO: A PASSAGEM DA COLUNA PRESTES EM CRATEÚS E O "CEMITÉRIO DOS REVOLTOSOS"

Alex Alves de Oliveira (UECE)

O presente resumo tem como proposta refletir sobre a passagem da Coluna Prestes na Cidade de Crateús no ano de 1926, data que marcou a incursão do movimento dos tenentes em território cearense, nas dimensões da Região dos Inhamuns. Na cidade de Crateús, ocorreram alguns confrontos entre as forças governistas e os integrantes da Coluna, que resultou em mortes de alguns dos seus membros, ainda hoje lembrada no "Cemitério dos Revoltosos", monumento fúnebre no qual foram sepultados dois de seus participantes e tidos como objetos de devoção popular. Sendo assim nosso intuito é compreender as (re) significações do espaço dedicado ao culto dos mortos da Coluna. Diante as circunstâncias particulares que envolvem o evento, elucidamos como se processou a construção da memória social sobre a Coluna nessa localidade. Para tal propósito nos utilizaremos das narrativas orais quando estas se reportam ao ocorrido, uma vez que, apesar das notícias proferidas pelos jornais da época construirão uma visão contrária ao movimento sobre sua passagem pelo

território cearense, os dois “revoltosos” que morreram em combate com as forças legalistas passaram a ser cultuados por parte da população local como santos populares.

16:00 h às 18:00 h

UM OLHAR SOBRE IRECÊ: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DE MIGRANTES PARAIBANOS

Marilva Batista Cavalcante (UNEB)

Este artigo problematiza a migração de paraibanos para a cidade de Irecê, localizada no sertão da Bahia, nas décadas de 1940 a 1960. O trabalho é uma análise dos aspectos econômicos, sociais e culturais da cidade de Irecê que tem sua história constituída pela presença de migrantes paraibanos, assim o artigo propõe uma leitura do processo histórico regional da cidade trazendo à tona as narrativas destes imigrantes. A migração de paraibanos verificada em Irecê nas citadas décadas nos permite tecer uma análise da História Regional em suas diversas particularidades e em diferentes momentos históricos, permitindo que a vida social de uma determinada comunidade revele através das trajetórias e memórias destes imigrantes, visualizadas a partir de fontes orais, iconográficas e escritas, as especificidades do local. O estudo envolve uma série de sentidos e significados particulares de um povo constitutivo das trajetórias e experiências que os sujeitos sociais imprimem cotidianamente em seus locais de existência.

A RE-TERRITORIALIZAÇÃO E RECRIAÇÃO DA IDENTIDADE: SULISTAS EM MINEIROS

Sandra Mara D'Avila Sandri (UCG)

A complexidade da realidade de desenraizar-se para reestruturar-se em novos espaços e culturas, recriando as relações entre si e os outros. Em uma dialética de constante autoconstrução e adaptação caracterizam a marcha dos sulistas que migram. A re-territorialização exige estratégias e adequações. No caso dos sulistas de Mineiros-GO, provenientes das colônias de imigrantes italianos e alemães do RS, adotaram, em Mineiros, a cultura do tradicionalismo gaúcho, que não cultuavam em seu espaço de origem, tornando-se “gaúchos” em terras goianas. A análise busca a dinâmica do processo que motivou a recriação identitária em um processo de reterritorialização, desenvolvido a partir da oposição e do olhar do outro, o estabelecido, gerando mútuos preconceitos e estigmas. Na busca pela autoafirmação em um espaço cuja sociedade já se encontra organizada, os sulistas reorganizam-se para conseguir coesão grupal e, para isso, reelaboram a sua própria identidade. Busca-se também a percepção de uma releitura feita pelo imigrante sobre a cultura gaúcha, cultura essa eivada de novas tonalidades, pois ao se recriarem, recriam a própria cultura gaúcha. Na investigação feita para este estudo, destacam-se as dificuldades do sulista quanto à adaptabilidade e os desafios de conviver com o estabelecido e de criar seu próprio espaço. Utilizando a reconstrução identitária como principal estratégia.

FIOS DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E NARRATIVAS DA OCUPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MINAÇU

Rosaura Vargas das Virgens (UCG/ SEE-GO)

Propõe-se neste trabalho fazer uma abordagem a respeito das narrativas dos primeiros grupos familiares a ocuparem a região do norte goiano, hoje município de Minaçu, nas décadas de 1950/1960. Em suas narrativas podemos observar a relação do homem e o espaço, nesse caso, o meio rural. Seus fazeres, seu modo de vida e suas manifestações culturais acumuladas e transmitidas ao longo do tempo, tais como, a arte de Fiar e Tecer algodão, a tradição do giro da Folia de Reis e a dança da Catira. Em sua memória o percurso do giro da folia, as dificuldades do cotidiano, os mutirões, o plantio, a colheita e o transporte a cavalo e carro de boi. Assim, ao fazermos uma leitura de como esses grupos descrevem o seu espaço e como eles se posicionam em relação à história do lugar estaremos trazendo outras histórias que irão contribuir para composição da histórica das primeiras famílias a ocuparem o município de Minaçu.

HISTORIA AMBIENTAL DA REGIÃO VALE DO MEIA PONTE DE GOIÂNIA

Celina Fernandes Almeida Manso (UEG/UCG)

Este trabalho apresenta reflexões a respeito da relação entre Paisagem Natural e Paisagem Artificial. O ponto de partida são os pressupostos da História Ambiental e suas pretensões em relação a um renovado “saber ambiental”, onde a questão do meio-ambiente se transformar num tema de pesquisa interdisciplinar. Reuni o que nunca foi separado: Natureza e Cultura. Favorece a discussão sobre as categorias de espaço e região. Demonstra que complexidade, estabilidade precária, imprevisibilidade, não-linearidade são características dos ambientes nos quais se movem a sociedade. Considera bioma, região e paisagem como sistemas abertos, caóticos e submetidos à influência de fatores aleatórios cujos resultados são imprevisíveis. Busca aceitar a idéia de que os fatos ecológicos são indissociáveis dos fatos sociais, e são fatos históricos. Permite falar em co-evolução, interdependência e dinamismo tanto da natureza quanto da cultura e ainda discutir sobre a construção da cidade contemporânea mediante a criação de novas paisagens. Na Região Vale do Meia Ponte de Goiânia (1970-2000), a combinação de fatores naturais e humanos foi capaz de moldar novas paisagens e destruir rapidamente arranjos dos sistemas da natureza.

Quarta-feira, 14 de outubro – Seção A

14:00 h às 16:00 h

GENIUS LOCI: CIDADE DE GOIÁS

Lenora de Castro Barbo (UnB)

A configuração do espaço tem papel fundamental na transformação de lugares em bens simbólicos. Os traços de identidade dos lugares propiciam à formação de uma identidade coletiva. Norberg-Schulz introduz a concepção de “espaço existencial” – que não é um termo matemático-lógico, mas consiste na relação entre o homem e o meio ambiente. Sua proposta é para que se identifique e interprete os lugares por meio de suas estruturas, na verdade esquemas topológicos, que corresponderiam a níveis do espaço existencial. Este texto tem por objetivo identificar o genius loci da Cidade de Goiás. Apresentamos uma definição do que seja genius loci, da relação especial que é construída quando se criam lugares. Com esse intuito, discorreremos sobre o sentido de lugar nos espaços urbanos, passando pelo repertório de diversos autores que se manifestaram acerca do tema. E, a seguir, exemplificamos o

conceito de *genius loci*, por meio de breve análise da Cidade de Goiás, que adaptou seu desenho urbano às condições irregulares e especiais do seu sítio, criando um lugar significativo para o habitar do homem.

FRONTEIRAS SIMBOLICAS E ESPACIAIS EM VILA BOA DE GOIÁS SECULOS XVIII E XIX

Gislaine Valério de Lima Tedesco (UEG)

A presente pesquisa tem como foco central de análise as fronteiras culturais elaboradas entre os grupos sociais que habitaram Vila Boa de Goiás nos séculos XVIII e XIX. Vila Boa de Goiás se caracterizou pela multiplicidade e as contradições criadas neste espaço promoveram a elaboração e reelaboração de práticas identitárias onde os grupos buscaram reforçar suas diferenças. Assim, os grupos sociais fragmentaram a cidade e se apropriaram dos espaços criando territórios. Todavia, estes espaços foram sendo apropriados, a partir de uma aceitação, onde, segundo Bordieu, os indivíduos estabelecem limites e distâncias a serem marcadas, sustentadas e respeitadas, e as diferenças que nele se desenham “espontaneamente” tendem a funcionar simbolicamente como espaço dos estilos de vida onde se reconhecem as diferenças (2004:130). A cultura material coletada na cidade de Goiás foi utilizada pelos seus diferentes grupos étnicos na elaboração de identidade constituindo e reforçando fronteiras espaciais e culturais. Estes objetos foram utilizados como suporte para manifestações de etnicidade, onde os grupos étnicos, presentes neste núcleo urbano, buscaram codificar os espaços criando elementos simbólicos que os identificassem.

HETEROTOPIAS DIFERENCIAIS: ESPAÇO E TEMPO NA CONSTRUÇÃO DE UMA OUTRA HISTÓRIA DE GOIÂNIA.

Camilo Vladimir de Lima Amaral (UFG)

Desde Hegel e Marx a História passou a ter um papel fundamental na construção do “sentido” (compreensão e direcionamento) da existência humana, sendo um meio de interferir nas possibilidades de transformação da ordem social e cultural de um povo. Esta pesquisa-reflexão parte das teorias de Henri Lefebvre para construir uma outra história da produção do espaço de Goiânia, que contemple as narrativas excluídas da historiografia “oficial” da produção da cidade. Procurar-se-á inter-relacionar as cidadanias insurgentes e as formas espaciais produzidas por estes “resíduos” urbanos. Dando “nome” a estas histórias (no sentido da poética do saber de Jacques Rancière), procura-se transformar o tempo linear da história dita iluminista, em um “espaço-tempo” complexo que inclua as vozes dos “outros” na construção de novos sentidos para estes espaços. Desta forma, explorar-se-á as temporalidades paralelas e palimpsesticas “invasões” (loteamentos ilegais) da cidade, que conformam heterotopias constituídas de uma mistura entre real e imaginado (com “espaços de representações” próprios), onde o próprio instante de “conhecê-los” mistura-se com o seu processo de recriação (como no *kairós*, de Toni Negri).

BELO HORIZONTE – A CIDADE PLANEJADA E O SUJEITO URBANO

Ana Carolina Silva da Costa (UnB)

A cidade de Belo Horizonte constitui-se em um espaço histórico e cultural planejado e fundado em finais do século XIX. A diversidade de experiências, as tradições, os valores e os atos cotidianos de

seus moradores e cidadãos possibilitam análises sobre os modos de manifestação dos sujeitos urbanos que vivem, resistem, transformam e irrompem novas formas de sociabilidade e de comunicação no interior da modernidade. É por meio da linguagem que o sujeito se liga à história, à cultura e à sociedade. Ao funcionar como objetos de muitos discursos e ter o poder de revelar saberes específicos de leitura do urbano e de produzir imagens e representações, construindo uma trama que dá sentido ao urbano, a cidade planejada deve ser analisada como o local onde encontramos indícios que nos revelam os discursos e práticas que a construíram. As falas dos construtores podem estar fundadas no entrecruzamento dos discursos produzidos pelos agentes governamentais e aqueles produzidos pelos moradores da cidade, revelando um processo de complementação, fundado na tensão e no conflito de perspectivas. Nesta perspectiva, pretende-se analisar a formação do sujeito urbano na cidade de Belo Horizonte a partir das narrativas de Carlos Drummond de Andrade sobre a capital mineira.

16:00 h às 18:00 h

“NOVA IORQUE RUMO AO 3º MILÊNIO”: UM PROJETO MODERNO DO ESPAÇO.

Helen Lopes de Sousa (UFPE)

A opção por falar sobre a memória dos moradores de Nova Iorque do Maranhão, se constitui como tema dessa comunicação. O período em estudo se situa na segunda metade do século XX e focaliza instantes decisivos da história política, social e cultural do Maranhão. Momento este, por sua vez, permeado por contradições caracterizadas, de um lado, pela idéia de desenvolvimento e progresso do estado ancorada na construção da Hidroelétrica da Boa Esperança e, de outro, pela destruição/reconstrução da cidade. Na senda desses acontecimentos o eixo das questões se desloca para construção do projeto da nova cidade que engendrou um tipo de euforia a ser pensada como experiência histórica, ao mesmo tempo como forma de representação do discurso desenvolvimentista. Dessa maneira, a trama das relações é apresentada como uma tentativa de narração dos diferentes pontos de vista e da correlação das forças em luta. São destas relações que envolvem diferentes atores sociais que procura tratar esta comunicação, principalmente dos ângulos de observações dos moradores da cidade, na medida em que suas trajetórias de vida, apesar de se cruzarem com os objetivos institucionais, foram profundamente alteradas.

NEM SÓ DE PEDRA E CAL SE FAZ UMA CIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES ESTRUTURAIS DO RECIFE OITOCENTISTA, A NORMATIZAÇÃO DO USO DOS SEUS ESPAÇOS E A TEATRALIZAÇÃO DO COTIDIANO.

Sandro Vasconcelos da Silva (UFRPE)

O século XIX representou para o Brasil um período emblemático devido às diversas transformações ocorridas nos mais variados campos sociais inspirados nos modelos europeus de cidades como Londres e Paris, consideradas na época como pólos difusores da civilização ocidental, sendo assim, cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Recife, buscam modernizar-se, seduzidas pelas novas posturas sociais. No que concerne ao Recife, a elite dominante procurou instaurar novos hábitos à guisa européia, numa tentativa de modernizar a cidade. O objetivo dessa comunicação é discorrer a respeito de como, e até onde, tais transformações modificaram os hábitos de sua população no que diz respeito aos seus costumes e usos do espaço citadino.

AS MARCAS IMPRESSAS NA PAISAGEM DE LONDRINA: PERMANÊNCIAS E DINÂMICAS URBANAS

Sandra Catharinne Pantaleão Resende (UEG)

Perceber a cidade, a sua evolução histórica, os eixos ou setores de crescimento e expansão, identificando as permanências e dinâmicas urbanas, foram fios condutores do presente trabalho. Um dos principais eixos de análise consistiu na identificação das inter-relações entre homem e ambiente, pois são estas que interferem diretamente na construção de imagens coletivas e na qualidade de vida do ambiente construído.

O objeto de estudo é a cidade de Londrina, onde foram destacadas algumas permanências, que, embora tênues, marcam o substrato do ambiente, ressaltando-se imagens bucólicas em tempos da revolução da microinformática. Com relação ao aspecto dinâmico da cidade, há muitos setores que demonstram, pela sua materialidade, o processo da evolução urbana quanto à transformação da relação entre homem e espaço. Há muitas formas de abordagem e reflexões sobre as permanências e dinâmicas urbanas. Uma forma de análise mais recente, do ponto de vista da história urbana brasileira, respalda-se em perceber a cidade através dos símbolos, significados, traços culturais, atmosferas, memórias, ou seja, a dimensão simbólica, numa perspectiva cultural.

MEMÓRIAS E PRÁTICAS DAS DISPUTAS PELA TERRITORIALIZAÇÃO DO PRAZER EM ITABUNA-BA (1940-1960).

Carolina Dos Anjos Nunes Oliveira.(UFPE)

Os vários discursos que confluíram para ações de urbanização/modernização da cidade de Itabuna-BA, produzidos pela classe economicamente hegemônica, indicavam a vontade de padronizar as práticas de seus habitantes segundo normas de civilização. Diante deste quadro, o controle da ordem na cidade e a instauração de uma imagem “civilizada” desta, perpassavam pela necessidade de expulsão das prostitutas do centro urbano. As cidadinas não coadunavam com os papéis atribuídos ao gênero feminino idealizado, que deveria reproduzir a legitimidade do exercício da sexualidade apenas no matrimônio. A comunicação propõe problematizar no processo de urbanização de Itabuna-BA (1940-1960), a disputa de territórios em sua região central – lócus onde as prostitutas negociavam as suas sexualidades, mediatizadas por fatores econômicos, culturais e pessoais – focalizando o conflito construído entre as práticas das prostitutas e o projeto de homogeneização da cultura urbana. Para viabilizar a análise, recorre-se a relatos orais de memória, à leitura dos discursos sobre as prostitutas encontrados nos jornais do período, processos-crime e obras de memorialistas e de ficção como do escritor Jorge Amado.

Quarta-feira, 14 de outubro – Seção B

14:00 h às 16:00 h

Bunker – o Führer subterrâneo

Bárbara Marcela Reis Marques de Velasco (UnB)

A partir da verificação dos relatos de Traudl Junge, última secretária pessoal de Hitler, e os estudos de Joachim Fest, um dos principais estudiosos da Alemanha Nazista, à luz de uma teorização, a partir do estudo de Gaston Bachelard sobre espaço, da novela A Construção, de Franz Kafka, esta comunicação busca mostrar de que forma a disposição espacial do bunker influenciava, ou não, permitia e/ou legitimava o comportamento e atitudes do totalitário alemão. Tenta verificar o comportamento de Hitler nos instantes que antecederiam a queda do Nazismo, em comparação ao comportamento da personagem central kafkiana. Em espaços construídos especificamente para a manutenção de suas vidas biológicas e de suas vidas psicológicas, enxergar a relação entre o espaço do abrigo e o comportamento em vida reclusa.

NARRATIVA DOS ANÚNCIOS DE PROPAGANDA DE LOTEAMENTOS URBANOS: ANÁPOLIS 1945-1955.

Hamilton Machado (UCG/SEE-GO)

O presente texto propõe uma discussão sobre os elementos que constituem narrativa dos anúncios de loteamentos divulgados pelo jornal O Anápolis e a revista Guia Prático de Anápolis, tendo como recorte temporal os anos 1945-1955. A discussão se fundamenta na escrita da história sob a presença da narrativa, proposta teórica de Paul Ricœur, apoiado pelos estudos de Sander Mann sobre Publicidade e propaganda e pelo esquema básico elaborado por Brown, aplicação na análise tipológica dos anúncios. A compreensão do imaginário social em Baczkó traz a percepção de que as técnicas da palavra bem formulada impressa pela mídia atua no imaginário coletivo uma vez que, os comportamentos sociais não se dirigem tanto as coisas em si, mas aos símbolos dessas coisas. Discutir os anúncios a partir da narrativa de sua mensagem no contexto da História significa reconhecer a existência de impressões sociais, e culturais de determinada sociedade que pode ser resgatada. Além da capacidade que esses anúncios tiveram ao se comunicar com o público, no período em que foram produzidos. Esse material o historiador pode utilizar para construir o texto histórico, mesmo com o auxílio de outras disciplinas como a Comunicação e publicidade.

Monumento e memória: considerações sobre a Passaic de Robert Smithson

Bráulio Romeiro (UEG)

Este texto pretende discutir algumas transformações na ideia de monumento tratadas no trabalho do artista norte-americano Robert Smithson. Apoiados inicialmente em algumas concepções clássicas, particularmente as de Jacques Le Goff e Alois Riegl, analisaremos a inusitada narrativa Um Passeio pelos Monumentos de Passaic, Nova Jersey, publicada na revista Artforum em 1967. Neste artigo, apresentado como um desprezioso relato de viagem, o artista nos leva pelos caminhos de sua cidade natal, um subúrbio industrial obsoleto. A ausência de concretude desta paisagem, bem como a falta de referências tradicionais, deixam espaço para que construções banais – tubulações, guindastes e estacionamentos – sejam elevadas à categoria de monumento. Em uma perspectiva própria, Smithson atualiza e subverte esta categoria ao apresentar o que seriam monumentos contemporâneos: detritos urbanos, testemunhas do fracasso da ideia de progresso.

FOTOGRAFIA DE GOIÂNIA: A ESTÉTICA DO FRAGMENTO E A MEMÓRIA VISUAL

Mestre Bráulio Vinícius Ferreira (UCG/UEG)

A fotografia de arquitetura nos apresenta um olhar sobre o já visto, em se tratando de nossa cidade. Sua concretude faz parte de nossas vidas, habitamos sua estética sem às vezes observá-la de fato. Vivemos deambulando em um espaço percorrido inicialmente pelas mentes dos arquitetos, habitamos em seu imaginário.

A estética do fragmento do recorte, do detalhe e da memória visual de Goiânia é refletida pela lente de Bráulio Vinícius. Pode-se observar nas fotografias através de nossa memória tátil à arquitetura que toca o céu. Como observação do cotidiano, a reflexão fotográfica revela detalhes de quem pensa o espaço ao mesmo tempo em que produz imagens.

16:00 h às 18:00 h

CONTRACULTURA, ARTE E ARQUITETURA NO BRASIL DOS ANOS 1960 E 1970: HÉLIO OITICICA, LYGIA CLARK, FLÁVIO IMPÉRIO E LINA BO BARDI

Marcelina Gorni (UEG/UCG)

Durante as décadas de 1960 e 1970, conceitos estabelecidos no âmbito cultural eram questionados por artistas e intelectuais. Manifestações e movimentos por um novo modo de vida, pelo direito de pensar e se comportar de modo diverso do tradicional, propagavam-se entre os jovens, que em grande parte, constituíam o que se convencionou chamar de contracultura. A materialização dos ideais da contracultura no universo das artes, da cenografia e da arquitetura, aconteceu em projetos de inovação estética tais como a Tropicália, o Cinema Novo e a Arquitetura Nova. O presente texto discute a existência de uma ampla rede de interlocuções e relações entre as produções e os pensamentos no universo das artes e da arquitetura que se desenvolveram durante esta época e da qual nossas atuais reflexões, concepções e produções espaciais ainda se beneficiam. O objetivo dessa comunicação é explorar as interfaces entre o universo das artes e o da arquitetura, ocorridos na forma de experimentações espaciais por parte de artistas, cenógrafos e arquitetos neste período (décadas de 1960 e 70) no Brasil, particularmente nas obras de Hélio Oiticica, Lygia Clark, Flávio Império e Lina Bo Bardi.

O RIO EM NARRATIVA – A ARQUITETURA DO PAPELÃO

Aissa Afonso Guimarães (UFES)

Esta comunicação aborda as relações simbólicas do espaço nas esculturas do artista plástico carioca Sergio Cezar, em sua Arquitetura do Papelão. As esculturas, edificadas em papelão e demais materiais reciclados, preenchidas com inúmeros detalhes, e inspiradas na arquitetura e na vida urbana carioca dos cortiços, das favelas e das ruas, retratam, através de maquetes de casas, barracos, botequins, terreiros, etc., cenas do cotidiano popular citadino do Rio de Janeiro.

Investigaremos a narrativa poética das esculturas em papelão, por meio de relações simbólicas que se realizam na imagem plástica; onde o espaço construído, investido de sentido estético, se transforma em lugar, narrando a alma carioca através dos materiais e das inúmeras combinações, que compõem as esculturas.

A ESTÉTICA DO DESAMPARO – FRAGMENTOS DE ARTE PARA UMA NARRATIVA A CONTRAPELO DA HISTÓRIA

Daive Cristiano Lopes de Freitas (UNESP – Rio Claro)

Estudamos a produção de imagens do artista plástico francano Salles Dounner (1949-1996) em seu livro “Art-Nula”, situando este num contexto que se caracteriza pela precarização da vida e pela exacerbação da dimensão mecânica da sociedade. Analisamos as marcas dos processos de subjetivação do artista em seu esforço com a lida da “escultura de si”, fazendo um recorte sobre o artista na condição de narrador de seu tempo, buscando estabelecer um diálogo entre sua obra e a obra de Walter Benjamin, sobretudo nos aspectos em que o filósofo indica uma articulação entre a modernidade e a tradição. Ampliamos nossa abordagem na interface com a obra de Mikhail Bakhtin “Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento”, particularmente, no conceito de “realismo grotesco”. A partir deste enfoque teórico e do corpus da pesquisa analisamos os processos de subjetivação da e na sociedade contemporânea e suas possibilidades pedagógicas para uma análise crítica da educação.

GOIÂNIA: MEMÓRIAS E REFLEXÕES DE FLÂNEUR

Márcia Metran de Mello (UCG)

Este trabalho refere-se a uma pesquisa em curso que se enquadra na linha: Teoria, história e crítica da arquitetura e do urbanismo.

A pesquisa que se apresenta pretende trabalhar o olhar de flâneur, ou seja, daquele que percorre, passeia e observa o espaço urbano. Neste trabalho, foca-se especificamente a cidade de Goiânia, estudando-a sob dois prismas: o passado e o presente, ou seja, “os bons tempos: memórias de flâneur” e “o flâneur vê a cidade contemporânea”.

O passado deve emergir da memória de quem vivenciou os espaços da cidade em diferentes épocas. O presente conta com olhares atentos às transformações urbanas visíveis no espaço da cidade e seus significados. Assim, o roteiro desta pesquisa pode ser resumido em: percorrer, ver e interpretar. A consequência é uma maior compreensão da cidade de Goiânia.

Quinta-feira, 15 de outubro

14:00 h às 16:00 h

LEMBRANÇAS DE CASA VELHA

Hugo de Melo Rodrigues (URCA/ CE)

A finalidade deste artigo é estabelecer conexões da história de vida com as temáticas trabalhadas no Seminário de Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação da UFC – Universidade Federal do Ceará. A metodologia utilizada foi trabalhar a história de vida a partir dos temas debatidos em sala, buscando lembranças, referências espaciais e fatos relacionados às temáticas, buscando compreender

quais os sentimentos despertados através dessas lembranças. Portanto, é possível refletir que lembrar tem a ver com registrar. Por outro lado, não lembrar é de algum modo esquecer.

LUGAR , NARRATIVA E REPRESENTAÇÃO: As imagens de Goiânia no conto Mergulhada na urbe de Marietta Telles Machado

Ricardo de Castro e Silva (UFG)

A proposta desta comunicação é analisar o conto literário Mergulhada na urbe, de autoria de Marietta Telles Machado, buscando evidenciar as imagens de Goiânia numa perspectiva dialógica entre Nova História Cultural e a Geografia Cultural de caráter existencialista e humanista. Os tipos sociais inscritos em seus personagens e os lugares de Goiânia descritos no conto, revelam as representações, os anseios, os medos, os sonhos e os valores dos homens e mulheres que vivenciam a experiência de habitar a cidade na década de 60. Metodologicamente é feito o cruzamento/confrontamento do conto Mergulhada na urbe com as referências bibliográficas. Revelando que no conto, Mergulhada na urbe, Marietta Telles Machado discutiu o espaço urbano de Goiânia, a partir das questões relativas à migração, a relação cidade-campo, o patriarcalismo, as relações de trabalho, memória e imaginário social. Nesta ótica, as imagens construídas de Goiânia pela autora encontram-se na dialética da idealização do lugar, a experiência de vivenciá-lo e a sua desconstrução idealizada pelo desencantamento do sujeito na experiência com o lugar.

O REGIONAL E O LOCAL NA HISTÓRIA: INTERCRUZAMENTOS ENTRE A HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL A OUTRAS ABORDAGENS HISTORIOGRÁFICAS NUM TRABALHO DE PESQUISA HISTÓRICA.

Josiane Thethê Andrade (UNEB)

Ao pesquisar sobre um povoado rural do município de Mutuípe – Ba, chamado Tabuleiro, bem como, quais tipos de relações a população local exercia com suas vendas, estabelecimentos comerciais, surgiu a necessidade de refletir as possíveis imbricações ente estudos regionais e locais a outras correntes historiográficas no desenrolar da pesquisa histórica. Esse exercício de inter cruzamentos de vários campos da História e seus desdobramentos num trabalho de pesquisa histórica são os temas a serem analisados na presente comunicação.

A COLUNA MIGUEL COSTA/PRESTES NOS ESTADOS DE SP, RS, SC E PR. A HISTORIA DE UM BRASIL DESCONHECIDO.

Marco Antônio de Faria Galvão

Ao refazermos o roteiro da Coluna Miguel Costa Prestes, para o IPHAN (Instituto do Patrimônio Artístico Nacional), em março de 2009, nos estados do sul, pudemos perceber como essa epopéia ainda é relativamente desconhecida. Há a necessidade de um mapa e de uma linha do tempo para melhor compreender a saga dos tenentes de 1924 e suas conseqüências nos rumos do país até 1964.

PROJETO GRANDE CARAJÁS – PGC E ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS REGIONAIS

Raimundo Lima dos Santos (UFG)

O Projeto Grande Carajás, foi um mega empreendimento liderado pelo governo federal no início da década de 1980, com o objetivo central de extrair os minérios descobertos na Serra dos Carajás, estado do Pará. Além da extração e processamento mineralógico, inclui-se projetos agropecuários e de reflorestamento de eucalipto, dentre outros, em gastos superiores a 62 bilhões de dólares. Um dos principais objetivos do projeto consistiu em atrair investimentos estrangeiros para a Amazônia Oriental, com o intuito de amenizar a crise financeira que o país enfrentava na época. Apesar de ter apresentado alguns resultados positivos, trouxe uma série de problemas ambientais, sociais e culturais a boa parte das populações locais, especialmente quebradeiras de coco.

16: 00 h às 18: 00 h

Das Luzes aos Becos: Retrato da Rua do Meio na Feira Moderna

Carlos Alberto Alves Lima (UEFS)

Buscaremos analisar a História de Feira de Santana, sob a perspectiva do processo de modernização e urbanização vivenciado a partir da implantação da República no Brasil, com destaque para a fase ocorrida entre as décadas de 1950 e 1960. Tornou-se comum nesse processo, a produção de territórios, multifacetando a urbe. Assim direcionaremos nossos olhares para o Complexo Rua do Meio, considerado proibido e perigoso na Feira moderna, dado a existência no seu cotidiano, de sujeitos vistos como entraves para o progresso, com destaque para a figura da prostituta. Dessa forma, nossa problemática, centraliza-se na relação sujeito/território, visto a partir do discurso da elite dominante.

ADIOS MUCHACHOS: UM MONUMENTO A CARLOS GARDEL

Cibele de Mattos Mendes (UFBA)

São inúmeras as histórias que cercam a vida de Carlos Gardel. Mas há muito pouco de oficial. O que de mais verdadeiro há é a sua obra fonográfica, fotos de suas turnês; colunas de jornais, e, o próprio mausoléu, que se converteu em instrumento de comoção pública. Depois de 04 velórios, finalmente descansa no Cemitério da Chacarita, em Buenos Aires, uma espécie de Campo Santo, cujo caráter popular é reafirmado por nele estarem sepultados desde as vítimas da febre amarela, do séc. XIX, aos que lutaram pelas Ilhas Malvinas, personalidades das ciências, artes, música, e o povo como um todo.

A REVITALIZAÇÃO DA AVENIDA GOIÁS: SÍMBOLOS E DINÂMICAS

Katianne de Sousa Almeida (UFG)

No ano de 2003, algo diferente ocorria nas calçadas do centro de Goiânia e perpassava desde o coreto da Avenida Goiás, entre os ponteiros do relógio e os demais monumentos que caracterizam o centro da cidade, até a Praça da Estação no outro extremo da Avenida. A novidade do momento, aquela que estava entre os burburinhos dos moradores, dos comerciantes, dos jornalistas, dos governantes tinha um “quê” de antigo, do passado. Este algo que sinalizava uma nova imagem de uma das avenidas mais importantes de Goiânia era o que então se chamava de “Revitalização”. Esta proposta de

pesquisa pretendeu explorar as várias dimensões do campo das relações entre urbanismo e as práticas sociais, especialmente nos processos de revitalização urbana e, em particular, analisar o Projeto de Requalificação da Avenida Goiás da administração de Pedro Wilson (2000-2004). Diante do exposto, notou-se que no âmbito das políticas urbanas de revitalização emergiam as políticas urbanístico-culturais destinadas a preservar a memória de determinados espaços da cidade. Coube, então, indagar qual memória se pretendia preservar, para que e para quem?

ESPAÇOS DE SAUDADE: REMEMORAÇÕES DA RUA FERREIRA SILVA SEM O TERNO DE REIS HUMILDES EM ALEGRIA.

Fabiane da Silva Andrade (UNEB)

As pessoas que hoje vivem na rua Ferreira Silva, situada no bairro do Andaiá, na cidade de Santo Antonio de Jesus-BA, nos contam sobre a relevância da Festa de Reis do Humildes em Alegria para a localidade, valendo-se da tradição oral. É através das narrativas que o conhecimento sobre os festejos de Reis difundiu-se entre os indivíduos das mais diversas faixas etárias. Dessa forma, buscamos discutir esse festejo a partir do cotidiano da localidade, a fim de compreender as interligações entre a dinâmica do lugar e a festa de Reis. Em nossas conversas com pessoas que ainda moram na rua Ferreira Silva, percebemos que para elas as lembranças sobre o Terno de Reis Humildes em Alegria têm características muito específicas. As memórias estão impregnadas de saudade, uma saudade que perpassa não apenas a existência da festa, mas o imaginário das vivências cotidianas, agora sem o Terno de Reis, que se manteve na localidade entre os anos de 1966 e 1993. Os indivíduos associam suas lembranças da festa ao espaço habitado, relacionando diretamente a situação atual de educação dos jovens e crianças e o aumento do consumo de bebidas alcoólicas na localidade ao fato do Terno de Reis não mais existir.

A CONSTRUÇÃO E AS REPRESENTAÇÕES DO BAIRRO MARIA PINHEIRO EM ITABUNA-BA NA CRISE CACAUEIRA DA DÉCADA DE 1980

Priscila Santos da Glória (UESC)

Esta comunicação tem como objetivo discutir o processo de construção e representação do bairro Maria Pinheiro situado na cidade de Itabuna, no sul da Bahia, sob a perspectiva da migração da década de 80 e a urbanização desta cidade. O bairro Maria Pinheiro é constituído por uma ação do poder municipal, no ano de 1980, que desapropriou uma fazenda improdutiva com o objetivo de deslocar migrantes da zona rural que chegavam à cidade de Itabuna em busca de oportunidades de emprego e ocupavam ruas do centro da cidade. Através da investigação de periódicos impressos: O Diário de Itabuna, o Jornal Agora, o A Região e o Jornal Oficial do Município de Itabuna. Além da análise de fontes orais, narrativas dos moradores do bairro Maria Pinheiro, o estudo buscou problematizar a relação entre a migração ocorrida na década de 80, causada pela crise cacauzeira, e a urbanização de Itabuna com práticas excludentes do poder público, entre as quais resultou a formação do bairro Maria Pinheiro e a construção de representações deste bairro.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

SIMPÓSIO TEMÁTICO 13 – HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADES

COORDENADORES: NOÉ FREIRE SANDES, ÉLIO CANTALÍCIO SERPA

IMPLICAÇÕES PRESENTES, SENTIDOS PARA A HISTÓRIA: DISSONÂNCIAS QUANTO AOS USOS DO PASSADO NO ESTADO NOVO

João Batista Bitencourt

Com cooptação e valorização dos intelectuais observadas no governo Vargas coube à história e aos historiadores um lugar privilegiado, já que a consciência cívica necessária ao projeto nacionalista do Estado Novo carecia de uma revisão do passado nacional como princípio mobilizador das massas e justificador do poder que o empreendia. Isto é, por meio do conhecimento histórico buscava-se construir um passado comum à nação e demarcar o lugar destaque de Getúlio Vargas na história do Brasil. Nesse sentido a temporalidade histórica apontava para o futuro de desenvolvimento e progresso preconizado pelo Estado Novo; a história assim deveria apontar para um amanhã grandioso, fazendo passado e progresso caminharem lado a lado. Esta comunicação, no entanto, busca perceber como tal lógica pode apresentar feições não tão harmônicas quando observada em universos mais restritos que, mesmo envolvidos na mecânica nacionalista empreendida pelo governo federal, defrontavam-se com realidades capazes de operar outros sentidos e temporalidades para a história. Assim, analisa-se a escrita da história dos intelectuais catarinenses Osvaldo Rodrigues Cabral e Saul Ulysséa.

O SURGIMENTO DO PRP E OS USOS DO PASSADO

Rogério Lustosa Victor

O surgimento do PRP e os usos do passado O intuito desta comunicação é analisar um caso de uso da recordação bastante intrigante. Trata-se da reinserção do integralismo na vida político-partidária brasileira na redemocratização da segunda metade dos anos 1940 na forma de Partido de Representação Popular (PRP). Tal reorganização do integralismo no pós-guerra suscitou amplo debate no qual os usos do passado foram centrais. Isso porque o integralismo nos anos 1930 se organizou enquanto partido de cunho fascista e com a derrota dos fascismos na Segunda Guerra Mundial e os subseqüentes eventos dos Julgamentos de Nuremberg e da difusão dos horrores praticados pelos nazi-fascismos durante o conflito temos significativo veto a movimentos similares. Assim, ex-militantes da extinta Ação Integralista Brasileira (AIB), ao tentarem a reinserção no espaço político a partir de 1945 tiveram que enfrentar o passado ou, ao menos, os usos que dele se faziam, refazendo engenhosamente suas memórias de maneira mais condizente com as exigências do presente.

O QUE NÃO SE DEVIA ESQUECER: A ANISTIA E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO NO BRASIL (1945-46).

Mayara Paiva de Souza

Neste texto pretendo analisar a anistia no contexto de redemocratização brasileira (1945-1946). Parto da perspectiva de que o problema central acerca da anistia no período estava relacionado ao perigo comunista. O Decreto de 1945 foi fruto de acordos entre Luiz Carlos Prestes e Getúlio Vargas, entretanto, Vargas restringiu a anistia à simples abertura das portas das prisões do Estado Novo. Ao recorrerem à Constituinte em 1946, numa tentativa de ampliação da anistia, os comunistas não encontraram apoio entre os parlamentares da Constituinte que se autodenominavam democratas. Portanto, o texto pretende responder a seguinte questão: Por que os liberais da Constituinte de 1946 resistiram ao esquecimento do passado?

OS USOS DA MEMÓRIA DA REVOLUÇÃO DE 1932: A ELEIÇÃO AO GOVERNO CONSTITUCIONAL DE SÃO PAULO (1934).

Carolina Soares Sousa

Em 1934, com as eleições para a Assembléia Estadual Constituinte de São Paulo, inicia-se uma guerra político-ideológica entre o Partido Republicano Paulista e o grupo do interventor Armando de Salles Oliveira, representado pelo Partido Constitucionalista, travada dentro dos seus principais órgãos de imprensa, os jornais Correio Paulistano e O Estado de S. Paulo. A memória da experiência revolucionária de 1932, associada com as redefinições das alianças políticas por parte do PRP e do PC, torna-se o principal assunto da campanha eleitoral que tem como palco os jornais da imprensa paulista. Pretende-se discutir aqui as diferentes leituras e usos da memória da revolução de 1932 por parte destes partidos políticos, marcados pelo quadro de reconstitucionalização do país.

O DISCURSO JORNALÍSTICO E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA “INTENTONA COMUNISTA”.

Maria Isabel de Moura Almeida

A intenção do presente texto é explorar as possibilidades de abordar pelo viés da memória o conjunto de representações constitutivas de sentidos sobre o movimento comunista, ocorrido em 1935 e reproduzido pelo discurso jornalístico ao longo das décadas, observando o modo através do qual a “Intentona comunista” se perpetuou na memória como um monumento textual. O processo de reativação da memória negativizada da “Intentona” tornou-se uma arma importante da propaganda anticomunista, adquirindo grande relevo nos momentos em que a luta contra os comunistas se fazia mais intensa.

“MILI GENESTRETI E OS OBJETOS GEOGRÁFICOS”.

Sejana de Pina Jaime

(Não consta resumo)

“A MEMÓRIA COMO NEGÓCIO: BARBOSA LIMA SOBRINHO E A VERDADE SOBRE A REVOLUÇÃO DE 30”.

Noé Freire Sandes

Barbosa Lima Sobrinho escreve, em 1933, o livro “A verdade sobre a revolução de outubro”. Decorridos poucos anos da Revolução quer o autor encontrar a verdade capaz de explicar as causas do movimento, com o passar dos anos o autor reinterpreta o passado. O que se quer é apreender a negociação que mediou sua avaliação do passado e nesse movimento captar a complexa relação entre

memória e história. A obra do jornalista ganhou notoriedade e ainda se apresenta como um texto fundamental para compreensão do movimento que redefiniu a vida social do Brasil republicano.

2º DIA

A QUEDA DE BONFIM E A ESCOLHA PRÉVIA DE CAMPINAS

JALES GUEDES COELHO MENDONÇA

Este artigo tem por objetivo discutir o processo de escolha do local da nova capital do Estado de Goiás. Focaliza-se a disputa entre as cidades goianas, bem como toda a trajetória para a seleção do melhor sítio, desde a nomeação da comissão, passando pelos dois relatórios confeccionados pela subcomissão técnica, que apresentaram conclusões divergentes, haja vista que o primeiro indicava a cidade de Bonfim, até a resolução definitiva do problema. A influência do Poder Executivo, capitaneado pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira, na vitória de Campinas é destacada, inovando-se a interpretação do percurso mudancista ao se lançar a perspectiva de que a área da futura metrópole já estava previamente escolhida, antes mesmo da nomeação da comissão de oito membros, presidida pelo arcebispo de Goiás. A elaboração do artigo valeu-se da análise documental e da pesquisa bibliográfica.

GOIÂNIA: CIDADE PLANTADA NO SERTÃO

Marilena Julimar Fernandes

O presente estudo tem como proposta, a partir da obra Memórias de Pedro Ludovico Teixeira publicada em 1973, discutir a construção de Goiânia e a transferência da capital, uma cidade moderna “plantada” no sertão goiano. Para Ludovico ele próprio se encontra em uma região “dita” sertão e, em diferentes partes do livro o autor faz referências ao sertão ou povo sertanejo procurando, assim, delimitar bem o lugar de onde fala para encontrar elementos seguros para reafirmar a necessidade da mudança da capital, seu objetivo maior. Nesse aspecto as questões discutidas serão: Como o autor descreve o espaço/sertão para caracterizá-lo de tal forma que justifique a construção da cidade de Goiânia? Em que sentidos a categoria sertão é utilizada nas discussões sobre a cidade de Goiânia?

LUGARES DA HISTÓRIA NA MEMÓRIA DE UMA CIDADE: SÃO CARLOS (SP) NA BELLE EPOQUE.

Arrovani Luiz Fonseca

Analisando detidamente os textos de história da cidade presentes nos almanaques da cidade de São Carlos procuro dar destaque a ênfase dada pelos seus autores sobre a história da cidade na relação entre passado e presente, ou seja, na configuração dos aspectos identitários de São Carlos num momento de desenvolvimento da cidade. Para tal nossa análise interessa-se pelos elementos compositivos e descritivos desses textos tais como paisagem, região, geografia, povoadores, aspectos urbanos mostrando a partir disso a fundamentação para instituição de uma memória sobre o lugar.

MEMÓRIA COLETIVA E PODER: UM ESTUDO DE CASO

Lindsay Borges

O objetivo desse trabalho é verificar como o grupo que se formou em torno de Dom Fernando Gomes dos Santos, primeiro arcebispo de Goiânia (1957-1985), elaborou um trabalho de memória tendo em vista legitimar a continuidade do projeto da Arquidiocese após a morte do prelado. O estudo se respalda em LeGoff segundo o qual a memória coletiva envolve questões de luta em todas as sociedades, tornando-se instrumento e objeto de poder. Como a atuação do arcebispo alcançou repercussão nacional, que extrapolou o campo religioso, e havia relevante consenso em torno da sua imagem e da substancialidade dos seus propósitos, seus colaboradores reforçaram esse imaginário nos anos que sucederam sua morte. Nosso propósito é problematizar como a atribuição assumida pelo grupo, que compartilhou mais de perto o trabalho de Dom Fernando, teve ressonância significativa, contribuindo para o arraigamento da imagem do arcebispo entre os católicos, reverberando também em instituições laicas no Estado de Goiás.

OBRAS DE HISTÓRIA LOCAL COMO SUPORTE IDENTITÁRIO: UMA IDEIA DE MUNICÍPIO, UMA IDEIA DE REGIÃO. ALTO VALE DO ITAJAÍ – SC.

Arnaldo Haas Júnior

Entre os anos de 1985 e 2007, em municípios que congregam a Região do Alto Vale do Itajaí – SC, foram produzidos alguns livros cujo objetivo explicitado pelos autores é promover um resgate da história local e um salvaguardar de memórias. Tais obras, em sua maioria resultado do trabalho de historiadores sem formação acadêmica específica na área de história, não raro são apresentadas por seus autores como sendo “a” história local. Tomando como evidências empíricas nove livros pretendo discorrer sobre a maneira como, para além do mero resgate de memórias ou “da história” local, a representação do passado que lhes é comum fornece o relevo para a sustentação de uma identidade imputada tanto aos municípios quanto à região a qual pertencem.

OLHAR SOBRE... PODER E RELIGIÃO NA CONSTITUIÇÃO DO VALE DE SÃO PATRÍCIO

MARIA LÍCIA DOS SANTOS

A constituição do Vale de São Patrício, no Estado de Goiás, efetivou-se com a Marcha para o Oeste, nas décadas de 40 a 50 no governo de Getúlio Vargas, a partir da criação da CANG - Colônia Agrícola Nacional de Goiás. Na Colônia, ao selecionarem seus habitantes, impunham regras sociais disciplinadoras e excludentes, acenando para uma representação de modelo ideal de mundo que eram legitimadas pelos grupos sociais detentores de autoridade no lugar. Característica específica de saber constituído, a Religião tem em si uma perspectiva de libertação do ser humano, estabelecendo sentido e significado à existência e conseqüentemente possui também uma dimensão vinculada ao Poder. O que se propõe é historiar sobre a constituição desses municípios, permeados pela religião e poder, pontuando como essas vertentes se uniram para promover o surgimento do Vale de São Patrício, contribuindo para a formação e construção de identidades. A identidade está sempre correlacionada e/ou engendrada a um contexto social e a religião é um elemento que auxilia na formação moral do indivíduo e/ou grupo, podendo ainda contribuir para a manutenção da identidade cultural e preservação da memória e tradição de um povo. O eixo teórico para elaboração e compreensão deste trabalho é a concepção de identidade cultural, tendo como espaço de observação o fenômeno religioso aliado ao poder.

3º DIA

O ESQUECIMENTO, A MEMÓRIA, A HISTÓRIA E A LITERATURA

Márcia Pereira dos Santos

O contar, concomitante ao dizer, silencia e oculta; escolhe e faz divisões entre o que deve permanecer e o que pode ou deve ser esquecido. E o esquecido assume duas feições: o ausente e o não dito. O ausente não existe, perdeu-se, foi esquecido, é a lacuna que muitas vezes cabe à imaginação, e não à memória, preencher. O historiador, tal como o artesão, frente a essas lacunas se vê obrigado a tecer uma trama que supra esses esquecimentos, já que é impossível narrar o esquecido. Mas, nesse caso, aparece a pergunta: o que se esquece? Como o historiador traz para seu ofício de escrever o passado a problemática do esquecimento? Ricoeur (2007) relaciona esquecimento, memória e perdão, seria essa a solução metodológica dessa verdadeira aporia histórica? Nessa comunicação apresentaremos nossa pesquisa que busca nas representações literárias goianas o que foi esquecido ou não dito pela memória e pela história de Goiás, produzidas por uma historiografia institucionalizada como aquela que apresenta as “verdadeiras” memória e história do lugar e que, a nosso ver, condenaram homens, cultura e natureza a serem tomados por apenas um ponto de vista, por uma só reflexão e, portanto, por uma só forma de compreensão e explicação do passado.

O ANARQUISMO NA POESIA DE JOSÉ OITICICA

Maria Aparecida Munhoz de Omena

O presente trabalho tem como objetivo fazer um exame crítico da relação ou das relações entre o teórico e ativista político e o poeta José Oiticica, já que a presença de conceitos éticos e políticos nos poemas de Fonte Perene é notória, como são evidentes algumas tensões entre tais conceitos e a concepção poética que permeia a obra mencionada. A análise inicial revela um conflito entre o espírito ativo e ativista, lógico, portador de conceitos e postulados de uma visão política o espírito sensível, refinado, sutil e inspirado de um poeta preocupado com a natureza interior do homem e com uma “verdade” que vislumbra além da Lógica. Sob o ponto de vista formal, essa tensão se traduz já na própria escolha do soneto, a mais “fechada” e estruturada das formas poemáticas. Chama a atenção o fato de, ativista do Anarquismo, que pregava a dissolução da estrutura de governo e de poder político no país e no mundo, o poeta ter escolhido justamente a mais estruturada e centralizadora forma poemática para expressar inclusive seu ideário político.

HISTÓRIA E MEMÓRIA EM “HOLOCAUSTO”, CONTO DE CAIO FERNANDO ABREU

Antônio João Galvão de Souza

No âmbito dos muitos vínculos estabelecidos entre a História e a Literatura há aquele no qual a narrativa literária provê representações fictícias de um passado de tal modo a ampliar os métodos da investigação histórica. Essas representações, embora ficcionais, refazem certas configurações sociais de um passado real ou imaginado sobre o qual podem incidir a lembrança e o esquecimento, em suas múltiplas possibilidades, no interior da obra literária. Assim, é a partir dessa perspectiva de contato entre o discurso histórico e a narrativa ficcional que será discutida a elaboração de uma memória específica a emergir do conto “Holocausto”, do escritor Caio Fernando Abreu (1977), texto que problematiza de forma singular as relações expostas acima.

ROUPAS: UMA PERSPECTIVA BIOGRÁFICA E CULTURAL

Rita Morais de Andrade

Roupas são objetos que têm uma circulação social. Sua longevidade material, geralmente maior que a humana, possibilita-lhes transitar por diversos espaços e tempos. Para pensá-las numa perspectiva cultural e histórica é necessário apreendê-las em contextos específicos já que sua condição circulante e suas inerentes qualidades deteriorantes deslocam-nas continuamente para novas situações, para novos estados*. Parece-me, portanto, mais vantajoso pensar em investigações sobre a roupa como método de estudo e interpretação histórica no lugar de engessá-las na classificação que se fez delas no momento em que foram criadas, desprezando o seu itinerário, suas mudanças físico-químicas e as implicações sobre os sentidos das roupas antigas na cultura contemporânea. Esta comunicação apresenta formas sensíveis de vestir em que as roupas (e não as pessoas) são protagonistas da narrativa histórica. Adulterações nos projetos originais de determinadas roupas colocam em xeque a idéia de hegemonia da moda e permitem pensar o “vestir” não apenas como uma prática que envolve corpos físicos, mas que se expande em versões inesperadas, inacabadas e imperfeitas da cultura. *no sentido proposto por Deleuze de que o que está por vir (o devir) não é o vazio, mas algo revelado por potências pré-existentes.

HISTÓRIAS DE BIBLIOTECAS: MEMÓRIAS EM CONSTRUÇÃO

Keila Matida de Melo Costa

Este trabalho se apresenta como proposta para a constituição de minha pesquisa de doutorado vinculada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, em que busco resgatar as construções de sentido dos espaços formais de leitura, como as bibliotecas em Anápolis, Goiás. Os anos de 1950 marcam a criação de duas bibliotecas do município, a Biblioteca Municipal Zeca Batista e a Biblioteca José de Alencar (conhecida como Biblioteca do Sesc). Uma grande efervescência cultural caracterizou esse período, no município citado, manifestada em jornais, documentos e depoimentos diversos. Os sentidos dos espaços de leitura naquele momento criado, suas funções em um contexto histórico determinado, as práticas e as representações dali decorrentes, os alcances e os desdobramentos sociais que eles foram atingindo no decorrer dos tempos, a relação desses espaços com a escola e com os leitores, tudo isso pretende ser resgatado por memórias em suas materialidades diversas. A História Cultural dará sustentação a esta trajetória. Trajetória que visa evidenciar histórias de bibliotecas, de leitores e livros, com o propósito de não apenas reconstruir esses espaços, mas também apontar encaminhamentos no sentido de contribuir para a formação de leitores em diferentes espaços sociais, para a constituição de políticas públicas comprometidas com esse propósito.

REVISTA BRASÍLIA: RESENHANDO O BRASIL

ELIO CANTALÍCIO SERPA

Em 1942, o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra criou a Revista Brasília. Uma revista de cunho acadêmico e institucional, diferenciando-se de outras na sua concepção e destinada a um público específico. A publicação contou com o apoio do Instituto para a Alta Cultura da Propaganda Nacional, da Era Salazarista e o Brasil se constituiu em interlocutor básico. As preocupações fundamentais da Revista Brasília giraram em torno de questões relacionadas com a língua, com a história e com a literatura. O que se pretende neste artigo é dar visibilidade às condições de emergência da referida revista.

A HISTÓRIA DO ORIENTE, A MEMÓRIA DO COLONIZADOR APONTAMENTOS SOBRE O CASO DO SIÃO

Susana Isabel Marcelino Guerra Domingos

Uma questão que levanta o estudo da história da Ásia é a de que esta se constrói, em princípio, a partir da memória que o ocidente tem da mesma. Trata-se de uma memória parcial que implica uma marcada perspectiva “orientalista”, ou se quisermos, deturpada. Mas, de facto, a ausência de uma tradição histórica e memorialista na maior parte dos países do Sudeste Asiático torna difícil ou quase impossível preencher esse vazio histórico. O facto é que existe uma série de documentos (cartas dos consulados, documentos oficiais, literatura de viagens), memórias ocidentais do oriente que, a partir dos quais, das suas afirmações, mas, sobretudo, do não dito, do insinuado, do encoberto, temos que deduzir, reconstruir (muitas vezes desconstruindo o discurso explícito) essa história. O presente trabalho pretende, a partir do caso do Sião, colocar alguns exemplos desse trabalho historiográfico, onde a distância entre a memória e a história aparece cheia de vazios que o historiador deve encontrar a forma de preencher, quando não, de os assinalar.

RELEITURAS DA HISTÓRIA E DAS IDENTIDADES NO CALENDÁRIO DAS COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Libertad Borges Bittencourt

O propósito desta comunicação é refletir como as comemorações cívicas procedem a uma reatualização do pacto social, buscando uma representação compartilhada de novas visões, com suporte em um passado quase sempre reconfigurado. Sob essa perspectiva, as elites dirigentes procedem a um gerenciamento da memória coletiva, a partir de releituras presentes e atuantes no calendário comemorativo. As festas, como as comemorações do bi-centenário das independências da América Hispânica, em 2010, podem ser apreendidas como uma representação da experiência coletiva de uma nova ordem, em que se destacam a afetividade e a construção de heróis, nos quais a sociedade deve se espelhar, numa reatualização identitária que se busca construir ou reforçar.

DISCURSOS BOLIVARIANOS NO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA NA AMÉRICA MERIDIONAL

Eduardo José Reinato

O presente trabalho visa analisar os discursos de Fundação Nacional durante a guerra de independência na América. Os estudos recentes sobre a memória histórica destacam dois elementos ancorados na temática citada acima. O primeiro é o de que a memória, tanto individual como coletiva não é reproduzida, e sim, construída. O segundo é que a memória não é construída de maneira isolada, mas sim através de narrativas sucessivas, diálogos produzidos num contexto social determinado, sujeito a recortes políticos, sociais e econômicos. Neste sentido a memória é sempre parte, uma construção circunstancial cujo resultado interfere de forma decisiva na formação de identidades individuais, coletivas e nacionais

A MORTE E A MORTE DE TANCREDO NEVES: CONTROLANDO MUITAS VIDAS ATRAVÉS DE UMA MO

Miriam Bianca Amaral Ribeiro

Como a apropriação da morte pelos jogos do poder pode transformar um evento que, biologicamente nos iguala, em um diferenciador eficiente entre os que estão vivos? Como a vida social pode ser influenciada pela forma com que se edita o processo doença, morte, enterro? Como a construção política da morte pode ou não ser utilizada para a elaboração de uma interpretação conjuntural e até mesmo uma versão oficial da história? Quase memórias foram produzidas no episódio em questão e como isso influencia a idéia que temos daquele momento histórico? Como a imprensa atua na construção destas memórias, que pretende consolidar como 'verdades históricas'? Neste texto, discutimos essas questões tendo como referência o episódio da morte de Tancredo Neves, em 1985, no contexto do fim da ditadura civil-militar de 1964, no Brasil. Usamos como fonte a documentação da imprensa nacional e local produzida naquele período e como suporte conceitual, FAUSTO NETO (2004) e RODRIGUES (1983).

IDENTIDADES HAITIANAS: MEMÓRIAS DE UMA REVOLUÇÃO

ALEX DONIZETE VASCONCELOS

Pensar os caminhos e os enredos por onde são construídos os suportes memoriais sob os quais, por conseguinte, são erigidos os construtos identitários do povo haitiano é passar em revista, e/ou ainda, reelaborar, quase que inevitavelmente, determinados momentos de exceção e/ou inflexão de sua história, que adquiriram, quase sempre por força de um aparato ideológico e discursivo, hábil e ardilosamente orquestrado por uma 'elite (pseudo) intelectual', um status de verdade que foi sendo performaticamente conformado, cristalizando-se, com o passar dos anos, como a única verdade possível e discursivamente inteligível. Buscaremos apresentar aqui, ainda que sucintamente, os caminhos, e os 'descaminhos', dessas construções, que tem como marco fundante e/ou estruturante a Revolução Haitiana (1791-1804), tentando demonstrar também como a gestão dessas memórias (lembranças) contribuíram, e contribuem ainda hoje, para a conformação das identidades do povo haitiano.

'UM COMUNISTA NO SERTÃO': MEMÓRIAS DE GREGÓRIO BEZERRA EM GOIÁS.

Ismar da Silva Costa

Gregório Bezerra esteve em Goiás, como "Seu Estevão" organizando os trabalhadores rurais na luta pela terra nos anos compreendidos entre 1950 a 1954. Sua militância, nesse período, foi registrada em dois volumes de suas Memórias. A parte que nos interessa mais profundamente está nos capítulos 4 e 5 do segundo volume que registra o período de 1946 a 1969. Nesse período "Seu Estevão" esteve em Xixá, hoje Itapuranga. Nessa localidade procurou reorganizar a 'Massa Operária' da Associação dos Lavradores do Xixá. O que nos interessa é discutir como essa Memória de Bezerra é narrada a partir de elementos que o compõe como um desbravador da ignorância do Sertão. Buscando problematizar como ele descreve o cotidiano em lugares de pouca visibilidade política para a época e, quase nada sobre a sua passagem pela Colônia Agrícola Nacional de Ceres, que era a grande frente de trabalho do PCB em Goiás.

FONTES HISTORIOGRÁFICAS E SUAS ARMADILHAS: CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO SOCIAL GOIANO NOS ANOS DE 1990

KEIDES BATISTA VICENTE

Pretendemos discutir a elaboração, em Goiás, na década de 1990, de um imaginário político e social sobre a ação estudantil na década de 1960 em Goiânia. Essa discussão se embasa em dois trabalhos elaborados e desenvolvidos na década de 1990: Cadernos de entrevista e Desafiando a utopia. Ambos

contêm entrevistas com indivíduos selecionados pelo seu papel político e social na década de 1960, como militantes e líderes estudantis em Goiânia, e no presente das entrevistas, década de 1990, como personagens políticos, intelectuais e profissionais com referência social em Goiás — pois são professores universitários, médicos, sociólogos, jornalistas e políticos partidários atuantes como deputados, vereadores e presidentes de partidos de esquerda. Para desenvolvermos essa análise, partiremos dos objetivos e das justificativas dos dois trabalhos, que visam à reconstrução histórica do movimento estudantil goiano, e nos embasaremos em dados como fotos, perguntas e a descrição sobre os entrevistados fornecidos pelos trabalhos.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Simpósio Temático XIV: HISTÓRIA, PODER E AÇÃO SOCIAL

Coordenadores: David Maciel (UFG)

Cláudio Lopes Maia (CAC-UFG)

Terça-feira, 13 de outubro

14:00 às 16:00h

SANDINISMO: A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE UMA IDEOLOGIA REVOLUCIONÁRIA (1927-2009)

Carlos Federico Domínguez Ávila (Unieuro Centro Universitário)

A pesquisa explora os rasgos fundamentais da ideologia sandinista, bem como a trajetória conceitual desta experiência de pensamento político na Nicarágua desde 1927 até nossos dias. Inicialmente o trabalho aborda a noção de ideologia. Seguidamente o texto discute os aspectos marcantes da ideologia sandinista, com ênfase na fase do chamado sandinismo clássico – isto é, a proposta do próprio Augusto César Sandino –, a interpretação marxista do sandinismo, o sandinismo como ideologia de Estado e finalmente o neosandinismo vigente no início do século XXI.

HAY CAMINÓS: MOVIMENTO BOLIVARIANO E PÓS-NEOLIBERALISMO NA VENEZUELA DE 1989 A 2002: ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Fernando Viana Costa (UFG)

A Venezuela, nos últimos anos, tem estado em evidencia nos telejornais, nas revistas escritas de grande circulação, bem como nos debates entre intelectuais e militantes políticos. Seja foco de críticas ou comentários sobre os avanços que estão em curso, nosso vizinho não passa despercebido, já que conflitos abertos e eleições acirradas evidenciaram a luta de classes e a fragilidade do Estado, frente aos graves problemas sociais em que vive o povo venezuelano. O nosso objetivo neste artigo é contribuir para a reflexão acerca do significado histórico, das mudanças e permanências em curso na Venezuela de 1989 a 2002, buscando compreender quais são as sínteses históricas que se abrem nos conflitos. Em 1989 abri-se uma crise de legitimidade política do receituário neoliberal, associada a uma crise da economia dependente petroleira, gerando uma ruptura nos elementos de permanência da História política Venezuelana. Uma nova síntese abre-se, trazendo novas mediações entre a sociedade civil e o Estado, entre o capital e o trabalho, entre pobres e ricos, contudo, estas novas mediações, se

cruzam com a permanência de uma velha estrutura social, forjando a particularidade do que estamos denominando de pós-neoliberalismo na Venezuela.

O CRESCIMENTO DA VIOLÊNCIA E AS QUESTÕES RELATIVAS À SEGURANÇA HUMANA NA AMÉRICA LATINA

Paulo Rodrigues Ribeiro (UCG)

O trabalho se propõe identificar o crescimento da violência e as questões relativas à segurança humana na América Latina, como um fenômeno da contemporaneidade. Considerando que a violência é redimensionada na atual forma de expansão capitalista. Pois, contribuem para a violência, de um lado, os fenômenos bélicos e, de outro, fenômenos como a pobreza, as carências democráticas, o nível de desenvolvimento das capacidades humanas, as desigualdades estruturais, a deterioração do meio ambiente, as tensões e conflitos étnicos, o respeito aos direitos humanos. Com a globalização, duas dimensões de violência se intensificam: a violência expressiva e a violência cotidiana. A violência expressiva é um tipo de violência que resulta da verticalização das relações sociais, tendo no plano interno quanto no meio internacional, sendo, portanto, resultado das desigualdades que marcam o fundo sobre o qual se desenrola a vida política. A violência cotidiana tem um menor grau de visibilidade, na medida em que ela se naturaliza nas relações sociais desiguais, típicas do sistema capitalista. Ela pode ser identificada em tudo aquilo que, de alguma forma, afeta a dignidade e a segurança humana.

NEOLIBERALISMO E REFORMA DO ESTADO (1994-1998)

Pedro Ivo Jorge de Faria (UFG)

A presente comunicação tem como eixo de investigação o desenvolvimento do Estado Capitalista brasileiro pós 1990, em específico o primeiro governo Fernando Henrique Cardoso. Este mesmo governo foi fundamental para consolidação do neoliberalismo no Brasil. Este processo de consolidação resultou de um processo de reformulação o chamado Bloco no Poder, com novas frações de classe que hegemoniza o projeto neoliberal, dando novas configurações para o Estado Capitalista brasileiro. Nesse sentido pretendo analisar a Reforma Administrativa de 1995 como uma política neoliberal que desestruturou a classe trabalhadora brasileira, em particular os trabalhadores do Serviço Público Federal. Com discurso político-ideológico dos setores neoliberais, de que o Estado é uma máquina falida, e que gasta muito, inicia-se um processo de privatizações, perca de gratificações, estabilidade e um plano de demissões. Assim direitos sociais historicamente construídos pela classe trabalhadora começam a serem atacados por estes setores, que defendem uma máquina estatal "enxuta".

EDUCAÇÃO E PÓS-NEOLIBERALISMO NA BOLÍVIA - O QUE EVIDENCIAM AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO GOVERNO EVO MORALES?

Marta Jane da Silva (SME-Goiânia/ UCG)

O presente estudo, até o momento constituído mais de indagações e apontamentos iniciais, se insere no campo das políticas públicas, particularmente no educacional, buscando elucidar novas relações entre Estado, sociedade e educação que estão em curso na América Latina e, particularmente na

Bolívia. Procura compreender a realidade atual, para além dos elementos conjunturais, vislumbrando a possível conformação de um projeto político alternativo ao neoliberalismo, evidenciando elementos político-sociais articuladores das políticas públicas no campo educacional. Retoma a lógica da reforma educativa empreendida sob a égide neoliberal, sobretudo a partir da década de 90, no sentido de confrontá-la com possíveis elementos de ruptura no marco do que tem sido denominado por vários estudiosos de pos-neoliberalismo na América Latina. Questiona em que medida as experiências político-sociais no campo educacional expressam, de fato, o esgotamento da hegemonia do projeto neoliberal como articulador político e ideológico das ações do Estado. Assim, busca contribuir no desenvolvimento de teorias políticas que abordem as relações entre Estado e Sociedade, focalizando o campo da educação a partir de uma perspectiva interdisciplinar das ciências sociais.

16:00 h às 18:00 h

LIMA BARRETO ANARQUISTA?

Getúlio Nascentes da Cunha (CAC-UFG)

É uma visão relativamente consolidada a associação de Lima Barreto com o anarquismo, senão como militante, pelo menos como um adepto do pensamento. Não se pode negar uma forte simpatia do autor com movimentos de trabalhadores no Rio de Janeiro do início do século XX. Da mesma forma, sua posição favorável à Revolução Russa e ao movimento socialista de que foi contemporâneo é inquestionável. Entretanto, uma análise do conjunto de suas crônicas e em especial daqueles que envolvem um debate em torno da figura de Bertha Lutz, coloca em questão sua filiação ao anarquismo.

OS SENHORES DO CERTO E DO ERRADO: COMO A DITADURA MILITAR FOI IMPLANTADA NO BRASIL E EM GOIÂNIA.

Rúbia Carla Martins Rodrigues (UCG)

O objetivo deste trabalho é apresentar uma visão sucinta sobre a ditadura militar no Brasil, que consequentemente, estendeu-se até a cidade de Goiânia, mostrando através das vozes das mulheres goianas e da socióloga Nilva Maria Gomes Coelho como sendo um importante instrumento analítico para os estudos feministas, rastreando, assim, o papel destas nas relações de poder do sistema ditatorial. Em seguida, por meio da fala das entrevistadas, será focalizada uma reflexão a respeito da organização do movimento feminista em Goiânia durante a ditadura militar.

TRAJETÓRIAS MILITANTES NO SUDOESTE GOIANO: O CARÁTER AUTOCRÁTICO DO ESTADO BURGUES BRASILEIRO E A FUNÇÃO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES.

Fernando Silva dos Santos (UFG)

Criado a partir do final da década de 1970, sob o contexto de um Estado autocrático burguês bonapartista em transição, o Partido dos Trabalhadores (PT) caracterizou-se como uma possibilidade de aglutinar e canalizar as manifestações que reclamavam a organização da classe trabalhadora no Brasil. Este texto tem como objetivo principal analisar reflexos das transformações do Estado capitalista brasileiro na retomada da organização dos trabalhadores, a necessidade e função do partido. A

proposta é investigar estes reflexos a partir dos relatos das trajetórias pessoais de militantes e simpatizantes dos setores que participaram do processo de formação do partido na cidade de Jataí durante o chamado período de “transição”. Como referencial teórico, utilizamos a concepção de autocracia burguesa em Florestan Fernandes, além de elementos do debate sobre a consciência de classe. Elementos que possibilitam a mediação entre experiências particulares dos indivíduos na construção de objetivos comuns, ou de outra forma, a multiplicidade de processos singulares e particulares, um momento de síntese coletiva.

CRISE DE HEGEMONIA E PROCESSO CONSTITUINTE NO BRASIL (1987-1988)

David Maciel (UFG)

Durante o processo de elaboração da Constituição de 1988 a crise conjuntural vivenciada pela dominação burguesa no Brasil desde meados da década de 1970 tornou-se crise de hegemonia. Apesar do bloco no poder ter conseguido conduzir de modo “lento, gradual e seguro” a transição democrática iniciada em 1974, o conflito político desencadeado pelo processo constituinte evidenciou o colapso da unidade burguesa em torno de um projeto histórico comum, neoliberal ou desenvolvimentista. A perspectiva de incorporação dos aspectos autocráticos fundamentais da institucionalidade autoritária na nova institucionalidade democrática, capitaneada pelo governo Sarney sob tutela militar, tornou-se o único e frágil fator de unidade burguesa no período. Devido ao seu caráter francamente reacionário, esta perspectiva mostrou-se insuficiente para garantir a superação da crise de hegemonia, manifesta, entre outros fatores, na desagregação dos principais partidos da ordem; nos avanços políticos e sociais conquistados pelas classes subalternas na Constituição, apesar de sua pequena representatividade numérica na assembleia constituinte; no papel tutelar exercido pelo governo sobre o processo constituinte e no próprio agravamento da crise econômica e social.

Quarta-feira, 14 de outubro

14:00 h às 16:00 h

A CONSTRUÇÃO DA DERROTA: O CONFLITO CAPITAL E TRABALHO NO GOVERNO FHC

Matheus Nascimento Germano (UCG)

Este trabalho tem como objetivo analisar as medidas tomadas pelo Estado brasileiro que culminaram na flexibilização do trabalho durante o governo FHC, tendo em vista que esse período configurou-se em uma ampla frente de precarização e informalização das relações de trabalho. A construção da derrota, desse modo, foi resultante da crise sócio metabólica do capital a qual impôs uma onda de reestruturação produtiva e novas formas de exploração do trabalho. Esses elementos somados a rearticulação do caráter autocrático do Estado brasileiro, com a implantação das reformas neoliberais, concretizou uma grande ofensiva do capital contra o trabalho. Assim, nessa comunicação abordaremos os elementos autocráticos reformulados no governo FHC, que se materializou em um regresso histórico para os trabalhadores brasileiros.

CINEMA E AÇÃO POLÍTICA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O CPC DA UNE E AS ONGS/OSCIPS (CUFA, OBSERVATORIO DE FAVELAS, NÓS DO MORRO, CIDADELA E AFROREGGAE)

Thiago de Faria e Silva (USP)

O objetivo da comunicação é refletir sobre os sentidos políticos envolvidos na criação cinematográfica realizada a partir do trabalho de coletivos político-culturais. Para tanto, analisaremos as questões políticas relacionadas à produção do filme Cinco Vezes Favela (1962) pelo CPC da UNE, comparando-as com a produção do filme 5x Favela, agora por nós mesmos (em andamento), realizado por entidades envolvidas com a produção cinematográfica nas favelas cariocas (CUFA, OBSERVATORIO DE FAVELAS, NÓS DO MORRO, CIDADELA E AFROREGGAE). Quais aproximações e afastamentos surgem entre as duas experiências políticas? Podemos falar em uma arte engajada e outra, não-engajada? Qual a importância do cinema como espaço de disputa de hegemonia? Para pensar sobre essas questões estabeleceremos um diálogo com autores como Marc Ferro, Gramsci e Marilena Chauí.

A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA COMO TEORIA DA AÇÃO SOCIAL EM MARX E ENGELS.

Ricardo Rodrigues Alves de Lima (UNESP – Marília)

Uma das características que confere unidade ao conjunto da obra de Marx e Engels é o nexo entre teoria e prática. Nesse sentido, as análises que empreenderam sobre as questões de seu tempo não devem ser concebidas como pura teoria, mas fundamentalmente como teoria da ação social, à medida que a análise teórica está indissociavelmente vinculada a um projeto de transformação da realidade. Partindo dessa premissa, o presente estudo investiga como o aprofundamento teórico da crítica à economia política empreendida por Marx e Engels na década de 1850 irá incidir na redefinição da ação política projetado por ambos para o movimento operário internacional, o que implicará no abandono da concepção de revolução permanente sustentada por ambos durante o período revolucionário do final da década de 1840 na Europa.

ITAUCU-GO: EXPERIÊNCIAS POLÍTICO-SOCIAIS CONSTRUÍDAS PELAS CLASSES SUBALTERNAS

Elisabeth Maria de Fátima Borges (UEG)

O presente trabalho tem como objetivo problematizar iniciativas dos trabalhadores rurais de Itauçu-Go de cunho reivindicativo frente ao Estado e/ou ao capital, projetos políticos alternativos, que vislumbraram formas alternativas de práxis social e política no período de 1950 a 2000. Organizamos o trabalho de maneira a propor uma reflexão sobre três movimentos expressivos de organização dos trabalhadores rurais nesta região: as Ligas Camponesas, o Movimento de Educação de Base (MEB) e as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's). Inicialmente apresentaremos a atuação das Ligas Camponesas na região, destacando a forma pela qual o líder comunista Sebastião Bailão o "Comunista benzedor" usa da religiosidade popular para se integrar no seio da comunidade. Num segundo momento faremos uma reflexão sobre a relação entre fé e política no MEB. E finalmente a análise se pautará nas CEB's e no projeto de transformação da sociedade.

16:00 h às 18:00 h

O PROCESSO HISTÓRICO E ATUAÇÃO DA CPT EM GOIÁS

Eliane Nunes Lopes (UCG)

O tema a ser discutido, é de grande relevância para a compreensão do processo histórico e a atuação da Comissão Pastoral da Terra em Goiás. Discutiremos sobre esse tema, dentro de uma perspectiva ampla dos fatos, históricos, políticos e sociais, principalmente da ação social da CPT, no Estado de Goiás. Abordaremos ainda, os desafios da mesma frente ao poder político do Estado. Discutiremos de forma sistemática, sobre o processo histórico, atuação e importância da CPT, no Estado de Goiás, explorando as relações bibliográficas referente ao tema discutido. Somando assim, aos demais trabalhos a serem discutidos dentro do simpósio temático: História, poder e Ação Social.

CAPOEIRAS, PARTIDOS POLÍTICOS E ELEIÇÕES NO PARÁ REPUBLICANO

William Gaia Farias (UFPA)

Esta comunicação tem como objetivo analisar a atuação dos capoeiras nas disputas político-partidárias do Pará republicano na transição do século XIX ao XX, principalmente, no que diz respeito aos momentos de eleições onde as lutas corporais foram importantes instrumentos utilizados pelos partidos políticos que disputavam o poder no alvorecer republicano. Estes capoeiras tiveram atuação expressiva em todo estado do Pará, demonstrado grande capacidade de articulação e envolvendo-se em conflitos nos comícios, nas seções eleitorais e em eventos cívicos. Na pesquisa utilizou-se fontes como ofícios, autos de inquéritos, relatórios de governo e obras raras. Assim observou-se o cenário de intensos conflitos e impasses ocorridos no estabelecimento da República, ficando bem claro os campos de disputas pelo poder político que envolveram o Partido Republicano Paraense (reduto de republicanos históricos) e Partido Republicano Democrático (originado do extinto Partido Liberal) que em seu ápice foi marcado por duas revoltas que tinham como objetivo evitar a abertura do Congresso Constituinte e depor o governador do estado.

JOSÉ SOBRINHO – A FOICE, O MARTELO E A CRUZ

Renato Dias de Souza (UFG)

Há trajetórias de membros do Partido Comunista Brasileiro que nos possibilita compreender aspectos fundamentais de algumas lutas sociais na história de Goiás. José Fernandes Sobrinho (1927- 1994) foi o representante de uma oligarquia decadente a partir do qual constatamos o papel do partido em lutas sociais como as de Trombas e Formoso. Sua atuação política institucional nunca o levou a conquistar os cargos de direção que pretendia. No entanto, foi um interlocutor dos setores ligado às questões agrárias em Goiás. Tendo exercido uma prática política tão burocrática e centralizadora quanto qualquer membro do Comitê Central ou Estadual. Situando-nos acerca do pragmatismo político partidário que tem como objetivo reproduzir as relações hierárquicas de uma sociedade dividida em classes sociais. O título desta comunicação refere-se tanto ao membro do partido vinculado aos debates internos desse quanto ao diálogo com os setores da teologia da libertação no contexto de luta pela anistia e redemocratização do Brasil após a ditadura de 1964.

LEIS DE TERRAS DE 1850 – O ORDENAMENTO LEGAL DO IMPÉRIO NAS CONDIÇÕES DE FRONTEIRA.

Cláudio Lopes Maia (CAC-UFG)

O debate sobre a Lei de Terras de 1850, no que se refere a sua aplicação, sempre procurou contrastar o caráter moderno da legislação, com as ações de resistência das oligarquias rurais a sua aplicação. Em Goiás a justificativa para a resistência das oligarquias em registrar suas terras foi explicada pela falta de uma consciência mercantil, expressa no uso da terra como fonte de prestígio social. Nesta comunicação pretendo analisar o processo de construção da Lei de Terras e sua aplicação, como espaços de conflitos, capazes de serem observados somente no jogo contraditório dos grupos sociais envolvidos. A ação do Estado Imperial e a posição das oligarquias serão observadas dentro do jogo político de construção hegemônica dos grupos sociais no poder, que na condução de um projeto de nação souberam agregar os interesses contraditórios dos setores dominantes, tornando a Lei, não um aspecto de modernização, contra o atraso, mas um projeto de poder, que incluía os grupos dominantes nas suas diferentes matizes.

RISCO E CONSUMO - A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE A PARTIR DO LIXO

Marina Roriz Rizzo Lousa da Cunha (UFG/UCG)

Essa comunicação apresenta os resultados finais de uma pesquisa de mestrado elaborada para analisar a formação da identidade de grupos excluídos da sociedade contemporânea, no contexto de modernidade tardia. Para tanto, baseou-se em um universo específico, os catadores de materiais recicláveis, grupo sujeito à exclusão social devido, entre outros fatores, à sua ligação direta com o lixo. O modelo teórico que fundamenta a pesquisa é baseado na conjugação de três teorias sociais, o desenvolvimento de situações de risco na modernidade tardia, de Beck (BECK, 1997), a formação da identidade no contexto da vida líquida, de Bauman (BAUMAN, 2005) e o consumo como elemento que contribui para a formação identitária, de Bourdieu (BOURDIEU, 2007). Além disso, conta com o suporte da noção de identidade deteriorada de Goffman (GOFFMAN, 1988).

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES.

Faculdade de História – UFG – Goiânia / ANPUH – GO

13 a 16 de outubro de 2009

SIMPÓSIO TEMÁTICO 15 – HISTÓRIA, TRABALHO E IDENTIDADE

Coord. Dra. Maria Lúcia Vannuchi - UFU

Dr. Luiz Carlos do Carmo – UFG

PROGRAMAÇÃO

14/10/2009

Período Matutino

1- DISSONÂNCIA CULTURAL? O TRABALHO EM BRASÍLIA

Marcia de Melo Martins Kuyumjian

Dra. Sociologia – Professora de História Cultural da UnB

Marciak54@brturbo.com.br

2- O TRABALHO EM SERVIÇOS DESQUALIFICADOS NO BRASIL: DA SUBALTERNIDADE AO RECONHECIMENTO

Dr. Jordão Horta Nunes – Prof. Adjunto da UFG

Jordão@fchf.ufg.br

Tatiele Pereira de Souza – mestranda em Sociologia – UFG

tatieleueg@hotmail.com

3- MULHERES RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS E AS MUDANÇAS NO MUNDO DO TRABALHO: TEMPORALIDADE E INTERSECCIONALIDADE DE GÊNERO

Iolene Mesquita Lobato – mestranda - Antropologia Social – UFG

lolenelobato@gmail.com

4- FEIRAS LIVRES: LÓCUS DE TRABALHO INFORMA NA CONTEMPORANEIDADE. (ESTUDO COMPARATIVO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO ESTABELECIDAS NAS FEIRAS NORTISTAS PORTUGUESAS E NORDESTINAS BRASILEIRAS

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo – doutoranda em História – UFBA / Um do Minho

FAVIP – Faculdade do Vale do Ipojuca

giovannaaquino@ig.com.br

14/10/2009

Período Vespertino

- 1- **A DIMENSÃO OFÍCIO E A IDENTIDADE DO DESIGN GRÁFICO BRASILEIRO**
Marcos Costa de Freitas – Mestrando em História – UCG
Prof. Faculdade de Tecnologia Senac - Goiás
marcos.korubos@gmail.com
- 2- **TRABALHADORES VOLANTES DA CAFEICULTURA EM PATROCÍNIO – MG**
Janaina Jácome dos Santos – mestranda Hist – UFU
janainajacomedosantos@hotmail.com
- 3- **ÍNDIO: CIDADÃO E TRABALHADOR IDEAL PARA MINAS GERAIS NO FINAL DO SEGUNDO IMPÉRIO**
Sirlaine Paiva Fonseca – mestre UFG
sirlainefonseca@yahoo.com.br
- 4- **TRIBUTOS EM GOIÁS ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XIX: PERSEGUINDO OS RASTROS DE UMA ECONOMIA QUASE INVISÍVEL**
Ana Cláudia Alves de Aquino Garcia –mestre em História – UFG
historiana_65@hotmail.com

15/10/2009

Período Matutino

- 1- **ESTEREOTIPIZAÇÃO DE MIGRANTES MARANHENSES: UM DISPOSITIVO SOCIAL DE DOMINAÇÃO**
Idelma Santiago da Silva – doutoranda - História – UFG
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
idelmasantiago@gmail.com
- 2- **A CONSTRUÇÃO DA DIFERENÇA ÉTNICA: A PRODUÇÃO SOCIAL E CULTURAL DA IDENTIDADE NO MUNDO DO TRABALHO (PORTO ALEGRE – 1890 – 1900)**
Carlos Eduardo Millen Grosso – doutorando – História – UFSC
machadosartre@yahoo.com.br
- 3- **VADIOS, VADIAGEM E O SERTÃO CIVILIZADO: REPRESENTAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO NO OESTE DE MINAS GERAIS, 1870 – 1930**
Florisvaldo Paulo Ribeiro Jr – Prof. Adjunto do Instituto de História da UFU
Florisvaldo.jr@uol.com.br
- 4- **O TRABALHO COMO DEFINIDOR DA PAULISTANIDADE NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO**
Danyllo Di Giorgio Martins da Mota – mestrando – História – UFG
dandigiorgio@bol.com.br

15/10/2009

Período Vespertino

1- HISTÓRIA E COTIDIANO PROFISSIONAL DE UMA PROFESSORA DE MENINAS (CIDADE DE GOIÁS, 1889 – 1945)

Maria das Graças Cunha Prudente – mestre em História – UCG / SEE- GO
mgprudente@uol.com.br

Euzébio Fernandes de Carvalho - mestre em História – UFG / IPEHBC-UCG
euzebio@ucg.br

2- A ORDEM DA FRONTEIRA: A ATUAÇÃO DO COMANDO MILITAR DO TURIÁÇU EM FINS DO SECULO XVIII E INÍCIO DO XIX

Sueny Diana Oliveira de Souza – graduada em História Universidade Federal do Pará
suenyhist@gmail.com

3- SOBRE A MULHER NA PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS EM GOIÁS PROVINCIAL

Hugo Leonnardo Cassimiro – UCG
Gu_temporal@yahoo.com.br

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Simpósio Temático 16: Historiografia Lingüística: epistemologia aplicada a monumentos da ciência da língua e da linguagem

O discurso historiográfico da Lingüística Aplicada brasileira

Hilda Rodrigues da Costa (1º autor, UFG, Letras, Mestrado)

Alexandre Ferreira da Costa (2º autor, UFG, Letras, Orientador)

A presente comunicação tem como objetivo descrever a constituição de uma historiografia da Lingüística Aplicada brasileira. Analisam-se, nesse sentido, os elementos sociais, culturais e epistemológicos mobilizados pelo discurso historiográfico, sobretudo em relação à dicotomia constitutiva dessa área entre a manutenção dos paradigmas da tradição saussureana da Lingüística e a instauração de novas relações interdisciplinares. Tal dicotomia apresenta-se não apenas na seleção de modelos teóricos e modalizações empíricas, mas também na assunção de proposições éticas e no estabelecimento de lugares institucionais.

Devaneios de Mafalda: os discursos de uma história em quadrinhos sobre mulheres

KATIANNE DE SOUSA ALMEIDA (Mestranda em Antropologia Social - UFG)

As histórias em quadrinhos são produções textuais que visam atingir uma grande parte da população, já que muitas vezes estão disponibilizadas em veículos de comunicação de massa, como jornais, revistas, etc., tendo tanto o sentido de informar como de entreter. Neste artigo, a História em Quadrinho (HQ) escolhida foi de Mafalda criada pelo desenhista argentino Joaquín Salvador Lavado (Quino) na década de sessenta. Essa HQ foi escolhida para análise, pois acredita-se que a personagem principal – Mafalda tem o caráter contestador e tem uma capacidade “singular” de analisar os costumes da sociedade latina urbana, questionando-os, mesmo sendo uma criança. Contudo, ao me debruçar sobre todos os quadrinhos reunidos na obra Toda Mafalda, observei que quanto a questão de gênero, sexualidade e poder ainda havia algumas vinculações quanto a postura natural da mulher, ou seja,

vinculada a atividades domésticas e a sua subordinação a uma dominação masculina. A dúvida encontrada na análise desta HQ é quais são os momentos que há crítica e quais são os momentos em que há o reforço da dicotomia nas relações entre homens e mulheres.

KAOS E PROGRESSO, A NARRATIVA MÍTICA EM FAVOR DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA A PARTIR DA DÉCADA DE 20 DO SÉCULO XX.

Isac Teixeira de Assunção (UFG, Letras, Mestrado)

Os Modernistas da Semana de Arte Moderna de 1922 sentiam que a cultura brasileira estava ameaçada de esquecimento, visto que era marcada pela portuguesa, além de se falar uma língua provinda da Europa, os adereços europeus apareciam bem marcados nos principais escritores da geração anterior, José de Alencar, Gonçalves Dias, Gonçalves Magalhães etc. Eles descreviam um índio, surgindo em meio a floresta tropical armado de arco e flecha, vindo da tribo tupi, contudo os movimentos guerreiros, os sentimentos, os atos de honra etc, eram todos importados. Por isso, os Modernistas se sentiam em caos em relação à marca cultural literária herdada por seus antecessores, que deixaram apontadas em suas narrativas as marcas da colonização. Com isso, eles se viam na obrigação de transformar as ligações européias, fazendo com que a cultura narrativo-mitológica brasileira deixa-se de ser apenas mais uma extensão do continente europeu. Assim, os idealizadores da Semana de Arte Moderna vão em busca da melhor metáfora para os sentimentos do povo brasileiro, para resgatar uma narrativa mítica inerente da cultura brasileira.

A METODOLOGIA SEMIÓTICA

Janice Alves Gomes (UFG, Letras, Mestrado)

A Semiótica se desenvolveu a partir da Lingüística e se firmou enquanto ciência da significação no século XX com Algirdas Julien Greimas. Ela estuda o plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo de sentido que vai, em um texto, do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. O enriquecimento e a concretização do sentido do texto se dão à medida que a narratividade progride. Essa progressão é analisada mediante três níveis, o superficial, o intermediário e o profundo, e para cada um deles há um componente sintático e um semântico. Na análise dos textos há ainda as paixões semióticas que se manifestam tanto comportamentalmente, quanto fisiologicamente. Pois o discurso está marcado por uma subjetividade afetiva que se prende ao fato de o enunciador mostrar-se envolvido no enunciado, mesmo que não tenha a intenção de fazê-lo explicitamente, influenciando o enunciatário nesse discurso passional.

A historiografia na formação das teorias nas ciências da linguagem

Ms. Rômulo da Silva Vargas Rodrigues (Faculdades ALFA – Centro Educacional Alves Faria Ltda.)

Ao analisar os conceitos de língua e linguagem presentes nas obras de Saussure e Benveniste é possível perceber o quanto esses dois linguistas buscaram, cada a seu turno, em textos produzidos por outros estudiosos, os conceitos que lhes propiciaram a formação de suas teorias. É, portanto, notório, seja pela citação nominal dos teóricos lidos, seja pela presença indisfarçável de seus conceitos na obra tanto de um, quanto do outro lingüista, que seu método de trabalho consistiu basicamente em ler, compreender e discutir as idéias que lhes antecediam. É claro que essa discussão provocou avanços importantes em relação aos teóricos discutidos, daí, aliás, o seu valor. Porém, o fato que interessa nesta comunicação, é que, a leitura e discussão de conceitos tomados como monumentos para análise é também a base do método historiográfico e, portanto, observando-se tais características da obra desses dois linguistas, pode-se notar a historiografia como método de estudos e de desenvolvimento teórico, pois, ainda que esta não fora pelos mesmos declarada como método, o fora, por eles, de fato utilizada.

O PERCURSO DA NOÇÃO DE GÊNERO BAKHTINIANA NA CONSTITUIÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

Luciana Andrade Cavalcante de Castro (UFG, Letras, Mestrado)

Esta comunicação visa expor o como se deu a apropriação da noção bakhtiniana de gênero discursivo nos três enquadres realizados por Fairclough (1989, 1992, 1999, 2003) nos seus estudos em Análise de Discurso Crítica (ADC). Bakhtin afirma que cada enunciado, tomado isoladamente, é considerado um evento único e individual, entretanto cada esfera da comunicação humana produz seus gêneros discursivos, ou enunciados relativamente estáveis, e estes refletem os traços e finalidades específicas de tais esferas por meio de seu conteúdo, estilo, e sobretudo por sua construção composicional (estrutura). Tendo isso como base, o linguista britânico pôde em seus modelos de análise da linguagem relacionar características estruturais dos textos com o estudo dos processos de produção, distribuição e consumo de gêneros textuais, constituintes das práticas discursivas. Também a apropriação da noção de gênero discursivo, possibilitou a Fairclough combinar a abordagem sócio-histórica de discurso presente nos estudos arqueológicos de Foucault com os estudos gramaticais de Halliday, em sua Linguística Sistêmico Funcional, sendo que na terceira fase dos estudos de Fairclough há uma grande aproximação destes com a noção de Significado Acional, derivada das Funções Interpessoal e Textual de Michael Halliday (1985).

A EVOLUÇÃO DO LIVRO CHAMADO GRAMÁTICA DURANTE O SÉCULO XX

Helda Núbia Rosa (UFG, Letras, Mestrado)

O século XX, como afirmam os historiadores, foi palco de inúmeras mudanças de cunho social, político, econômico, educacional e ainda de avanços tecnológicos. Com isso o uso imagético nos meios de

comunicação foi inevitável. Assim também o é nos livros didáticos, verdadeiros veículos de propagação do conhecimento. Ao longo da história, imagens foram aos poucos sendo inseridas no universo escolar para a produção dos materiais didáticos. É a necessidade vital da inserção das imagens no dia a dia dos sujeitos. Pretende-se aqui entender como os diversos recursos imagéticos puderam ir de encontro ao livro didático, principalmente, a gramática. O que possibilitou o uso das ilustrações nesse tipo de livro, principalmente nas gramáticas? Com certeza isso se deu no século XX, provavelmente em meados dele, mas que fatores sociais e até políticos propiciaram o aparecimento delas? Quando se deu essa necessidade? Por quê? Quais as leis que contribuíram para esse acontecimento? Como a sociedade recebeu essa novidade? Essas são algumas perguntas que se pretende responder nesse trabalho.

“passageiros entre palavras fugazes” Pensar o tempo presente entre a história e a mídia

Sônia Maria de Meneses Silva (Doutoranda: Universidade Federal Fluminense/UFF, Docente: Universidade Regional do Cariri/URCA)

O presente trabalho problematiza as relações entre história e mídia na sociedade contemporânea. Nesses termos, tem como ponto central a reflexão sobre os usos do passado e a interferência dos recursos midiáticos na produção de acontecimentos e sentidos em nossos dias uma vez que, consideramos ser fundamental pensar a influência de tais recursos na própria produção histórica do tempo presente. Segundo Rousso, deparamo-nos como a ordenação de novos sistemas de representação sociais sobre o passado que têm como principal característica um forte investimento na cena pública, tornamo-nos participantes de eventos traumáticos, efetivados em diversas partes do mundo, na medida em que a simultaneidade da informação nos leva à condição de testemunhas; experiência que já havia se tornado evidente episódios emblemáticos no século XX como a queda do Muro de Berlim ou, espetacularmente, em 2001 na queda do World Trade Center. Nesse tenso cenário, um elemento situa-se como ponto fulcral: os usos e as disputas em torno da constituição da memória e da história. Na interseção dessas duas dimensões, os meios de comunicação assumiram, notadamente a partir das últimas décadas do século XX, um papel capital.

CANCELAMENTO DE SEGMENTO(S) NA(S) SÍLABA(S) DO VOCÁBULO

Ms. Raquel Peixoto Ferreira VIEIRA (UFG, Letras, doutorado)

No século XIX, Whitney já vislumbra a importância dos fatores sociais na mudança lingüística, demonstrando que a fala não pertence ao indivíduo, mas ao membro que está inserido na sociedade. Dentro desse prisma, ao se pensar em variação e/ou mudança lingüística, deve-se visualizar a língua como um todo, no contexto da vida da comunidade na qual ele ocorre, conforme aponta Labov. Assim, o presente estudo, cujo corpus representa a fala de idosos de uma região do interior de Goiás, tem como objetivo descrever e analisar lingüisticamente os processos fonológicos em que ocorrem o cancelamento de segmento(s) na(s) sílaba(s) de um vocábulo; e observar quais ambientes fonológicos motivam essa(s) ocorrência(s), tanto interno ao vocábulo, quanto em fronteira silábica, e quais as influências dos fatores sociais nesse processo.

MOBILIDADE GEOGRÁFICA COMO FATOR DE MUDANÇA LINGUÍSTICA

Dr^a Tânia Ferreira Rezende Santos (Letras/UFG)

Com o advento da Sociolinguística variacionista de orientação laboviana no Brasil, alguns fatores sociais têm sido considerados como os únicos adequados aos estudos sobre o português brasileiro. Todavia, em muitos trabalhos, tais fatores têm-se mostrado insuficientes para dar conta de fenômenos linguísticos presentes na fala rural de Goiás e na fala e escrita de comunidades etnicamente diferenciadas, as quais não apresentam estratificação social, exceto pela faixa etária e sexo. Em Rezende Santos (2008) e em Rezende Santos (a sair), a única correlação significativa no estudo, respectivamente, da posição dos adjetivos no SN e da frequência de uso da variante retroflexa do /r/, em diferentes amostras de fala, é a mobilidade geográfica ou espacial, considerando a natureza dos contatos que esta possibilita. Por isso, propõe-se que o fator mobilidade geográfica, ao lado da categoria social network, por refletir os tipos e os níveis de interação dos falantes, tanto inter quanto intra comunidade, se apresenta como relevante na correlação entre linguagem e sociedade, em especial quando se trata de comunidades ou grupos socioculturais mais coesos e homogêneos.

POR UMA LITERATURA COMO “MONUMENTO” DA “INDIVIDUALIDADE” DA NAÇÃO BRASILEIRA

Prof. Dr. Valdeci Rezende Borges (UFG/CAC)

Para José de Alencar, a intelectualidade tinha por “missão” contribuir para a “formação de uma nacionalidade” para o país recém independente. Em vários ensaios, o escritor expôs um programa de nacionalização literária e de realização da identidade nacional. Defendeu a diferenciação da literatura nacional na forma e no conteúdo, no emprego da língua portuguesa e na escolha dos temas e motivos. A “literatura militante” deveria buscar edificar uma obra brasileira, com língua portuguesa abrigada pelo povo, na luta contra a “expatriação literária” e captar “a alma brasileira”. A “literatura brasileira”, com “alma” e “individualidade própria”, opunha-se ao “espírito de colonização literária” por parte dos escritores portugueses e à submissão ao “outro lado do Atlântico”. O romance, como “monumento” da pátria, deveria se apegar às feições da língua particular esboçada na experiência social do povo falante, expressa em linguagem do tempo moderno e com seus temas. Assim desbravaria o campo defendido “pelos literatos de rabicho” contra a formação da nacionalidade brasileira. Sua obra é “militante” e um “monumento” erguido na celebração de uma literatura nacional e na ânsia por se diferenciar da “literatura mãe”. Dos vários ensaios e batalhas por uma forma de representação do Brasil, focaremos “Questão Filológica”, de 1874.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II: APONTAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS SOBRE O DISCURSO RELIGIOSO CATÓLICO

PINTO, Juliana de Sousa (Mestrado, Letras, UFG)

COSTA, Alexandre (Docente, Letras, UFG)

A presente comunicação tem por objetivo examinar arqueologicamente (Foucault, 2007) textos e documentos fundadores do discurso religioso católico, com ênfase especial naqueles que constituem a denominada homilia, pregação específica e particular no âmbito das práticas religiosas católicas (Maldonado, 2002), no que se refere ao Concílio Ecumênico Vaticano II e seus quatro períodos de desenvolvimento histórico (Souza, 2006). A partir da proposta de Gonçalves (2006), investiga-se o contexto teológico conciliar, bem como, seu desdobramento no período moderno e suas influências para a regulação da liturgia e, por conseguinte, a reabilitação da homilia (CELAM, 1983) o que possibilita o estudo de seu viés discursivo. Nesse sentido, recuperam-se as políticas linguísticas propugnadas pelos documentos analisados, bem como os procedimentos delas derivados.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

FORMULÁRIO PARA SUBMISSÃO DE COMUNICAÇÃO

1. TÍTULO DA COMUNICAÇÃO (Fonte Times New Roman, tamanho 12, em caixa alta e negrito):

DOS DISCURSOS RELIGIOSOS NA CONSTITUIÇÃO DE UMA “NOVA MORAL SEXUAL” – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950.

2. NOME COMPLETO DO/A PROPONENTE:

CRISTIANE LIMA SANTOS

3. RESUMO DA COMUNICAÇÃO: (Fonte Times New Roman, tamanho 12, mínimo de 07 e máximo de 15 linhas, em formato Word for Windows - .doc)

A proposta de comunicação busca realizar uma análise, sob uma perspectiva de gênero, das tensões que permeavam o cotidiano feirense, vislumbrando os discursos religiosos presentes na redefinição dos tipos e/ou entendimentos de honra e moralidade sexual para os jovens dos anos 40 e 50. Neste momento, as discussões em torno das novas sociabilidades urbanas em Feira de Santana apontariam para a necessidade de um código em que seria ditado tanto o comportamento sexual feminino quanto o masculino, nesse ínterim o “despreparo da juventude” passava a ser considerado um problema social na medida em que vinha sendo definida como protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações, essencialmente situado na esfera dos comportamentos morais.

4. NÚMERO E TÍTULO COMPLETO DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

Simpósio Temático 17: Identidade, Gênero e Práticas Religiosas

5. VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL DO/A PROPONENTE DA COMUNICAÇÃO:

Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus V /Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História Regional e Local

6. ENDEREÇO DE E-MAIL DO/A PROPONENTE DA COMUNICAÇÃO:

cricalima04@gmail.com

7. ENDEREÇO ELETRÔNICO DO CURRÍCULO LATTES DO/A PROPONENTE DA COMUNICAÇÃO:

<http://lattes.cnpq.br/9528567918663498>

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

FORMULÁRIO PARA SUBMISSÃO DE COMUNICAÇÃO

1. TÍTULO DA COMUNICAÇÃO (Fonte Times New Roman, tamanho 12, em caixa alta e negrito):

As falas femininas: atuação das goianas entre o final do século XIX e início do século XX.

2. NOME COMPLETO DO/A PROPONENTE:

Javã Isvi Pinheiro Marcondes

3. RESUMO DA COMUNICAÇÃO: (Fonte Times New Roman, tamanho 12, mínimo de 07 e máximo de 15 linhas, em formato Word for Windows - .doc)

Como foi possível que a fala feminina se fizesse “audível” a todos, pública, lançada aos quatro cantos da cidade? Como pode ser efetivado um regime de enunciação que autorizasse a presença da fala estranha? A análise de artigos de jornal, periódicos literários femininos (O Lar e A Rosa) e processos criminais de delitos cometidos por/contra elas permite constatar e explorar a diversidade de manifestações da fala feminina. Entre a intelectual e a meliante interrogada haveria o fio de uma “consciência feminista” a garantir a unidade da experiência feminista? Os muitos casos públicos ou mesmo as ocasiões especiais em que a subserviência dá lugar à ira declarada não estão ligados entre

si por motivações únicas, nem compõem um único quadro, mas põem em jogo diferentes formas de ação e de pensamento. Tomado dessa forma, o feminismo passa a ser pensado como um fenômeno múltiplo, disperso, que se manifesta sempre de forma diferenciada, segundo as regras de enunciação de cada situação declarada. Longe da execução regular de um programa de ações, trata-se, antes, de movimentos cujas manifestações encontram sempre campos de lutas particulares.

4. NÚMERO E TÍTULO COMPLETO DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

Simpósio Temático 17: Identidade, Gênero e Práticas Religiosas.

5. VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL DO/A PROPONENTE DA COMUNICAÇÃO:

Mestrando em História pela UFG.

6. ENDEREÇO DE E-MAIL DO/A PROPONENTE DA COMUNICAÇÃO:

javaisvi@gmail.com

7. ENDEREÇO ELETRÔNICO DO CURRÍCULO LATTES DO/A PROPONENTE DA COMUNICAÇÃO:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4715706U0>

FORMULÁRIO PARA SUBMISSÃO DE COMUNICAÇÃO

1. TÍTULO DA COMUNICAÇÃO (Fonte Times New Roman, tamanho 12, em caixa alta e negrito):

O PAPEL DA MULHER NO LAR E A SUA AÇÃO NA FORMAÇÃO CRISTÃ DOS FILHOS EM ARAGUARI DE 1940 A 1950.

2. NOME COMPLETO DO/A PROPONENTE:

Gilma Maria Rios

3. RESUMO DA COMUNICAÇÃO: (Fonte Times New Roman, tamanho 12, mínimo de 07 e máximo de 15 linhas, em formato Word for Windows - .doc)

A temática de gênero, identidade e práticas religiosas marcam uma virada na produção do saber, sobretudo, nas ciências humanas que enriqueceram com a incorporação dessas categorias de análise. Nesse sentido, esta comunicação tem como objetivo refletir sobre as relações estabelecidas entre gênero e constituições identitárias presentes no cotidiano das mulheres araguarinas, principalmente àquelas que se referem aos discursos religiosos que circularam pelo espaço social local nos anos 40 a 50. Esse estudo tem como base as pesquisas desenvolvidas sobre as mulheres araguarinas pelo Grupo de Pesquisa “História, Gênero e Cotidiano”. Utiliza-se como fontes documentais a Revista Ave Maria, publicada pela Igreja Católica e o Gazeta do Triângulo, jornal local, que circulava em Araguari/MG na data do recorte de estudo e a historiografia em geral que aborda o assunto em discussão. Observa-se que apesar do pensamento hegemônico traduzido pela imprensa/mídia católica, as pessoas resistem e reescrevem novos juízos de valores, possibilitando a ampliação do saber histórico e a descoberta de novas abordagens.

. NÚMERO E TÍTULO COMPLETO DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

ST17 Identidade, gênero e práticas religiosas

5. VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL DO/A PROPONENTE DA COMUNICAÇÃO:

.Professora da Universidade Presidente Antonio Carlos – campus Araguari/MG

. ENDEREÇO DE E-MAIL DO/A PROPONENTE DA COMUNICAÇÃO:

.riosmaria@ig.com.br

7. ENDEREÇO ELETRÔNICO DO CURRÍCULO LATTES DO/A PROPONENTE DA COMUNICAÇÃO:

...<http://lattes.cnpq.br/5583708932399744>

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

FORMULÁRIO PARA SUBMISSÃO DE COMUNICAÇÃO

1. TÍTULO DA COMUNICAÇÃO (Fonte Times New Roman, tamanho 12, em caixa alta e negrito):

FOLIAS DAS MULHERES: PRÁTICAS E PERFORMANCE NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

2. NOME COMPLETO DO/A PROPONENTE:

.NOECI CARVALHO MESSIAS.

3. RESUMO DA COMUNICAÇÃO: (Fonte Times New Roman, tamanho 12, mínimo de 07 e máximo de 15 linhas, em formato Word for Windows - .doc)

FOLIAS DAS MULHERES: PRÁTICAS E PERFORMANCE NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Noeci Carvalo Messias, mestre em patrimônio cultural – UFG, noecicarvalho@yahoo.com.br

A folia das mulheres é uma prática cultural que se realiza anualmente na festa do Divino Espírito Santo, na cidade de Monte do Carmo, TO. Durante todo um dia um grupo de mulheres denominadas folioas cantam, dançam e percorrem ruas e casas da cidade numa expressão de fé e religiosidade a fim de recolher donativos para auxiliar o imperador do Divino a fazer sua festa. Esta manifestação traz consigo o caráter popular do catolicismo engendrado dentro de práticas e rituais que configuram a expressão de tradições e representações populares incorporadas às festas religiosas. O propósito desta comunicação é refletir questões acerca dos significados construídos por mulheres que participam desta folia. Pretende-se também discutir aspectos de sociabilidades, diversão e interação intrínsecos neste ritual.

4. NÚMERO E TÍTULO COMPLETO DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

Simpósio Temático 17: Identidade, Gênero e Práticas Religiosas

5. VINCULAÇÃO INSTITUCIONAL DO/A PROPONENTE DA COMUNICAÇÃO:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG

6. ENDEREÇO DE E-MAIL DO/A PROPONENTE DA COMUNICAÇÃO:

noecicarvalho@yahoo.com.br

7. ENDEREÇO ELETRÔNICO DO CURRÍCULO LATTES DO/A PROPONENTE DA COMUNICAÇÃO

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

DIA 13/10/2009

Coordenação

Marcio Penna Corte Real - FE/UFG – e-mail: mpcortereal@yahoo.com.br

1 – Performance e Identidade: O Estado das Artes Populares no Planalto Central.

João Gabriel Lima Cruz UNB

Apresenta resultados de projeto de investigação sobre manifestações artísticas populares localizadas no Planalto Central brasileiro. O projeto visa compreender a articulação entre os conceitos e as práticas das performances e das identidades que ali estão sendo construídas, considerando o desenvolvimento recente do conhecimento a respeito das artes populares no Brasil, notadamente sobre as folias de reis e outras festas religiosas e profanas dessa região que ainda se encontram fora do foco das discussões ora em curso no país. Analisa o estado dessas manifestações em dois municípios do noroeste de Minas Gerais e em dois municípios do estado de Goiás, todos dentro da área de influência de Brasília, capital federal do Brasil. No primeiro e no último, focalizam-se as manifestações religiosas e danças profanas de dois povoados de remanescentes de quilombos.

limacruz46@hotmail.com

2 - Jogo Simbólico de Representações Culturais.

Fernanda Albernaz do Nascimento UFG

A pesquisa das representações culturais e seus registros tem um papel fundamental na formação das novas gerações, pois através do desvendamento desses jogos simbólicos os indivíduos se identificam e fortalecem os laços identitários de pertencimentos. Esses pertencimentos podem ser identificados em representações que sobrevivem no anonimato, ou seja, realizam-se na invisibilidade, não se fazem visíveis na mensagem do que representam, compõem-se com o jogo simbólico. O estudo foi centrado na representação cultural “dança do tapuí”, a qual é realizada na cidade de Goiás, e teve como propósito torná-la exposta à vista, visível, pois durante séculos essa representação tem sido ouvida com surdina na cultura local. A pesquisa objetivou traduzir o jogo simbólico da representação cultural e decodificar o significado no processo de identidade. A análise desse estudo se baseia nos princípios da antropologia, salientando os parâmetros do pensamento complexo, e nos princípios da música. A metodologia do trabalho se norteou no empirismo em contraponto à fundamentação teórica. A multiplicidade de olhares permite a todos uma percepção individual do mesmo objeto. Sendo assim, o resultado apresentado não é conclusivo e definitivo, mas uma análise e percepção de um músico/antropólogo.

3 – Práticas Culturais da Banda da Sociedade Musical São Caetano

Manuela Areas Costa

Este trabalho propõe uma investigação sobre a banda da Sociedade Musical São Caetano da freguesia de São Caetano (atual Monsenhor Horta) entre o período de 1890 a 1940. Para tanto, partimos do pressuposto de que as práticas musicais se inserem no plano das práticas culturais e através delas podemos compreender as manifestações de uma determinada sociedade em um período histórico determinado. Assim, nos últimos anos a música passou a ser compreendida num contexto cultural amplo, que vai além da dicotomia do erudito e do popular. Debates metodológicos como este vem ampliando o cruzamento entre o campo da história e da música. Considerando a existência de uma multiplicidade cultural e de configurações sociais que se articulam no solo “móvil”, a música também pode ser vista como multifacetada e repleta de conflitos e diálogos sociais.

4 – Causos: Diversão, Devoção e Sociabilidades no mundo rural.

Carolina do Carmo Castro

O resgate histórico de uma sociedade é um meio pelo qual, se conserva a identidade de um povo. Em culturas orais, as características socioculturais são preservadas por meio de costumes e das histórias contadas entre gerações. Com a intenção de resgatar a cultura sertaneja goiana por meio da oralidade, é que proponho analisar os causos de Geraldinho, um sitiante de Bela Vista de Goiás, que pelo seu modo de falar, caracteristicamente sertanejo, prendia a atenção do público com os seus divertidos causos. A História Cultural abriu várias possibilidades para a análise da cultura popular e seguindo essa proposta, nota-se que os causos apresentados por Geraldinho, além da linguagem caipira, são depositários das práticas e representações da cultura rural em Goiás, sendo possível compreender aspectos da mentalidade da cultura popular dos homens e mulheres dos séculos passados.

5 – Fragmentos e Memórias da Dança em Goiás: Encontros, confrontos e conquistas

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Este estudo teve como origem o desafio de resignificar uma história de relações entre a dança, a sociedade, a cultura e a educação. Nasceu de depoimentos coletados durante pesquisa de campo em Santa Cruz, pequena cidade do estado de Goiás. Desvelamos um acervo de danças quase esquecidas, sem registros oficiais, fontes documentais ou fotográficas. Partimos por buscar diferentes possibilidades, bem como, elaborar outros mecanismos para reconstrução das relações constituídas, as danças e suas histórias. Para tal trabalhamos na perspectiva da história oral reconhecendo o narrador e sua memória. Nossos encontros e trocas detonaram formas diversas de apropriação, entre o fazer e o saber, bem como, se deram de forma sofisticadas e polissêmicas. Nosso referencial teórico dialogou com diversos autores, entre eles Alessandro Portelli, Olga Von Simson, Walter Benjamin, entre outros.

6 - A "Verdade" de Stanislavski e o ator criador: Elos perdidos na tradução ao português da obra A Construção da Personagem.

Michel Mauch e Robson Corrêa de Camargo

Constantin Stanislavski (1863-1938) foi um grande encenador e ator russo e soviético. Suas análises estão em quatro livros, traduzidos inicialmente, ao inglês por J.J Robbins (/Minha Vida na Arte-/1925) e Elizabeth Hapgood (/A Preparação do Ator-/1936; /A Construção da Personagem-/1949 e /A Criação de um Papel-/1961)/. Estes se transformaram em fontes das traduções ao português (1956) e a outras línguas ocidentais. Cotejando a tradução ao português de /A Construção da Personagem /e outra ao espanhol (traduzida ilegalmente do russo, Quetzal, 1970) notam-se, na tradução ao português, omissões de fragmentos, parágrafos e até capítulos inteiros que impedem a compreensão de sua obra, conceitos, metodologia e da prática do teatro russo no ocidente. Uma delas é a utilização, em seu teatro, entre as décadas de 1920 - 1930, e de maneira peculiar, das teorias e práticas do músico e pedagogo Émile Jacques-Dalcroze (1865-1935). Dalcroze é um dos expoentes da pedagogia sensorial e da atividade prática como eixo do conhecimento artístico. Portanto, altera-se profundamente o entendimento usual da metodologia e das ações físicas no processo de trabalho do diretor russo. Este trabalho discute omissões que impediram a percepção precisa do teatro de Stanislavski, no século XX e no ocidente.

7 – QUE VIMOS É O QUE QUEREMOS: TRABALHO, COMUNIDADE, COMUNHÃO NO TEATRO.

Maria Ângela de Ambrosio - UFG

Esta comunicação tem origem na pesquisa de campo realizada em Santa Fé de Goiás, em junho de 2009. Esta pesquisa de campo fez parte da disciplina Oficina de Espetáculo VII por mim ministrada, na Escola de Música e Artes Cênicas da UFG. O objetivo da pesquisa de campo com os estudantes foi buscar elementos corporais para composição cênica do espetáculo de rua, por meio do intercâmbio sócio cultural com os moradores daquela cidade. O objetivo desta comunicação é trazer os componentes socioculturais observados na organização do trabalho da mulheres da Associação de Mulheres de Santa Fé que assemelham-se à base sob a qual busca-se erigir as performances teatrais contemporâneas. O sentido de comunhão, a organicidade do trabalho, a dilaceração do tempo, o envolvimento, a disponibilidade e a presença das mulheres para com o trabalho a ser realizado (produção de farinha e povilho) coadunam com uma perspectiva da cena contemporânea. Em última instância, meu objetivo é sugerir que os auspícios estéticos da cena contemporânea encontram fundamento na cotidianidade não só como fonte de pesquisa estética, mas também no modo como se dá a constituição da organicidade deste cotidiano. Para tanto, pretendo trazer para reflexão o caráter comunitário e vital da arte teatral a partir do Teatro de Antonin Artaud; questões da cultura e performances culturais da perspectiva da questão do corpo na contemporaneidade

8 - Preta é a cor que cobre todas as outras: Os Bailes Black em Goiânia

Allyson Fernandes Garcia

A partir do processo de urbanização acelerado que passou o Brasil na década de 1960, os bailes serão um dos poucos lugares de lazer para a juventude urbana periférica. Em Goiânia, os bailes foram realizados em casas, centros comunitários, associações de moradores, em boites e principalmente na rua. Enquanto ação social, a festa possibilita a construção de uma esfera pública de circulação de

idéias, de consumo e lazer. Ela contribui na construção da auto-realização individual e coletiva da população negra. A festa é o momento de aparecer com o melhor traje, dançar com desenvoltura e maestria. Transvalorizando o estereótipo o corpo passa de objeto a agente da cultura. Nosso intuito aqui será o de demonstrar como tais práticas contribuíram para tradução e reprodução da cultura hip-hop. Fator que possibilitou a emergência da juventude negra enquanto protagonista de sua história marcada pelas lutas por reconhecimento desenvolvidas através da arte produzida por eles.

Mesa 14/10/2009

Coordenação

Robson Corrêa de Camargo EMAC/UFG

e-mail: robson.correa.camargo@gmail.com

1 – Cici Pinheiro: Vida, História e Arte. Uma atriz do Teatro Goiano.

Belisa Monteiro

O trabalho consiste em investigar a carreira da teatróloga Cici Pinheiro (1929-2002) assim como suas possíveis influências no teatro goiano. Além dos palcos, Cici trabalhou no rádio, na televisão e no cinema atuando, dirigindo e produzindo peças teatrais, radionovelas ou telenovelas. A atriz também trabalhou em São Paulo no início da década de 50 no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e atuou em peças dirigidas por Augusto Boal e Walmor Chagas. Cici Pinheiro guardou todo o seu arquivo pessoal datado de 1947 à 1992. Este é composto por notícias sobre as peças que atuou ou dirigiu na época, fotos, cartas, folhetins, roteiros de peças teatrais, arquivos de áudio com a importante trilha sonora do espetáculo Gimba, de Gianfrancesco Guarnieri (além do projeto de cenário e cartaz da peça) e documentos da Companhia de Teatro Cici Pinheiro. Com a metodologia da pesquisa documental e entrevistas estruturadas foi traçado um quadro cronológico dos trabalhos realizados pela atriz, inclusive a catalogação de arquivos que ainda não foram registrados no currículo de Cici, entre eles, documentos sobre a peça Deslumbramento (1954), peça que marcou o primeiro beijo nos palcos goianos e A Farsa da Esposa Perfeita (1959) encenada no Teatro de Arena de São Paulo, peça que ganhou repercussão internacional ao ser noticiada em um jornal alemão.

2 - Entre Lembrar e Inventar: Performances da Mentira entre contadores de “causos”

Luciana Hartmann - UNB

Na região da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai os contadores de ‘causos’ utilizam a mentira como dispositivo para suas performances. Sua legitimidade como narradores está relacionada a manipulação mais ou menos hábil da mentira, articulada, paradoxalmente, com a idéia de preservação da memória cultural local. Esta comunicação expõe como a memória dos contadores se articula com os processos de seleção e transformação dos fatos e eventos vividos, ou seja, como se constituem culturalmente o esquecimento e a mentira e como a análise destes é especialmente iluminada pelo estudo das performances narrativas. Estas questões serão abordadas a partir de observações oriundas de pesquisa etnográfica realizada na região. Depois de uma pequena introdução sobre o papel do

narrador como autor, e de sua importância na transmissão e (re)criação da memória do grupo, serão analisados estudos de caso que permitem verificar como, na prática, os fatores acima mencionados participam da constituição das tradições orais da fronteira pampeana.

3 - Lev S. Vygotsky e o teatro: Revelações

Edlucia Robelia Oliveira de Barros

Este projeto de pesquisa busca investigar as possíveis relações de Lev Semenovitch Vygotsky com o Teatro e as suas contribuições teóricas para a prática teatral. Para tanto, será feito estudo bibliográfico e análise das obras, em português e espanhol, deste psicólogo bem como de seus investigadores por meio de fontes secundárias (livros, dissertações, teses, artigos, etc.), verificando as perspectivas do pensamento do autor em relação ao drama. Devido o fato de Lev. S. Vygotsky ter contribuído para os diversos campos do conhecimento como a arte, mas a produção acadêmica acerca de suas teorias no Brasil, ser na maioria, voltada para assuntos da psicologia, educação e lingüística, e os trabalhos da área teatral, encontrarem-se em número irrelevante. Assim, percebo a necessidade de estudar este autor na ótica do drama, para que o teatro também possa fazer maior uso de suas contribuições. Estando em fase inicial, apresento os primeiros resultados desta averiguação.

4 – Tradições distintas, FestaS de Santo Diversas: O Candomblé Goiano em foco

Clarissa Adjuto Ulhoa

De acordo com Reginaldo Prandi (2005), a religião não consiste apenas em parte constitutiva da cultura. Trata-se, antes, de uma fonte de abastecimento axiológico e normativo desta última. Sendo assim, para se compreender a cultura afro-brasileira, de modo geral, pensar as religiões de influência africana torna-se um importante pré-requisito. Entre elas, destaca-se o candomblé. Nessa direção, a presente comunicação pretende se focar nas chamadas Festas de Santo desta religião, cerimônias rituais e públicas dedicadas aos orixás. Desta maneira, deseja-se, de forma comparativa, apresentar algumas semelhanças e diferenças entre duas festas de dois terreiros de candomblé goianos: o Ilê Axé Omi Bagtô Jegedé, localizado em Águas Lindas de Goiás, e o Ilê Axé Iba Ibomin, localizado em Goiânia. Estes terreiros se auto-identificam com distintas nações/tradições de candomblé, o que gera, como se verá, interessantes diferenciações na configuração de suas Festas de Santo

5 – Festa Apoteótica: A comemoração do centenário de Terezina no discurso Oficial Piauiense, em 1952

Eliane Rodrigues de Moraes

A comemoração do Centenário de Teresina acompanha uma vertente dominante de uma tradição cultural, típica do século XX, que foi marcada pelas idéias de progresso e modernidade. Hoje, esse evento, pode ser lembrado como um feriado a mais no calendário dos teresinenses, mas o de 1952 foi organizado para ser um marco simbólico da história piauiense. Os trâmites burocráticos relacionados à organização do evento expressam um esforço nada comum para que as expectativas em torno das festividades se concretizassem. Nesse sentido, a intenção dessa comunicação é analisar, historicamente, como foi à atuação do poder público piauiense na produção das festividades do Centenário de Teresina, observando principalmente as idéias propagadas e a importância da

comemoração. Para a construção desse texto utilizamos fontes coletadas no Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito.

6 – Um Olhar que Fica: A Filmagem da peça Luas e Luas como Fonte de Pesquisa.

Ana Paula Teixeira

A filmagem como documento na pesquisa em história, suas contribuições e limitações são questões cuja reflexão foi motivada por discussões realizadas durante o curso de Historiografia, do Mestrado em História da Universidade Federal de Uberlândia. Busco aqui refletir sobre essa forma de registro, considerando que seu objeto é uma obra teatral, a peça “Luas e Luas” do Grupo Zabriskie da cidade de Goiânia. Tais reflexões implicam em considerar que o momento de surgimento da filmagem como recurso de registro coincide com um período de ricas discussões sobre a pesquisa em história, seus objetos, documentos, objetivos e metodologias. Se olhada diante da obra teatral, a filmagem permite o registro de inúmeros aspectos que se perdem em fontes impressas e sonoras, ao mesmo tempo, consiste em uma representação da obra que deixa escapar sutilezas do aqui/agora do teatro. São tais questões que pretendo abordar, percebendo como filmagens de peças podem contribuir com a pesquisa e a reflexão sobre o fazer teatral.

7 – A Paixão Vilaboense no Século XIX

Ana Guiomar Rego Souza

Esta comunicação tem como objetivo relatar os resultados finais da investigação sobre a Semana Santa da cidade Goiás (antiga Vila Boa), por mim desenvolvida no Doutorado em História Cultural da UnB. Trata-se de abordar a referida manifestação como prática discursiva articuladora de diferentes campos de produção, caracterizada por uma retórica teatral e dionisíaca que remete à configuração barroca das festas-espetáculos, se consubstanciando em representação de projetos políticos e sócio-culturais. A tese defendida é que diversas dimensões da sociedade vilaboense nos oitocentos aparecem condensadas nas celebrações do Mistério Pascal. Assim, múltiplas paixões humanas são encenadas na coreografia processional. Buscando identificar as linhas de força que atualizaram a Semana Santa da cidade de Goiás no século XIX, são abordadas questões ligadas aos conflitos entre catolicismo devocional e eclesiástico, às tensões entre tradição e mudança, à validação de poderes e privilégios representados pelas lutas simbólicas travadas entre diferentes grupos no espaço hierarquizado das procissões. Analisa-se igualmente o aparato cênico, visual e musical que caracteriza a Semana Santa como festa-espetáculo de perfil barroco a partir da articulação texto e contexto.

Mesa 14/10/2009

Coordenação

Marcio Penna Corte Real - FE/UFG – e-mail: mpcortereal@yahoo.com.br

1 - Gênero musical choro: Implicações com três diferentes momentos de construção simbólica da nação brasileira.

Magda de Miranda Clímaco

Esse trabalho, que teve como principal fundamentação teórica Mikhail Bakhtin, Roger Chartier e Sandra Pesavento, possibilitou a abordagem do gênero musical choro como prática discursiva, como matriz cultural na sua capacidade de atualização constante, de evidenciar sempre novas representações culturais, de trazer na sua base uma polifonia de vozes: o diálogo com diferentes dimensões culturais e temporais, com o atual e com o residual, com a memória. Uma prática musical híbrida, representativa da cultura brasileira, uma prática significativa e sempre re-significada, implicada com processos identitários, que interagiu intensamente e de forma peculiar com o Rio de Janeiro do início do século XX, com as três primeiras décadas de Brasília e com a cidade de Brasília pós-moderna, com três diferentes momentos, portanto, de afirmação de uma circunstância de modernidade que teimava em atrelar o moderno ao nacional, em acirrar o diálogo do local com o global. Interagindo de forma peculiar com esses três diferentes momentos de construção simbólica da nação brasileira, ajudou também a evidenciar o processo em que a capital federal pode ser percebida como cidade/país que, num viés metonímico, é capaz de representar o país.

2 - Festas de Reis em João Pinheiro (MG): Performance, Memória e Rito, tríade (re)construtora da identidade dos foliões.

Maria Célia da Silva Gonçalves

Serão apresentadas, neste trabalho, reflexões no âmbito da História Cultural, com objetivo de investigar como a Teatralidade e a Performance Ritual da Folia de Reis escrevem as memórias ligadas à religiosidade dos foliões do município de João Pinheiro-MG. Participar das Foliadas de Reis implica sair do cotidiano e viver o contexto da partilha, do encontro, por meio do ritual da festa. A performance dos foliões apresenta uma linguagem que faz surgir as mais diversas leituras e interpretações. A festa é um lugar de memória coletiva, em que a identidade de cada um se constrói/reconstrói intermediada pela arte popular. O corpo do folião é lúdico e também um corpo ritual, sacralizado, que sabe o valor da religiosidade repassada de geração a geração por meio da oralidade. A cada apresentação, esses conhecimentos são reinterpretados, (re)significados e, assim, preservam a memória coletiva e a tradição deste povo. O emprego das técnicas etnográficas se justifica por acreditar que o historiador cultural deve mergulhar no universo pesquisado, buscando muito além do ver e vivenciar as práticas culturais de seus narradores.

3 – Danças, Corpos e Metáforas: Liminaridade e Performance Cultural entre os Kalunga.

Augusto Rodrigues da Silva Junior

Dentre as manifestações populares da Comunidade Quilombola Kalunga (Goiás) predominam a força performática e a diferença como marcas identitárias. Na dança e música denominada Suça (Sussa), performada nos folguedos, práticas religiosas, ou fora da comunidade, (a)presentam-se ritmos, expressões corporais e a livre recriação de costumes luso-afro-brasileiros ao longo da história. Assim,

os sons e gestos dos negros, nesse contexto sócio-histórico de diversão e reencontro, apontam para a peregrinação como um processo onde símbolos religiosos e performances culturais abundam. Uma vez que a festa acontece em um dos Vãos de mais difícil acesso, a dança, ao pé do Mastro do Divino Espírito Santo, substitui o dever do peregrino pela alegria do folguedo. Alegria que, performativamente, revela características rituais e práticas culturais que se definem por meio de uma estrutura organizacional que pode ser mapeada através de sua dinâmica física específica e de sua encenação. A partir das idéias de drama social, metáfora ritual e liminaridade de Victor Turner, pretende-se analisar a dança, especificamente no festejo, como um ato social liminar, metafórico e metonímico de importante representação cultural e memorialística.

4 – Danças Teatrais em Goiânia: Uma Perspectiva Construída a Partir da Imprensa (1940-1960)

Rejani Bonomi Schifino

Este trabalho procura fornecer uma perspectiva diferenciada de compreensão a respeito de como as danças teatrais adquiriram a atual projeção que possuem na vida cultural de Goiânia. Com este intento, utilizou-se como fontes de pesquisa as notícias publicadas sobre dança na imprensa goiana e goianiense entre os anos de 1937 e 1969, as representações historiográficas selecionadas sobre Goiás que foram publicadas a partir da década de 1970 e os documentos que compõem o acervo particular de pessoas e estabelecimentos vinculados ao universo das danças cênicas na cidade para que, desta maneira, fosse possível escapar ao senso comum estabelecido a partir da década de 1970 de que as danças encenadas só tiveram a presente possibilidade de expansão e consolidação na cidade a partir da década anteriormente referida. A leitura e análise das fontes selecionadas demonstraram que o crescimento e conseqüente consolidação de tais danças na cidade não é um fenômeno tão recente quanto se imagina, sendo que esta constatação interfere diretamente não só na memória de história da dança que se construiu e que se perpetua entre os goianienses, mas também no próprio entendimento da sociedade local sobre aquilo que sempre foi considerado como dança, desde meados do século XIX até os dias atuais.

5 - Tribos Musicais Jovens – Performances no Espaço Urbano

Nathalia Raggi

Busca-se apresentar o universo cultural de “tribos musicais juvenis”, nas quais os sujeitos, muitas vezes atuando como seus próprios produtores e gestores, buscam demarcar uma identidade juvenil (individual e coletiva) e criar espaços próprios de representação e identificação através de práticas, símbolos e rituais. Os grupos culturais juvenis, também denominados “tribos”, são espaços de socialização e formação identitária, nos quais a música atua como elemento central na edificação de suas múltiplas dimensões como ser social. Cabe dizer que a música é neste trabalho entendida não apenas como um reflexo dos sujeitos, dos povos e das culturas, mas sim como produtora dos sujeitos, podendo criar experiências diversas. Deste modo, através de entrevistas, registros e aproximações com jovens de distintas “tribos musicais”, pôde-se constatar a importância que a música assume nos processos de identificação dos jovens, bem como nas diferentes maneiras pelas quais criam e recriam seus grupos de pertencimento e amizade e incorporam características e práticas culturais atreladas a determinadas preferências musicais.

6 – A Influência da Mídia no cotidiano Musical de cantores infanto-juvenis e professores de canto na cidade de Goiânia

Denise de Almeida Felipe

O cotidiano musical da cidade de Goiânia vem mostrando uma nova face com um visível aumento de apresentações, concursos e shows envolvendo crianças e adolescentes cantores. Analisando esse fato pude perceber que programas como Raul Gil e Esta Gente Inocente tiveram um papel relevante nessas mudanças. Com seus concursos e apresentações envolvendo essa faixa etária, não só ditaram novos padrões para a performance musical cantada, quanto aumentaram a procura por profissionais que trabalham a voz cantada infanto-juvenil, influenciando assim, também, esses profissionais que antes do evento trabalhavam tradicionalmente a voz solista adulta. É meu objetivo, portanto, nessa comunicação, analisar essa influência no cotidiano musical dos cantores infanto-juvenis e professores de canto na cidade de Goiânia.

7 – Representações culturais e resistência: um estudo da atuação do teatro em Goiás no século XIX.

Ana Carolina Passos Aun – Gestão Turística – CEFET/GO

O estudo de performances culturais, por meio de suas representações sociais, pressupõe uma compreensão dos fenômenos culturais em seus processos simbólicos, ou seja, naqueles movimentos que compõem universos de percepção, identificação e reconhecimento social. O teatro como uma arte dramática e expressiva da natureza humana faz parte das performances culturais. Por meio dele, é possível ler as representações e sensibilidades de uma sociedade mineradora em transição, suas resistências e permanências culturais, seu caráter de vanguarda numa sociedade ruralizada e marcada pelo isolamento. Em que medida, por meio do teatro, pode-se ler as composições sociais que envolvem a sociedade sertaneja em Goiás? Quais as implicações políticas de suas práticas cotidianas? Esta pesquisa investiga estas questões. Além da bibliografia pertinente, utilizaremos como fonte, o acervo dos principais jornais do século XIX em Goiás que estão sistematizados em arquivos como o IPEHBC – Instituto de Pesquisas Históricas do Brasil Central e o IHGG – Instituto de Pesquisas Históricas do Brasil Central, além de arquivos existentes na antiga capital do Estado, a cidade de Vila Boa, atual cidade de Goiás.

8 - Percursos Interativos: Arte Comunitária na Coréia do Sul

Maria Julia Pascali

O teatro enquanto conhecimento, com seu integrado e flexível quadro de linguagens (cenário, figurino, música, interpretação, dança e história) tem sido aplicado em experiências interativas junto a várias comunidades. Neste encontro estarei apresentando sete jornadas interativas desenvolvidas junto a uma comunidade rural na Coréia do Sul (em Munmak, Wonju), incluindo crianças, adultos e artistas. O “idioma” que nos uniu se originou nas proposições criativas que surgiram de minha observação e interação com a cultura local. Desenvolvemos atividades cênicas integradas e coletivas nos campos da preparação corporal, dança, mímica, música, desenho, foto, vídeo e instalação.

Mesa 15/10/2009

Coordenação

Marcus Mota – UNB/Robson Camargo - UFG

1 - As Musicalidades nas Rodas de Capoeira: Canjiquinha, Bimba, Pastinha, Waldemar.

Marcio Penna Corte Real - FE/UFG – e-mail: mpcortereal@yahoo.com.br

O trabalho apresenta parte dos resultados da tese de doutorado, intitulada as musicalidades das rodas de capoeira. A pesquisa tomou como aporte teórico-metodológico a sociologia da cultura bordieusiana, consubstanciada por conceitos como campo, habitus e capital simbólico. Focalizou as relações de saber e poder constituintes de contextos interculturais no universo simbólico da capoeira. Particularmente, este trabalho toma como base a discussão das práticas de educação musical não-formal, na capoeira, analisadas na perspectiva da interculturalidade, uma vez que as mesmas constituem dinâmicas de encontros e confrontos entre os agentes da capoeira. Serão enfatizadas aqui as contribuições dos mestres de capoeira, Canjiquinha, Bimba, Pastinha e Waldemar para a constituição de diferentes práticas de musicalidades, ainda hoje presentes no campo cultural da capoeira. A reflexão visa a contribuir para análise dos saberes desenvolvidos por educadores em cenários de educação não-formal, como é o caso da capoeira.

2 - Redefinição do conceito de Teoria e implicações para a metodologia de estudo de processos criativos

Marcus Mota

Em recentes abordagens que partem da interação entre Estudos Clássicos e Estudos da Performance, há em curso uma redefinição da atividade da 'Theoria' a partir do contexto de sua utilização na antiga Heláde, demonstrando que o conceito abarca uma diversidade de experiências que vão desde o ato de participar de uma procissão religiosa até turismo e reflexão filosófica. Um caso particular das 'atividades teóricas' reside na constituição de uma delegação de representantes de uma cidade que partia para outra com o objetivo de acompanhar festivais religiosos. /Theoria/ é a peregrinação, a viagem para o exterior, na qual o viajante se dirigia do conhecido para o não familiar, para, in loco, testemunhar e interpretar os eventos ou espetáculos lá apresentados, e retornar com um relato sobre o que viu,ouviu e entendeu. Esta matriz cívico-religiosa da /Theoria/ desdobra-se em uma série de habilidades, funções e práticas, em um roteiro de atividades que, melhor evidenciado, contribui para se esclarecer os modos de participação e produção de conhecimento em processos criativos.

3 – Forró Eletrônico e Forró universitário: Duas Práticas Musicais analisadas sob a perspectiva da performance

Adriana Fernandes

Este é um trabalho comparativo da música de forró praticada por estudantes de classe média não necessariamente ligados à cultura nordestina, e por nordestinos migrantes ou não, analisada sob o ponto de vista das teorias da performance e do hibridismo, tentando entender a dinâmica das duas manifestações em relação com o arcabouço cultural no qual estão inseridas. A análise parte da observação de apresentações ao vivo e também da audição comparativa de gravações apontando para os elementos comuns e contrastantes e tornando claro o papel da mídia e da indústria cultural na formação de cada estilo. O objetivo maior do trabalho é aprofundar os estudos sobre performance e hibridismo contribuindo para um melhor delineamento da amplitude destes conceitos, checando sua eficácia esclarecedora em contextos específicos.

4 - Performance Artística Como Metáfora Teórica.

Heloisa Selma Fernandes Capel

Esta comunicação discute como a performance artística pode servir como meio de discussão dos princípios da história cultural. Expressões e concepções presentes nas artes cênicas e nas artes plásticas permitem mapear os fundamentos da história cultural, e seus caminhos de investigação. Dá especial destaque às opções artísticas definidas no material de divulgação do curso de história cultural na Universidade Católica de Goiás, seus usos imagéticos e textuais de obras renascentistas e contemporâneas para falar de representação, mimese, construção, montagem e ficção. Em relação com o material e projeto do curso, ministrado entre os anos de 2004 e 2008, o material artístico advindo das pinturas de Jan Vermeer, Pablo Picasso e René Magritte, foram apropriados pela comunicação e propaganda do projeto como ícones da proposta. Ao propor o tema, a comunicação estimula o exercício de auto-reflexão historiográfica, suas representações e práticas de atuação no ensino de história.

5 - Antropogafia, Mestiçagem, Identidade e Nacionalismo no Cobra Norato do Giramundo Teatro de Bonecos.

Luciano Oliveira

Cobra Norato, montagem do Giramundo Teatro de Bonecos, estreada em Belo Horizonte, em 1979, é um espetáculo repleto de representações culturais e de personagens que povoam o imaginário social brasileiro. Ele traz, por exemplo, figurações de elementos e criaturas da nossa cultura, tais como canções, danças, lendas, mitos, crenças religiosas e regionalismos — como as Cerâmicas do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Além disso, o Giramundo utilizou o poema homônimo de Raul Bopp (1898-1984) quase que integralmente, ou seja, o espetáculo representa, assim como o poema, elementos conformadores de uma cultura “genuinamente” brasileira. Dadas essas características, objetiva-se, com esse artigo, apontar, analisar e confrontar — com os processos de criação de certos bonecos de Cobra Norato —, algumas categorias conceituais caras à História e à História Cultural. A

saber: representação e identidade cultural, antropofagia, imaginação social, nacionalismo e mestiçagem. Para tanto, observar-se-á como o grupo mineiro se apropriou das cores nacionais, das linhas, dos regionalismos, dos causos e histórias, e, ademais, da iconografia de criaturas da cultura popular brasileira para a construção estética e plástica desses bonecos.

6 - A roda a engrenagem e a moeda. Vanguarda e espaço cênico no teatro de Victor Garcia no Brasil.

Prof. Newton Armani de Souza – EMAC/UFG

O nome do diretor argentino Victor Garcia (1935/1982) é geralmente associado a experimentações do teatro de vanguarda no país. A convite de Ruth Escobar, ele veio ao Brasil, onde encenou, entre 1968 e 1974 os espetáculos: Cemitério de Automóveis, de Fernando Arrabal, O balcão de Jean Genet e Autos Sacramentais de Calderón de la Barca. A pesquisa permitiu revisitar a relação de Garcia com a vanguarda, estudando a concepção de espaço cênico do diretor nessas montagens. No entanto, o processo revelou que os espetáculos de Victor Garcia, embora tenham marcado época, eram desprovidos dos elementos contestadores ou revolucionários inerentes às vanguardas. Esse argumento tem por base a demonstração de que a vinculação às vanguardas, só teria lugar se o diretor buscasse, de fato, formas alternativas de produção e disseminação de sua obra – o que não correu. De acordo com esse raciocínio, Garcia teria alcançado grande impacto formal pela engenhosidade e pelo aspecto monumental de suas encenações, mas seu caráter vanguardista seria reduzido, pois as soluções pelas quais buscou criar impacto sobre a platéia continuaram seguindo os interesses capitalistas em relação ao produto artístico, questão que esteve presente nas concepções teatrais de artistas como Bertolt Brecht e Chico Buarque de Holanda, não apenas como forma, mas também como conteúdo. Nossa comunicação, portanto, tem por objetivo confrontar a trajetória de Garcia, no Brasil, como concepções artísticas e teóricas relativas ao teatro e ao artista inseridos no mundo da mercadoria.

7 - Religiosidade nas Canções de Luiz Gonzaga

Valeska Barreto Gama

A música no Brasil ocupa um lugar privilegiado na história sociocultural, por se tratar de um país cheio de ritmos e sons vindos de toda parte e que se encontram nessa grande hibridismo cultural. O trabalho aqui apresentado faz parte das primeiras leituras de um projeto de pesquisa, que tem por objeto de estudo e fonte, as canções do músico Luiz Gonzaga, que apresentam o tema “religiosidade”. A pesquisa tem o objetivo de, tentar perceber como as canções revelam as representações da religiosidade Nordestina. Como a fé, as formas de louvar, de pedir, a relação com o sagrado são apresentados pelo compositor? A religiosidade é um tema muito recorrente nas músicas de Gonzaga, remetendo a um lugar onde se louva através da música, se pede e paga promessas. Essa religiosidade única, que foi atribuída ao nordestino, cantada e contada pelo artista, nos remete a um povo onde a religião e os santos fazem parte do dia-a-dia, estão presentes em todos os lugares, de todas as formas. A música conciliava formas modernas com conteúdos tradicionais.

8 – Presença dos Pianeiros no Cotidiano do Rio de Janeiro: Finais do Império aos anos 30 da República.

Robervaldo Linhares Rosa

Esta proposta de comunicação tem como objeto os pianeiros, músicos que se utilizavam do piano para veicular a confluência dos gêneros europeus (em voga nos salões da elite) com os gêneros nacionais, (em voga nas salas e terreiros da “camada” pobre), através de uma música de entretenimento pago voltada para os urbanitas. A cidade do Rio de Janeiro, entendida aqui como metonímia do Brasil, nos finais do Império aos anos trinta da República, é o cenário em que esses importantes cronistas musicais da época atuaram. Compreender esse momento histórico à luz dos pianeiros, levando em consideração seus “lugares de atuação”, a exemplo das confeitarias, dos bailes particulares, das lojas de música (executavam as peças escolhidas pelos clientes, auxiliando-os na compra das partituras), das salas de cinema (tanto as de espera, como as de exibição do filme mudo, para o qual eles interpretavam a trilha sonora ao piano), é dar visibilidade às representações que se teciam na cotidianidade de seus fazeres musicais e na ambiência de seus estilos de vida. Para tanto, focaremos o papel desses atores sociais como intermediários culturais, as articulações história/cidade, história/música, além da questão da autoidentificação conotativa pianeiros (por que não pianistas?), isto é, a identidade dos pianeiros.)

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Simpósio Temático 20: SABERES, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Coordenadoras:

Heloisia Selma Fernandes Capel (UFG/UCG)

Maria da Conceição Silva (UFG)

Sônia Maria de Magalhães (UFG)

RESUMOS

O USO DAS CRÔNICAS COLONIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: LIMITES E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.

Dra. Susane Rodrigues de Oliveira(UNB)

susanero@gmail.com

Esta comunicação apresenta uma discussão sobre os limites e possibilidades no uso das crônicas coloniais nas aulas de história do Ensino Fundamental. Trata-se de crônicas produzidas nos séculos XVI e XVII sobre a América Indígena Pré-hispânica e a conquista espanhola. A partir dos pressupostos da História Cultural e das novas exigências curriculares nacionais de formação para a cidadania crítica e respeito à pluralidade cultural, pretende-se discutir o uso destas crônicas como documentos históricos de pesquisa e reflexão sobre a construção das identidades, representações e relações étnico-raciais e de gênero na história.

CURRÍCULO E IDENTIDADE NO ENSINO SUPERIOR

José Calíope de Freitas Júnior(UNIVERSO)

caliopeh@gmail.com

A presente comunicação traz apontamentos de uma pesquisa em curso que aborda a história dos estudos sobre o currículo e expõe as implicações dos programas curriculares para a formação da identidade profissional no ensino superior. Neste quadro, destaca-se o envolvimento do currículo em relações de poder no processo de definição do que deve ou não ser ensinado. A educação é espaço de poder. Privilegiar o currículo é percebê-lo como vetor e balizador da formação pretendida pelo processo educacional vigente que não é neutro, mas que possui intencionalidade. Entender como o

poder no âmbito educacional circula e que resistências são suscitadas nesse processo é o questionamento que serve de pano de fundo para toda pesquisa.

ENSINO DE HISTÓRIA E A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Dra. Sônia Maria de Magalhães(UFG)

soniademagalhaes@yahoo.com.br

Esta comunicação propõe-se a refletir sobre a variedade de proposições que almejam um ensino de História mais significativo para a geração do mundo tecnológico, com seus ritmos diversos de apreensão do presente e seu intenso consumismo, o qual desenvolve, no público escolar, expectativas utilitárias muito acentuadas. No Brasil, as reformulações curriculares atuais refletem essas tendências, vinculadas aos interesses das políticas liberais, orientadas para as instâncias internacionais. De acordo com os currículos mais recentes, os conteúdos escolares correspondem à integração dos vários conhecimentos adquiridos na escola. Concebem como conteúdo escolar tanto os conteúdos explícitos de cada uma das disciplinas como a aquisição de valores, habilidades e competências que fazem parte das práticas escolares. As propostas de renovação dos métodos de ensino pelos atuais currículos têm de se articular às novas tecnologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações, pertencentes à “cultura das mídias”.

O LOCAL COMO SÍNTESE DE MÚLTIPLAS DETERMINAÇÕES OU O LOCAL TEM RAZÕES QUE O PRÓPRIO LOCAL DESCONHECE

Ms.Miriam Bianca Amaral Ribeiro(UFG)

mbiancaribeiro@yahoo.com.br

Este texto pretende discutir a produção do conhecimento sobre a realidade local, tratando as abordagens acadêmicas e pedagógicas sobre a investigação científica e o ensino da história local e regional, seus limites e possibilidades. Quando falamos em local e regional, estamos nos referindo às dimensões espaciais, históricas e culturais que se circunscrevem ao universo de contato mais direto da sociedade em que estamos inseridos, considerando local e regional como as dimensões municipais e estaduais / regionais que organizam o território brasileiro. Aqui abordaremos a produção do conhecimento histórico sobre o local na academia, o ensino do local e do regional na escola de ensino fundamental e as relações entre esses dois campos a partir da atividade docente e da formação do professor. Pretendemos, então, discutir o ‘localismo’ com que temos pesquisado e ensinado a história local e regional. Nosso referencial teórico para essa discussão é o pensamento marxista, a partir do qual construímos a idéia do local como ‘síntese de múltiplas determinações.’

SCRIPT, PERFORMANCE E DRAMA NA SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO SOBRE SABERES EXPERIENCIAIS

Dra. Heloisa Selma Fernandes Capel (UFG/UCG)

hcapel@gmail.com

A comunicação explora os saberes docentes experienciais em sala de aula: locais onde todos os outros saberes são reconstruídos e ressignificados. Sob uma perspectiva formadora, os preconceitos em relação à área de ensino e a valorização da teoria, acabam por provocar um desprezo em relação à

atividade prática do professor, sua performance em sala de aula. Como um ator em cena, o docente precisa ser preparado não só em seu script e repertório de conteúdo, mas para a atividade docente em seus aspectos comunicativos verbais e não verbais. Procedimentos discursivos didáticos associados à sua linguagem corporal, seu gestual, modulações de voz e ritmo, influenciam sua experiência e atuação em sala, elementos fundamentais para que o jogo do ensino-aprendizagem possa ocorrer.

OBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE NO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Ms. Edna Lima Siqueira (UFG)

ednalisi@hotmail.com

A proposta desta comunicação é discutir a questão da objetividade e subjetividade no conhecimento histórico sob o olhar da Filosofia Crítica da História e da Hermenêutica; considerando as noções de verdade, ciência e compreensão. Ressalta-se que a finalidade da Hermenêutica refere-se antes de tudo à compreensão de fenômenos históricos. Do ponto de vista da Filosofia Crítica da História demonstra-se que sempre que se trata da questão subjetividade-objetividade no conhecimento histórico aqueles que acusam a História de não objetiva tem como referência o paralelo com as ciências naturais; nesses termos o paralelo não faz sentido por considerar-se a História de natureza inteiramente diversa. Quando se levanta o problema da objetividade e subjetividade suscita-se também a questão da verdade da história, que por sua vez se vincula a da História como ciência; observa-se que a compreensão de um desses fenômenos constitui-se numa pré-compreensão de outro. Privilegia ainda as contribuições da Hermenêutica para as Ciências Humanas, especificamente no Ensino de História quando possibilita o diálogo entre os diversos campos do saber, sujeitos históricos, fontes, teoria e objeto constituindo novas práticas pedagógicas e de produção do conhecimento.

HISTÓRIA E CONCEPÇÃO DE VERDADE NA PROPOSTA DE REORIENTAÇÃO CURRICULAR - SEDUC/GO

Márcia Aparecida Vieira (UCG – SEDUC)

marciaaparecida.vieira@gmail.com

Este artigo analisa a concepção de verdade e história na proposta de Reorientação Curricular do Ensino Fundamental. Esta é fruto de discussões entre diferentes segmentos - equipe da coordenação do ensino fundamental, consultores, subsecretarias e professores - envolvidos no processo, culminaram numa proposta de ensino de história para a Rede Estadual de Educação. Tais considerações foram condensadas no caderno 3 da série Currículo em debate - Currículo e práticas culturais: área do conhecimento. O currículo adota uma postura contrária a história tradicional, que se aproxima do legado da escola dos Annales, enfatizando as diferentes temporalidades, seus conceitos, a história regional, local, a cultura e a identidade das populações. Portanto, as marcações de tempo não são mais o elemento norteador dessa disciplina. Dessa forma, a história consegue dialogar com as demais áreas do conhecimento quando prioriza os diversos saberes e experiências locais, as diferentes leituras de mundo, e as múltiplas aprendizagens.

JARDIM GOIÁS, A HISTÓRIA DO BAIRRO

Dra. Adriana Mara Vaz de Oliveira (UCG) / Dra. Elane Ribeiro Peixoto (UCG)

amvoliveira@uol.com.br / elanerib@hotmail.com

O Jardim Goiás é um bairro de Goiânia, criado em 1950. Seu plano, baseado em estudos de Francisco Prestes Maia, remete aos bairros homônimos de São Paulo. Lourival Louza, o empreendedor, não se empenhou para a ocupação imediata do bairro. Durante trinta anos, esse parcelamento, próximo ao centro, permaneceu com ocupação rarefeita, sendo seu maior proprietário o Sr. Louza. Uma curiosa relação estabeleceu-se entre o poder público e o dono do Jardim Goiás. Na década de 1970, áreas foram doadas para a construção do Estádio Serra Dourada, do Autódromo de Goiânia e de uma Escola de Líderes. No final dos anos de 1980, o intrépido fazendeiro construiu o primeiro shopping center da cidade, que garantiu o futuro do bairro por meio da abertura de avenidas e da construção de grandes superfícies de abastecimento. Nos anos 1990, o Jardim Goiás sofreu um boom imobiliário, Louza agiu com tirocínio, estabelecendo uma parceria com o AlphaVille Urbanismo, e construiu, nos seus limites, condomínios horizontais. Ao lado dessa ocupação, uma parcela do bairro foi apropriada ilegalmente. Assentamentos irregulares surgiram nos fundos de vale e nas áreas desocupadas. Esta pesquisa objetiva oferecer contribuições para o ensino de história da cidade, via a produção de material didático na forma de cadernos de bairro.

PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DAS CIDADES: ENTRE A HISTÓRIA E A GEOGRAFIA

Paracy Corrêa Neves (UEG)

paracycorrea@bol.com.br

Este trabalho é uma reflexão teórica que busca compreender a cidade como um acúmulo de bens culturais, a partir de suas representações, entendidas como parte da realidade. Para tal, propõe-se a interlocução com a Geografia, via a utilização de categorias tais como lugar, paisagem, território, região, natureza e sociedade consagradas nos trabalhos de Milton Santos. Em última instância, pretende-se revisar a própria história da ciência geográfica. Entender a questão desse modo amplia o ensino da disciplina.

O ACERVO CULTURAL DO MUSEU DE QUIRINÓPOLIS – GO: UMA IMPLICAÇÃO IDENTITÁRIA

Wanderleia Silva Nogueira (UEG)

wanderleiasnogueira@hotmail.com

Esta comunicação objetiva pesquisar as representações sociais dadas pelo acervo do Museu De Quirinópolis-Go, considerado como patrimônio histórico cultural. Essas representações foram formuladas por várias instituições e atores sociais, liderados por políticos locais, movidos por diversos interesses de natureza política, sócio-econômica e cultural. Considera-se o Museu uma produção simbólica, que oferece o testemunho dos bens materiais para a afirmação dessas representações. Desta forma, fundamenta as narrativas dos antigos moradores, contribuindo para a construção do “perfil identitário” local. Com esse estudo objetiva-se contrapor as memórias sociais da cidade àquela

oficializada pelo museu. Ressalta-se que instituições como o museu tem um papel fundamental no ensino formal da História.

ENSINO DE HISTÓRIA: DO PRESENTE PARA O PASSADO.

Alessandro Matos do Nascimento (UNIVAR)

alex@univar.edu.br

A História enquanto disciplina escolar têm na valorização da memória e da História dos educandos um de seus principais objetivos. A prática pedagógica dos docentes em História do ensino fundamental e médio, no entanto, nem sempre corresponde a este anseio teórico, ou seja, o de que os indivíduos saibam suas origens étnicas e culturais, para valorizarem-se e respeitem àqueles que são diferentes, culturalmente falando. Isto acontece por que o "fazer pedagógico" geralmente se confunde com o decorar e o reproduzir. Defendemos que o entendimento sobre a "vivência histórica" dos indivíduos em sala de aula, aconteça de forma dinâmica, lúdica e agradável, para tanto, as discussões devem partir do presente (consequência) para o passado (causa e transformação). O mediador/professor deve ainda, contextualizar as idéias que quer construir com os educandos, pois esta pode ser uma das formas agradáveis de ligar o hoje ao ontem. Assim propomos, uma discussão sobre os instrumentos e práticas didáticas que despertem a "curiosidade" dos jovens, e efetivamente construam o conhecimento histórico necessário, para a compreensão acerca do mundo nos mesmos.

A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE: O NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS (1930-2005)

Iracy Barbosa Pires (UCG)

iracypires@globo.com

Essa comunicação insere-se na discussão referente às veiculações etnocêntricas nos livros didáticos de História do Brasil, do Ensino Médio. Analisaremos os textos buscando referências aos negros e seus descendentes presentes nos livros, além de evidências de apresentação ou ocultação da participação dos africanos e seus descendentes na construção da cultura de nosso país, na formação da identidade e no envolvimento nos movimentos sociais. Entendemos que na construção da identidade nacional é necessário um conjunto de elementos que em consonância elaboram e fomentam a mesma. Um deles é o livro didático, elemento que vem sendo utilizado ao longo dos anos como reprodutores e transmissores de ideologias e do saber oficial, negando aos estudantes afro-brasileiros acesso às bases para os processos de construção de sua própria identidade e na maioria das vezes, cristalizando conceitos negativos e inferiorizados da pessoa negra, empobrecendo o relacionamento humano e limitando as possibilidades exploratórias da diversidade racial, étnica e cultural.

O ESPELHO DO ESPELHO OU AS DIFERENÇAS DAS VERSÕES

Wanderley da Costa Júnior (UCG)

wanderley-c-junior@hotmail.com

Este artigo apresenta duas obras que tratam de um mesmo evento histórico: a migração que ocorreu na década de oitenta no Brasil, apontando a saída de populações da região sul do País e sua chegada nas regiões do Centro-Oeste e Norte. Será apresentada a versão dos que saíram e aquela da população residente nas regiões de destino destes imigrantes, os estabelecidos. Objetiva-se demonstrar como o processo de ajuste dessas populações, mesmo em regiões distantes, apresenta traços semelhantes. A opção metodológica recai sobre estudos comparativos, para tal, escolheram-se dois textos: “Flores Comunidade Negra: Povoamento e Cultura agrária em Goiás”, de Heloisa Selma Fernandes Capel, e “Sulistas em Mineiros: a recriação da identidade”, de Sandra Mara D’Avila Sandri.

CULTURA GARIMPEIRA: UM NOVO OLHAR SOBRE OS CONCEITOS E O ENSINO DA HISTÓRIA NO VALE DO ARAGUAIA

Núbio Vicente da Silva (UCG)

nubiosilva@hotmail.com

Esta comunicação procura evidenciar como ocorreu o processo de construção da cultura garimpeira no Vale do Araguaia por meio do imaginário e suas representações, vislumbrando-as como uma nova forma de estudar a história da região. Com isso, aponta a problematização sobre as minorias culturais e uma forma diferente de coletar e interpretar as fontes historiográficas, o que possibilita conferir novos significados aos estudos a respeito da cultura popular.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Simpósio Temático 21: História e Cultura no Ocidente Medieval Coordenadores: Armênia Maria de Souza (UFG)

Renata Cristina de S. Nascimento (UFG/UEG)

Adriana Vidotte (UFG)

Terça-feira, 13 de outubro

14:00 h às 18:00 h

PENSAMENTO POLÍTICO MEDIEVAL: AS RELAÇÕES ENTRE OS PODERES ESPIRITUAL/SECULAR

José Antônio de Camargo R. de Souza (UFG)

Nossa intenção é discutir as idéias de três ideólogos importantes que participaram do debate político em fins da Idade Média, a saber, Marsílio de Pádua, Dom frei Álvaro Pais O. Min. e Guilherme de Ockham O. Min., não só porque suas vidas se entrecruzaram, mas também pelos fatos de terem debatido entre si esse tema e, em grande medida, terem chegado a conclusões diametralmente opostas, apesar de, em seus escritos, terem se fundamentado nos mesmos principais textos doutrinários, as Escrituras Sagradas e a Ética e a Política de Aristóteles. Analisaremos as respectivas formulações ou concepções em torno dos poderes espiritual e secular propostas pelos citados pensadores, de um lado, verificando com base em quais motivos, deveria haver uma subordinação de um sobre o outro e, ainda, de outro lado, examinando, porque, na esfera própria de competência, os dois poderes são autônomos.

ANIMAIS E SIMBOLOGIA CRÍSTICA NO BESTIÁRIO MEDIEVAL: O EXEMPLO DO LEÃO E DO UNICÓRNIO

Pedro Carlos Louzada Fonseca (UFG)

A comunicação constará de dois momentos. Num primeiro momento, aspectos característicos da gênese, evolução e ideologia da tradição dos livros bestiários da Idade Média, da sua importância

moral e doutrinária para o cristianismo medieval serão considerados numa perspectiva teórica e crítica. Num segundo momento da comunicação, será feito um exame analítico e interpretativo em relação a alguns animais que foram considerados nobres por seu destacado simbolismo cristológico, a exemplo do leão e do unicórnio. A comunicação será ilustrada com apresentação de figuras extraídas de manuscritos de alguns bestiários, procedendo-se a um estudo comparatístico da relação entre texto e imagem.

A CRUZADA COMO GUERRA JUSTA

Ademir Luiz da Silva (UEG)

Nesse texto será analisada a formação do modelo de cavaleiro templário ideal, erigida a partir, principalmente, das reflexões do abade cisterciense Bernardo de Claraval, autor da Regra original da Ordem e de uma apologia composta sob inspiração do conceito agostiniano de Guerra Justa. A *Jus bellicum* era entendida como uma versão sagrada da *Bellum romanum*, a guerra romana, a luta em defesa do modelo civilizatório do Império Romano, agora encarnado na nova Roma cristã, na qual a ética cristã substitui a *pax romana* e, conseqüentemente, o bispo de Roma, o Papa, passou a representar o papel anteriormente desempenhado pelo Imperador.

Palavras-chave: Cruzada, Templários, Guerra Justa

A CARTA FORAL DE BRAGANÇA

Flávio F. P. Filho (UFMT)

Nesta comunicação analisaremos, rapidamente, as Cartas Forais outorgadas pelos monarcas portugueses da Dinastia de Borgonha, pois esta prática foi usada desde o período Condal. Assim comentamos esse costume até o reinado de D. Dinis (1279-1325), que foi um dos monarcas que mais concedeu Carta de Foral, particularmente para a região Transmontana, nordeste do reino português. Essas Cartas visavam, sobretudo, fixar o homem a terra, mormente por se tratar de uma região de fronteira com o reino castelhano. Todavia nos centramos mais na interpretação do Foral de Bragança.

Dia 14/10/2009

14:00 – 16:00 h

A SEXUALIDADE FEMININA NO DISCURSO MÉDICO DE PEDRO HISPANO (SÉCULO XIII)

Catarina Stacciarini Seraphin (UFG)

Na Idade Média, o discurso acerca da sexualidade feminina estava presente não só em obras religiosas, mas também em textos filosóficos e tratados médicos, como o *Thesaurus pauperum* (Tesouro dos pobres) e o comentário sobre o *Viaticum* (*Questiones super Viaticum*), atribuídos ao físico e religioso Pedro Hispano (? 1205-1277). A partir da análise dessas obras médicas é possível perceber uma discussão acerca da sexualidade das mulheres, discussão influenciada por escritos clássicos e islâmicos. Temas como o aborto, a concepção, a esterilidade e o desejo erótico são abordados por Pedro Hispano de maneira clara e inovadora. Nesta perspectiva, o presente estudo busca discutir a

preocupação médica com a saúde feminina e perceber como a sexualidade das mulheres estava inserida no discurso médico medieval e como era concebida na cultura medieval do século XIII.

AS ATITUDES DO REI D. AFONSO V (1449-81) EM FAVOR DA NOBREZA E AS QUEIXAS APRESENTADAS EM CORTES: A PERMANÊNCIA DOS ABUSOS DA FIDALGUIA

Renata Cristina de Sousa Nascimento (UFG/UEG)

Os excessos da nobreza durante o governo de D. Afonso V só foram possíveis devido às omissões do poder central e aos abusos cometidos por parte da fidalguia que provocaram enormes conflitos entre os povos e os procuradores dos concelhos. As cortes, mesmo que estivessem longe de representar um retrato total do que se passava, eram, de certa forma, a imagem do vivido. Eram nelas que estes problemas se apresentavam ao rei. É nosso objetivo proceder à sua análise, não perdendo de vista que estas arbitrariedades se davam em favor da nobreza e, de forma geral, em prejuízo da centralização do poder.

SOBRE O PODER ECLESIÁSTICO: UMA ANÁLISE DO PENSAMENTO DE EGÍDIO ROMANO (1243-1247)

Kariny Penna Pinheiro (UEG)

A argumentação usada por Egídio Romano na defesa do poder papal é o objetivo central dessa comunicação, tendo como fonte a obra Sobre o Poder Eclesiástico, escrito entre o final do ano 1301 e agosto de 1302. Nesta obra o autor versa sobre a supremacia do poder papal em relação ao poder temporal, demonstradas por meio de quatro razões: primeiro, o pagamento de dízimo desta àquela, reconhecendo assim a dependência; segundo, a benção e sagração do rei pela autoridade espiritual; terceiro, a instituição do sacerdócio que precedeu o reino temporal e a quarta razão “no governo das coisas, o corporal ser regido pelo espiritual”. Para avaliar seu pensamento Egídio desenvolve uma teoria sobre o “domínio”. Domínio aqui deve ser entendido como a relação do superior para com o inferior; entre pessoas, denominada autoridade; entre coisas, posse. O autor em epígrafe vai além, trata não só da relação entre os poderes espiritual e temporal mas, contudo, da necessidade de “redefinir competências entre a autoridade religiosa supranacional e as autoridades civis nacionais que neste momento se afirmavam”.

A RENOVATIO CRISTÃ NA CORRESPONDÊNCIA DE PEDRO DAMIANO

Cláudia Regina Bovo (UFMT/Unicamp)

Pedro Damiano (1007-1072), monge camaldulense, foi um dos mais importantes articuladores do movimento que ficou conhecido pela historiografia como “Reforma Gregoriana”. Religioso de grande autoridade espiritual, desde 1043 acompanhou e, em boa medida, orientou as primeiras iniciativas reformadoras, especialmente por meio de sua produção epistolar. Nesse sentido, é nosso objetivo investigar em que medida a concepção de renovatio presente na correspondência de Pedro Damiano está atrelada à redefinição do papel da igreja na sociedade cristã ocidental e suas consequências para a reconfiguração do ambiente de domínio e atuação eclesiástica.

DIREITO E GÊNERO: RUI GONÇALVES E O ESTATUTO JURÍDICO DAS MULHERES EM PORTUGAL NA TRANSIÇÃO PARA A IDADE MODERNA

Giovanna Aparecida Schittini Dos Santos (Cepae/Ufg)

O reino de Portugal no século XVI pode ser considerado como um momento ímpar para a reflexão acerca das mudanças ocorridas na passagem do período medieval para a época moderna. No que diz respeito ao discurso sobre as mulheres, é possível perceber as multiplicidades de suas representações sociais, inseridas nos mais diversos tipos de obra, como os tratados morais, as cantigas e as obras jurídicas. Um exemplo deste último tipo é a obra do jurista Rui Gonçalves, intitulada *Dos privilégios e prerrogativas que o gênero feminino tem por direito comum e ordenações do Reino mais que o gênero masculino*, publicada em 1557 e dedicada à rainha D. Catarina de Áustria, regente em Portugal por ocasião da morte de seu marido, D. João III. Pretende-se, com base nesta obra, analisar o discurso jurídico português do século XVI em relação às mulheres, buscando identificar os pontos de intersecção entre gênero e direito presentes na obra de Rui Gonçalves.

15/10/2009

14:00 – 16:00 h

MEDICINA UNIVERSITÁRIA E PRESERVAÇÃO DA SAÚDE: A PASSAGEM DA TEORIA A PRÁTICA MÉDICA NO LÍBER DE CONSERVANDA SANITATE (SÉC. XIII)

Maria Dailza da Conceição Fagundes (UEG)

Este trabalho tem como propósito analisar os regimentos de saúde na Idade Média a partir de uma dupla perspectiva: a identificação das teorias médicas e filosóficas que fundamentavam essas obras e o seu papel prático como produto da medicina universitária. Os regimentos de saúde como o *Líber de Conservanda Sanitate* do físico português Pedro Hispano representam um gênero literário médico de caráter dietético destinado às pessoas sãs para que estas continuassem vivendo bem. Assim, se pretende relacionar a teoria fornecida pelo ensino universitário com a prática médica na sociedade através do estudo dos conselhos prescritos nos regimentos de saúde. A análise deste tipo de escrita comprova a existência no medievo de uma medicina de cunho preventivo preocupada em descobrir as causas das enfermidades para então preveni-las, mediante a combinação de exercícios, dieta alimentar, descanso, massagens, banhos e sempre observando as influências do meio ambiente e das emoções sobre a saúde do paciente.

O COTIDIANO DOS JUDEUS E CRISTÃOS NO REINO PORTUGUÊS DURANTE O SÉCULO XIV

Cleusa Teixeira de Sousa (Secretaria da Educação do Estado de Goiás)

Os judeus na Baixa Idade Média constituíam minoria étnico religiosa em Portugal, encontravam-se espalhados pelo reino e mantinham relações com todos os estratos sociais, desde o povo mais humilde, até os membros da nobreza e da família real. Nosso objetivo nessa comunicação consiste na análise do aparato legislativo contido no *LIVRO DAS LEIS E POSTURAS* e nas *ORDENAÇÕES*

AFONSINAS, bem como o estudo das comunas judaicas estabelecidas em Portugal, à partir do reinado de D. Dinis (1279-1325) como possibilidade de compreensão das complexas relações entre essas duas culturas

OS MAUS COSTUMES DOS REIS CASTELHANOS: OS PECADOS CONTRA A MORAL CRISTÃ SOB A ÓTICA DE UM FRADE FRANCISCANO DO SÉCULO XIV.

Armênia Maria de Souza (UFG)

Visamos nessa comunicação discutir os pecados imputados por Frei Álvaro Pais (1270-1349) a D. Afonso XI rei de Castela (1312-1350), no Estado e pranto da Igreja e no Espelho dos reis no tocante a má postura do governante castelhano relativas ao seu relacionamento extraconjugal com D. Leonor de Guzmán (1310-1351), e aos descasos com a política governativa do reino. O mau comportamento desse monarca, aos olhos do franciscano galego foi causador de uma série de problemas, cujos mais impactantes, foram as guerras que ocorreram entre D. Afonso IV (1325-1357) rei de Portugal, e o príncipe castelhano D. Juan Manuel.

16:00 h às 18: 00 h

SABERES MÉDICOS: SAÚDE, DOENÇA E ALIMENTOS NO SÉCULO XII.

Karla Nobre de Souza- (UFG/ CNPq)

Os alimentos e as bebidas eram classificados pelos médicos da tradição hipocrático-galênica na categoria das seis coisas não naturais: ar e ambiente, comida e bebida, esforço e repouso, sono e vigília, excreções e secreções e paixões da alma. Em particular, o importante médico catalão Arnaldo de Vilanova, defende, em seu Regimen Sanitatis Salernitanum, produzida pela Escola de Medicina de Salerno, na Itália, no século XII e depois editada no século XIII por ele, a idéia de que as chamadas seis coisas não naturais são armas da natureza e seus efeitos na saúde dependem de como são utilizadas. O Regimen Sanitatis Salernitanum constitui-se numa obra de caráter dietético, uma vez que se destina às pessoas sãs para que elas possam regular suas vidas. A análise desse documento mostra-nos o caráter preventivo da medicina medieval, já que os físicos deveriam preocupar-se mais com a prevenção do que com a cura das enfermidades.

O TRIUNFO DO BEM SOBRE O MAL NO SERTÃO NORDESTINO

Fabio Fonseca (UNB)

Vencendo o dragão para libertar a princesa, Juvenal, personagem do cordel “Juvenal e o dragão” de Leandro Gomes de Barros, parece ser uma das formas de representação da vitória do bem sobre o mal presente no imaginário popular nordestino. Com uma história semelhante à de São Jorge, elementos éticos e morais cristãos, vindos da idade média, podem ser identificados na epopéia de Juvenal. O tema da luta contra o dragão foi amplamente retratado por artistas desde a idade média e permanece mesmo nos dias atuais, tanto na religião como na arte. Representada pelo gravador pernambucano Gilvan Samico, a história narrada no cordel revela um aspecto medieval presente na cultura popular do

nordeste brasileiro. Transmitido através da cultura oral, da literatura ou das artes plásticas, a permanência do tema pode ser vista como um enraizamento da ética cristã na sociedade brasileira.

BETSABÉIA E OS LIVROS DE HORAS MEDIEVAIS

Isabel Candolo Nogueira (UNB)

Nesta exposição nos propomos a refletir sobre a presença de Betsabéia nos livros de horas medievais iluminados. Nesses livros, sua figuração encontra-se claramente associada aos vícios e virtudes, personificações dos valores que poderiam conduzir o cristão à salvação ou à condenação. Gradativamente, a imagem foi sofrendo alterações iconográficas e sua leitura foi se atualizando. A nudez feminina, antes velada ou esquemática nas iluminuras dos manuscritos, passou a ser cada vez mais evidenciada na figura de Betsabéia, tornando-a veículo para um gênero de nudez com apelo erótico, bem como um contraexemplo para a moralidade da época em que esse signo proliferou-se – a saber, a da passagem da iluminura para a gravura como elementos ilustradores de textos, no século XV.

A SANTIDADE DE CLARA DE ASSIS NAS LEGENDAS MENORES

Amália Silvério Dias (UFG/CAC)

Nesta comunicação me proponho a discutir o meu projeto de Especialização em História, que visa analisar as Legendas Menores de Clara de Assis fazendo um contraponto com a Legenda Maior da santa. O problema colocado é: qual é o modelo de santidade feminina, proposto pela Igreja do século XIII. As Legendas Menores são mais curtas que a Legenda de Santa Clara, que, provavelmente, é um texto da autoria de Frei Tomás de Celano, para tornar conhecida a nova santa, enquanto as Legendas Menores são escritos litúrgicos, foram compostos para serem usadas em suas celebrações foram publicadas em 1914, pelo Pe. Michael Bihl, OFM, na revista *Archivum Franciscanum Historicum*. Ambos os textos provavelmente foram compostos pouco depois da canonização de Santa Clara de Assis.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: CULTURA E IDENTIDADES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA / ANPUH – Seção Goiás

13 A 16 DE OUTUBRO DE 2009

FACULDADE DE HISTÓRIA – CAMPUS II – UFG – GOIÂNIA – GO

Simpósio Temático 22: HABITUS IDENTITÁRIOS: RITOS, MEMÓRIA E MORTE

Coordenadores: Maria Elizia Borges (UFG)

Henrique Sérgio de Araújo Batista (UFRJ)

Deuzair José da Silva (UEG)

Alcineia Rodrigues dos Santos (UFRN)

Quinta-feira, 15 de outubro

14:00 h às 16:00 h

A MEMÓRIA DA ABEC E OS MEMORIAIS CEMITÉRIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (BRASIL)

Maria Elizia Borges (UFG)

O texto se propõe recuperar a memória da ABEC- Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais com o intuito de trocar experiências com outras associações similares. A seguir procura identificar para efeitos didáticos, a produção funerária no Brasil, construída no transcorrer da Primeira República. Ela é proveniente de algumas situações distintas. Nos atuais centros metropolitanos do país, as famílias burguesas datadas de grande poder aquisitivo, importavam mausoléus de “estilo” da Europa e/ou encomendavam túmulos para escultores brasileiros, imigrantes e/ou descendentes de italianos, portugueses, franceses e alemães, alguns dos quais considerados acadêmicos e outros, como modernistas. Neste caso analisaremos o Cemitério da Consolação em São Paulo. Já no interior do país, os cemitérios contêm uma arte funerária proveniente de outras circunstâncias. Em cidades de médio porte, nas quais a instalação das marmorarias locais está atrelada ao progresso econômico da região, as famílias com maior poder aquisitivo encomendavam seus monumentos aos marmoristas de formação européia como é o caso do Cemitério da Saudade da cidade de Piracicaba. Em cidades de pequeno porte, cabe destacar um modelo de cemitério construído em função de uma realidade religiosa e cultural como o Cemitério do Campo, na cidade de Santa Barbara do Oeste , edificado pela Colônia Americana.

SOMBRAS DA MEMÓRIA: A LEMBRANÇA A BEIRA DA MORTE NO CEMITÉRIO DA CIDADE DE GOIÁS

Samuel Campos Vaz (UEG)

Neste trabalho utilizo de alguns aspectos da história, da fotografia e do imaginário social para ter acesso ao momento que considero parte da interrupção da duração da memória. O problema não é a relação da memória com a história, mas dos sentidos atribuídos à parte dessa memória, vista pelos recortes contados, recontados e definidos pela lembrança. Ao analisar as imagens dentro do cemitério, percebemos que a lembrança se distancia, se transformando em reticências da história. A partir daí, a fragmentação da lembrança cria sua imagem própria e outras representações. Mas sabe-se que a descontinuidade interrompe o processo de reprodução da história. Esquecer é deixar de lembrar o que se sabe. E a interrupção e a descontinuidade é tirar o sentido do gesto que se repete, não como algo mimético, mas como algo que cria novos sentidos, novos processos que ajudam compreender a história.

CEMITÉRIO COMUNAL JUDAICO – MANAUS/AM: MEMÓRIA, IDENTIDADE E SIMBOLISMO: UM POUCO DA CULTURA JUDAICA EM TERRAS AMAZONENSE

Maria Terezinha da Rosa Cupper (FAPEAM)

Esta comunicação tem por objetivo colaborar nas reflexões contemporâneas à cerca da morte, mediante atos e atitudes no pós-morte, de diferentes culturas. Aqui evidenciou-se a cultura judaica, presente no Amazonas desde os idos de 1810. Esta comunicação apresenta a localização e caracterização do cemitério comunal judaico (Mearrah) construído em 1928 por Isaac José Perez, que inaugurou-na ocasião do enterro do próprio filho, em 12 de setembro de 1928, quando pela primeira vez em Manaus foi dito o Kadish (oração pelos mortos). O trabalho é fundamentado na Geografia Cultural e evidencia a pluralidade cultural encontrada no Amazonas através de estudos cemiteriais.

DIFERENTES FORMAS DE SE VIVER A MORTE

Cibele de Mattos Mendes (UFBA)

Dos processos conhecidos pela humanidade, ao longo dos séculos, com certeza a reinvenção maior que o ser humano almeja é a erradicação da morte. Assunto discutido em rodas de amigos, parentes, velórios, mesas de bar, passeios de ciclismo, mesas científicas, em todos os ambientes. Cada um emite uma opinião, mas o reconhecimento da finitude da vida não é fácil. Em torno disso, trabalha-se, produz-se, ama-se, discute-se, e criam-se lemas: “plantar uma árvore, escrever um livro, deixar uma semente sob a forma de um filho”, tudo, objetivando perpetuar-se. O que se pretende nesta comunicação é refletir sobre o sentido que a morte adquire na sociedade contemporânea, apresentando alguns traços da vida social, sob a forma das notícias de falecimento e lembranças de luto.

16:00 h às 18: 00 h

REPRESENTAÇÕES DA VIRGEM MORTA: DA PINTURA DE CUNHO RELIGIOSO À FOTOGRAFIA MORTUÁRIA DE USO FAMILIAR

Déborah Rodrigues Borges (UFG)

Este trabalho analisa os principais atributos utilizados ao longo dos séculos para representar a condição de Virgem da mulher, especificamente no registro imagético de sua morte. Para tanto,

recorremos a pinturas que tem como tema a “morte da Virgem”, em referência a Maria, mãe de Jesus. Pretendemos, com isto, resgatar a tradição deste tipo de representação pictórica praticada especialmente a partir da Idade Média. Nestas imagens, identificamos elementos que se consolidaram no imaginário coletivo cristão como identificadores visuais da condição de virgem da mulher morta representada. Percebemos que, nas fotografias mortuárias feitas entre o século XIX e meados do século XX, permanece o uso de atributos da Virgem Maria em retratos de mulheres que morreram antes do casamento ou no parto, como estratégia familiar de construção de uma bela última lembrança deste ente querido que se foi. Assim, o uso de roupas, véus e flores brancas como atributos das virgens mortas, transpõe o campo das artes e passa a integrar o espaço da representação popular, servindo ao propósito de perpetuar a memória familiar da mulher morta associando-a à Virgem Maria.

O DISCURSO MÉDICO SANITARISTA E AS TRANSFORMAÇÕES NOS COSTUMES FÚNEBRES NA REGIÃO DO SERIDÓ, SÉCULO XIX

Alcineia Rodrigues dos Santos (UFRN)

Este texto analisa como o impacto das epidemias que atingiram a região do Seridó a partir de 1850, contribuiu para a ação transformadora sobre os costumes fúnebres e as atitudes da população para com a morte e os mortos. As atitudes dos habitantes da Província do Rio Grande do Norte com relação à finitude da vida tinham como eixo central, durante toda a extensão do oitocentos e primeira metade do século XIX, a familiaridade entre vivos e mortos, relação esta definida pelos rituais efetivados no momento pós morte e pelas inumações no interior das igrejas. Essa última foi largamente utilizada pelos cristãos católicos, e permitia o contato direto entre vivos e mortos. O impacto das epidemias nas transformações na cultura funerária foi fundamental. As doenças provocavam alto índice de mortalidade, tornando inviável o enterramento no interior das igrejas, uma vez que não sobrava tempo suficiente para a total decomposição dos corpos. Logo, tornou-se um dos elementos catalisadores para o discurso higienista que há tempos lutava, sob influência européia, contra o enterramento ad sanctos, com base na prevenção dos males e a favor da higienização pública. Dentro dessa conjuntura, o Seridó, a exemplo de outras regiões brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro, também inicia o processo de laicização da morte.

PISTAS, INDÍCIOS E SINAIS DE UMA NOVA RELAÇÃO COM A MORTE NA CIDADE DE CUIABÁ NO LIMAR DO SÉCULO XX.

Maria Aparecida Borges Barros Rocha (UFMT)

Este texto tem o objetivo de discutir novas relações de homens e mulheres da cidade de Cuiabá com a morte no limiar do século XX, privilegiando num primeiro momento as transformações dos enterramentos das igrejas para os cemitérios que continuam sendo administrados pela Igreja católica e num segundo momento, uma nova relação com a morte a partir da secularização dos cemitérios e da administração dos mesmos pelo poder municipal. A secularização e a transferência da administração dos cemitérios do poder eclesiástico para as instâncias do poder laico gerará, no entanto, um confronto judicial envolvendo em lados opostos Estado e Igreja, além da população dividida em torno de seus principais representantes nas letras e no poder legislativo com manifestações através dos principais jornais da época: A Cruz e O Rebate, defendendo respectivamente interesses da Igreja e do Estado.

EM NOME DO PADRE, DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO: RITOS DE MORTE EM GOIÁS NO SÉCULO XIX

Deuzair José da Silva (UEG)

O presente estudo versa sobre os rituais de morte na província de Goiás e o seu “enfrentamento”, expressos nas disposições testamentárias, nas encomendações, nos registros de óbitos e demais coisas. Aqui como em todo o território nacional a Igreja e as Irmandades exerciam um papel essencial nas ações da sociedade em torno da morte, essas eram encarregadas de propiciar os sacramentos aos moribundos, questão essencial no cotidiano oitocentista. A ritualização tem um grande significado para a comunidade, como: favorecer um bom lugar para o morto; paz e sossego para os vivos; etc. Isto representa a sua visão do além, das práticas do mundo terreno e as relações com o extra-terreno. Ao longo do século a sociedade passa por importantes modificações com a secularização da morte e contínuo abandono das disposições religiosas e o surgimento dos cemitérios seculares.

“ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE”: OS CÂNTICOS FÚNEBRES COMO RITUAL DE MORTE EM GOIÁS

Gleidson de Oliveira Moreira (UEG)

Os cânticos fúnebres, inselenças e ou rezas elaborados pela comunidade camponesa de Morro Agudo de Goiás, Região Norte do Estado de Goiás, oferece-nos uma rica discussão do sentido da morte enquanto construção simbólica tecida num universo cultural particular e em formas específicas e singulares de sociabilidade. Esse universo cultural se encontra inscrito nas práticas e condutas elaboradas na duração do tempo e no espaço por meio da oralidade, “lugar de memória” onde se inscrevem crenças e tradições diversas. Entender a relação entre as orientações familiares, sociais, e religiosas que configuram a constituição dessas imbricações a partir das lamentações e rezas compõem a preocupação central nesta comunicação. Alguns estudos de gênero apontam para a atuação das mulheres na sociedade camponesa como integrantes ativas da vida material (produtora e reprodutora), mas e seus cuidados espirituais com moribundos e mortos? Qual é? O que fazer? Que atitudes adotam diante do morto? Esse é um papel que muitas vezes passou despercebido na historiografia, a exemplo das encomendadeiras de almas e rezadeiras de terços. Dessa maneira, a comunicação atenta também para a visibilidade das experiências dessas mulheres, desvelando atitudes e práticas nos rituais fúnebres. Com os dados históricos orais e a pesquisa bibliográfica, o presente trabalho estabeleceu a relação entre os sujeitos da comunidade de memória e os seus habitus, nosso objeto de análise.

Simpósio: **Historia e Literatura : a partilha de sensibilidades**

Coordenadoras: Profa Dra Maria do Espírito Santo _ UCG
Profa. Dra. Cléria Botelho da Costa – UnB

Comunicações Seleccionadas :

Autor	Título
1 – Ana Carolina Soares	Entre anjos e demônios: as mulheres de Alencar
2 Diana Mara Gerber Orientada de doutorado atual	Entre o amor e o ódio: vidas construídas por sensibilidades construídas
3 Eurimar Garcia	O camponês europeu nas linhas de Honoré de Balzac
4 Gizelda Shirlei Ex orientada Mestrado	Patrimônio cultural e memória em João Pinheiro
6 - Maria das Graças Prudente	A sensibilidade no cotidiano das professoras do sec. XIX através de obras literarias
7- Regia Agostinho	Maria Firmina dos Reis e a escravidão no Maranhão do sec. XIX
8 Eliezer de Oliveira	A poética da dor: a poesia catástrofe de Castro Alves
9- Maria Ligia Fernandes	Homens, mulheres e desejos na obra de Clodoaldo Freitas
10- Luis Antonio Pasquetti	Práticas e sensibilidades na luta pela terra
11-Sainy Veloso Dra , ex orientada	O Horla: bárbaras visualidades sobre o outro na escrita de Guy de Maupassant, no inicio do sec. XX.
12- Tiago Araujo	Nas circunstancias do vivido: Jorge, Yayá e o Bruxo do Cosme Velho
13- Oscar Santana	Uma viagem histórica na estrada de ferro Nazaré – Jequié- Ba
14- Iolene Lobato	O relato de vida como expressão de sensibilidade e realidade social

15 – Flavia Rosa de Morais	A preservação da memória de Quirinópolis via registros orais
16 – Adenor Aires	As representações do feminino na poesia de César Gallejo.
17- Marina Ertzogue	A partilha do sensível: escrita, solidão e masculinidade no sec. XIX
18- Vandeir Orientado atual , não participar	Memória e identidade étnica: a festa da carretagem em São Domingos - MG
19- Zeneide Magalhães Dra , ex orientada	Os sentidos de educar nas narrativas literárias e cotidianas
20 – Cristiano Sampaio	Pelos cordéis da História: o caso Rodolfo Coelho Cavalcante na era Vargas.
21- Edriane Madureira Orientada atual	Cenas da escravidão: os sentidos da escravidão nas representações de Debret.
22- Murilo Borges	O Papel do Escravo e o Escravo de Papel: Contribuições da Literatura na Refiguração da Escravidão no Sudeste Goiano
23- Maria do Carmo Tedesco Dra e ex orientada	Reconfigurações da nacionalidade moçambicana nos romances de Mia Couto e Paulina Chiziane.
24- Antonio João Galvão	O exílio: entre a ficção e a História em “ Paris não é uma festa”
25 – Jaqueline Revoredo	O tempo e o gênero: entre a Literatura e História
26- André F. Voigth	IMAGINAÇÃO E OCULARIDADE NA HISTÓRIA: A CRÍTICA DE GASTON BACHELARD
27– Eli Braz da Silva Junior e Maria do Espírito Santo R Cavalcante	Cora Coralina: a voz que não se pode ouvir

28 – Cleria Botelho da Costa	História e Literatura: dialogo com a sensibilidade
------------------------------	----------------------------------------------------

Não Selecionados

- Magda Pereira – Da eloquência condoreira à luta abolicionista na poesia de Castro Alves.
- -Laura de Oliveira – Entre a ficção científica : o caso do Doutor Benignus
- Diuvanio Borges – Historia e Literatura: diálogos, delimitações e reafirmações de fronteiras